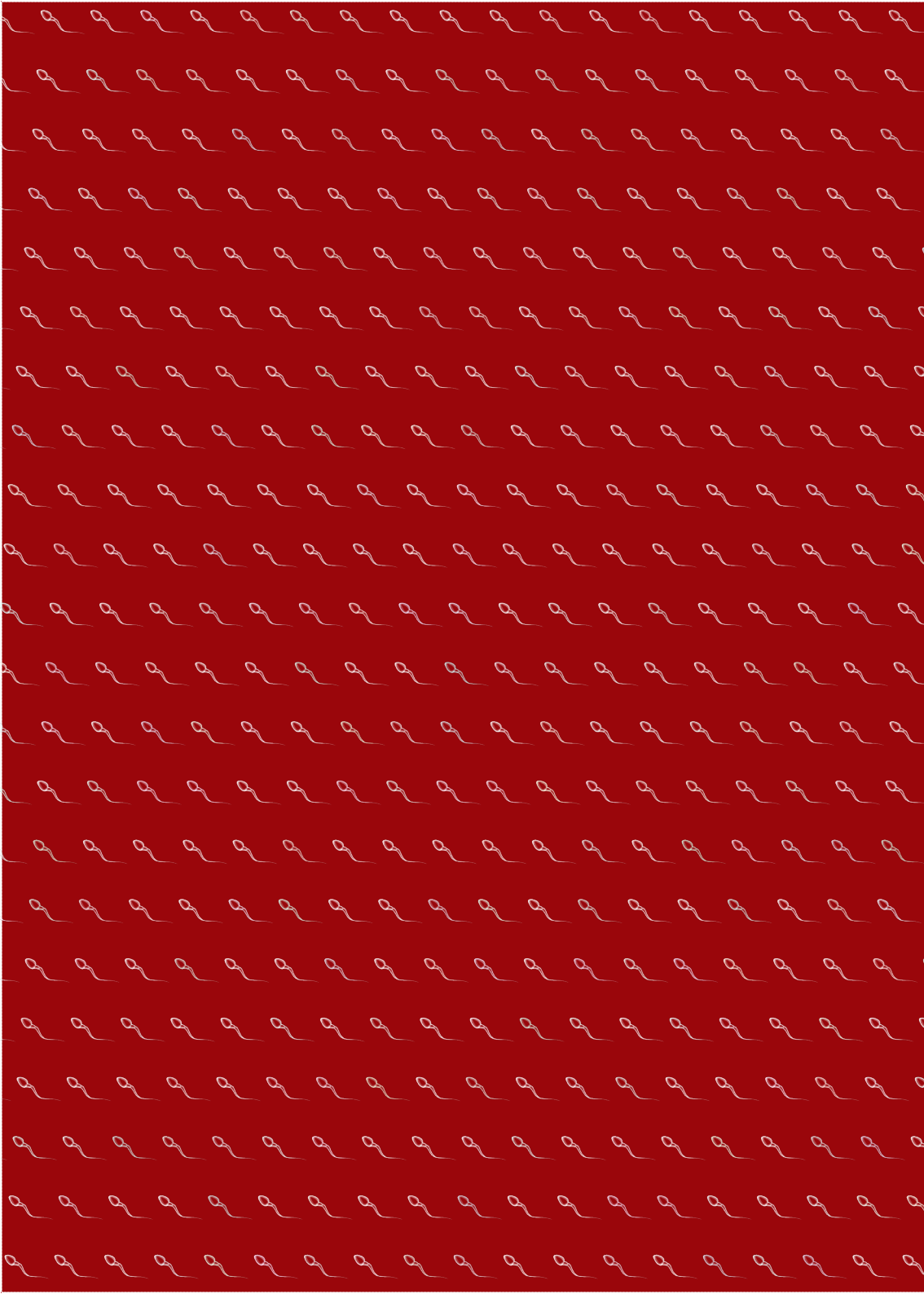
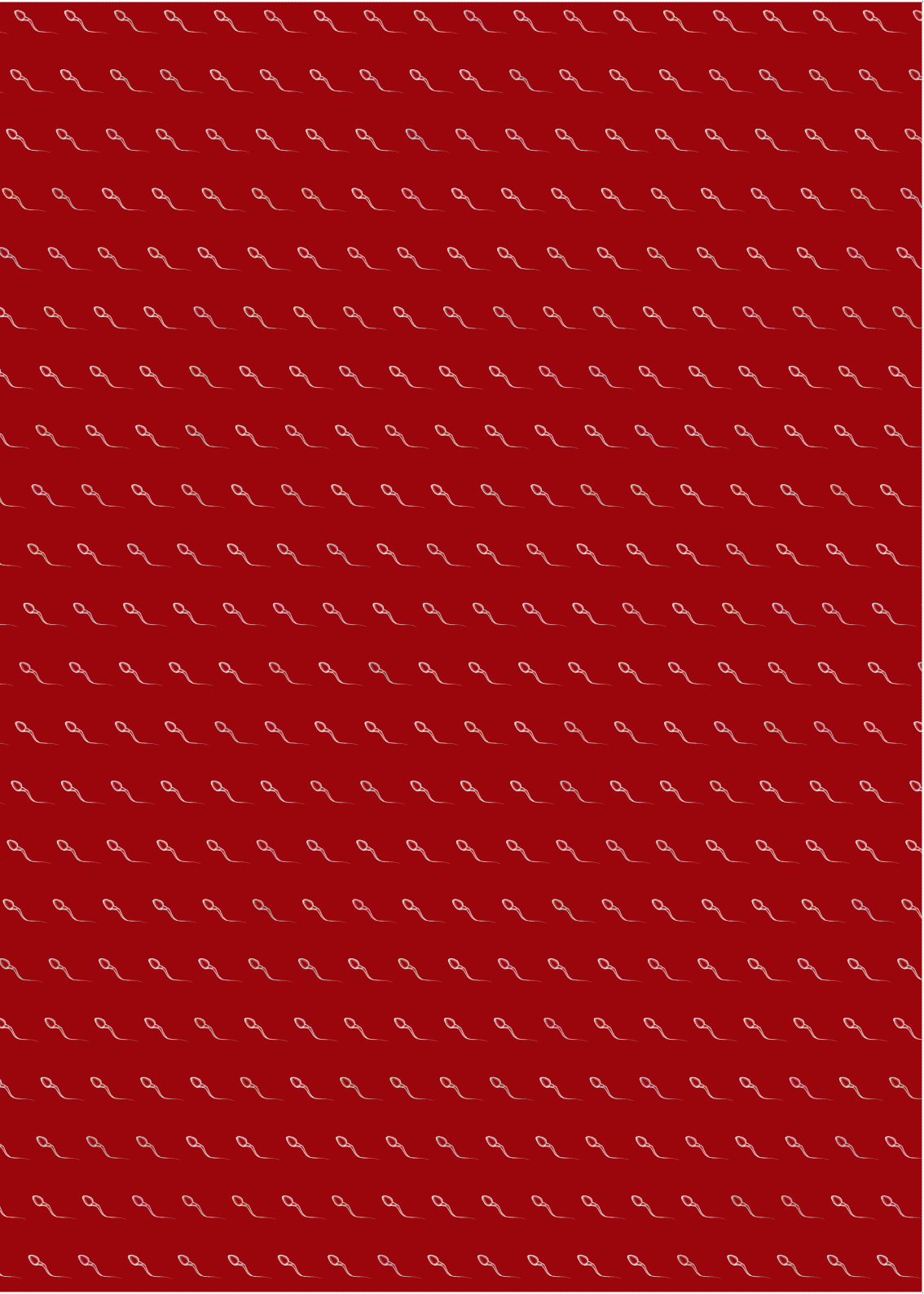




OBSCENO NO PARAÍSO E OUTROS ESCRITOS

MYKE GUILHERME
VINÍCIUS DE OLIVEIRA





**OBSCENO NO PARAÍSO
E OUTROS ESCRITOS**

OBSCENO NO PARAÍSO E OUTROS ESCRITOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará (UFC) para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo, em 2022.

Apuração e Escrita

Antonio Myke Ferreira Guilherme
Carlos Vinicius Gomes de Oliveira

Orientação

Robson Braga

Projeto Gráfico e Ilustrações

Lucas Casemiro



*“Quem és? Perguntei ao desejo.
Respondeu: lava. Depois pó.
Depois nada.” – Hilda Hilst*

SUMÁRIO

Apresentação 12

Prefácio 16

PERFIS

Obsceno no Paraíso 22

Começo, meio, sexo e partida 40

RELATOS

O preço do prazer 57

Quem nunca transou por um mimo? 70

CRÔNICAS

- 78 O Anfitrião
- 83 A melhor
- 85 Você curte fetiches?
- 87 Ah, se eu for lembrar
- 91 Cabeça cheia
- 93 Olheiro
- 95 O melhor de três
- 97 Festa do galo
- 100 Cinelist
- 102 Positiva Viva (HIV)
- 105 Nota 3
- 108 Carta de um usuário
- 112 Ouro dos Tolos
- 114 Toalha azul
- 118 Pequeno grumete
- 121 De quatro
- 123 Ferramenta do pai
- 126 Mesa de bar
- 128 Ribeirão Pedro
- 130 Como alcançar o coração de um homem?

- 133 Agradecimentos
- 135 Nota Criativa

Apresentação



livro “Obsceno no Paraíso e Outros Escritos”¹ é fruto de um árduo trabalho de técnicas jornalísticas e pesquisa de campo para dar luz àqueles considerados marginais ou ainda considerados “pecaminosos”. Peca-se contra a natureza do ser?

O livro dispôs de todo acatamento e liberdade de linguagem que a literatura permite. Não é, de todo modo, um livro ficcional. O que está diante de você são histórias verdadeiras, colhidas in loco, respeitando, de forma ética, a identidade e os limites dos entrevistados, e transformadas em crônicas, sem perder a essência do real. Aliando, assim, técnicas e a liberdade de “brincar” com a linguagem, partimos para contar vivências de personagens distintos, com jornadas únicas e alicerçadas em três pilares: corpo, desejo e dinheiro.

Em tempos em que a punição recai sobre os corpos de forma bestial, na surdina, em uma espécie de abiogênese, nascem as mais improváveis figuras. Entretanto, o “Obsceno no Paraíso e Outros Escritos” não vem apenas para retratar ou muito menos caricaturar homens que tangenciam o socialmente aceito.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

O trabalho é também um protesto onde estudos de gênero são boicotados, corpos reprimidos e ideias laminadas pela foice da censura.

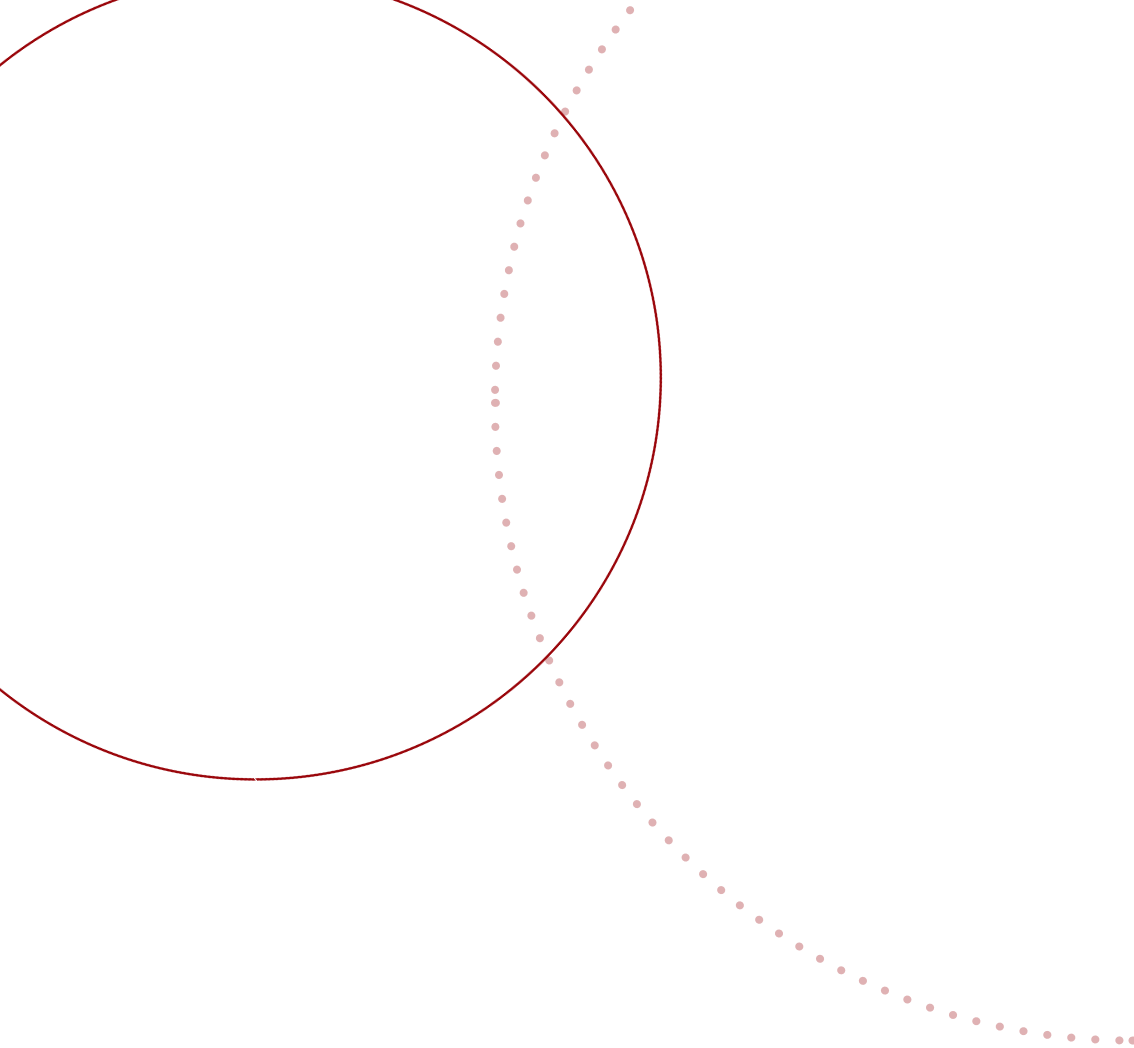
Sem assepsia de lugares, pessoas ou eventos, essa antologia de vidas exploradas com esmero galgou o que há de mais intenso e passageiro dentro delas. O desejo, por exemplo, capitalizado em lugares que oferecem a oportunidade de homens serem o que são no breu. Como um suspiro em meio ao sufoco da *urbis*, tal arquitetura está presente no coração da cidade e quase despercebida. Uma discricção que beira ao esquecimento e que é buscada pelos frequentadores. Esquecer a vida que se tem e irromper o reprimido.

Mas há também aqueles que acolhem e dão vazão aos desejos mais impuros. Sem rancor, culpa ou dor. Performam fetiches, mudam seus corpos e acolhem pedidos impensáveis. O prazer desses homens tem uma crença comum: o dinheiro.

A capitalização de si mesmo ou a “cafetinagem”, que possui maior complexidade e envolvidos, existe desde a antiguidade. Entretanto, com o advento de novas tecnologias, como aplicativos de geolocalização e plataformas com serviços de vídeo de sexo sob demanda, nas quais os interessados assinam mensalmente produções e até shows ao vivo pela webcam, deram uma nova roupagem à dita prostituição e à pornografia.

Nesse palco de sexo explícito e sem roteiro prévio, o livro debruçou-se. A esfera virtual também é considerada neste emaranhado de obscenidades celestiais aqui contempladas. Esquinas movimentadas, silhuetas na baixa luminosidade ou corpos de toalha esperando a melhor oferta migram para a internet. Porém o que está em jogo não é apenas o “gozo”, mas também o afeto, a companhia paga que, segundo os entrevistados, supre vazios, carências e liberdades negadas de outrora.

Diante disso, ao longo das páginas a seguir, caro leitor, deixe sua moral aqui e comece a ler de forma primitiva, como veio ao mundo, sem maldade, pecado ou julgamento. Permita-se excitar-se, se assim for, ou encare com repúdio. Seja como for, o incômodo foi lançado e o propósito do livro “Obsceno no Paraíso e Outros Escritos” alcançado.



Prefácio

Caro leitor, de fato, é possível destacar desde a origem da sociedade, variadas discussões sobre os aspectos do sexo e da sexualidade em nossa dinâmica social. Desse modo, é coerente ressaltar também que existem abordagens distintas sobre tais objetos: de um lado, temos as investigações realizadas por meio de estudos, com a finalidade de compreender a diversidade desse universo, visto que também diz respeito aos aspectos socioculturais, sejam individuais ou coletivos; enquanto do outro, a temática na verdade é cercada de moralismos, que julgam e marginalizam a todo momento uma característica que faz parte da natureza humana. Muitos são os autores de diferentes áreas do conhecimento que ao longo da história apontam diversas problemáticas, principalmente no Brasil, onde as configurações higienistas e os parâmetros ético-moralistas evidenciam e estabelecem as representações do que é aceito socialmente de forma plena e daquilo que é considerado irregular, indecente e condenável.

É muito comum que os diálogos relacionados ao sexo e à sexualidade sejam referenciados de forma muito polemizada, como se tudo aquilo que diz respeito a essas temáticas fossem enquadradas unicamente em definições de promiscuidade e de imoralidade, designações que partem de um reflexo das construções culturais e sociais sobre essas categorias. Insisto em dizer que o sexo, a sexualidade e as práticas sexuais, por mais

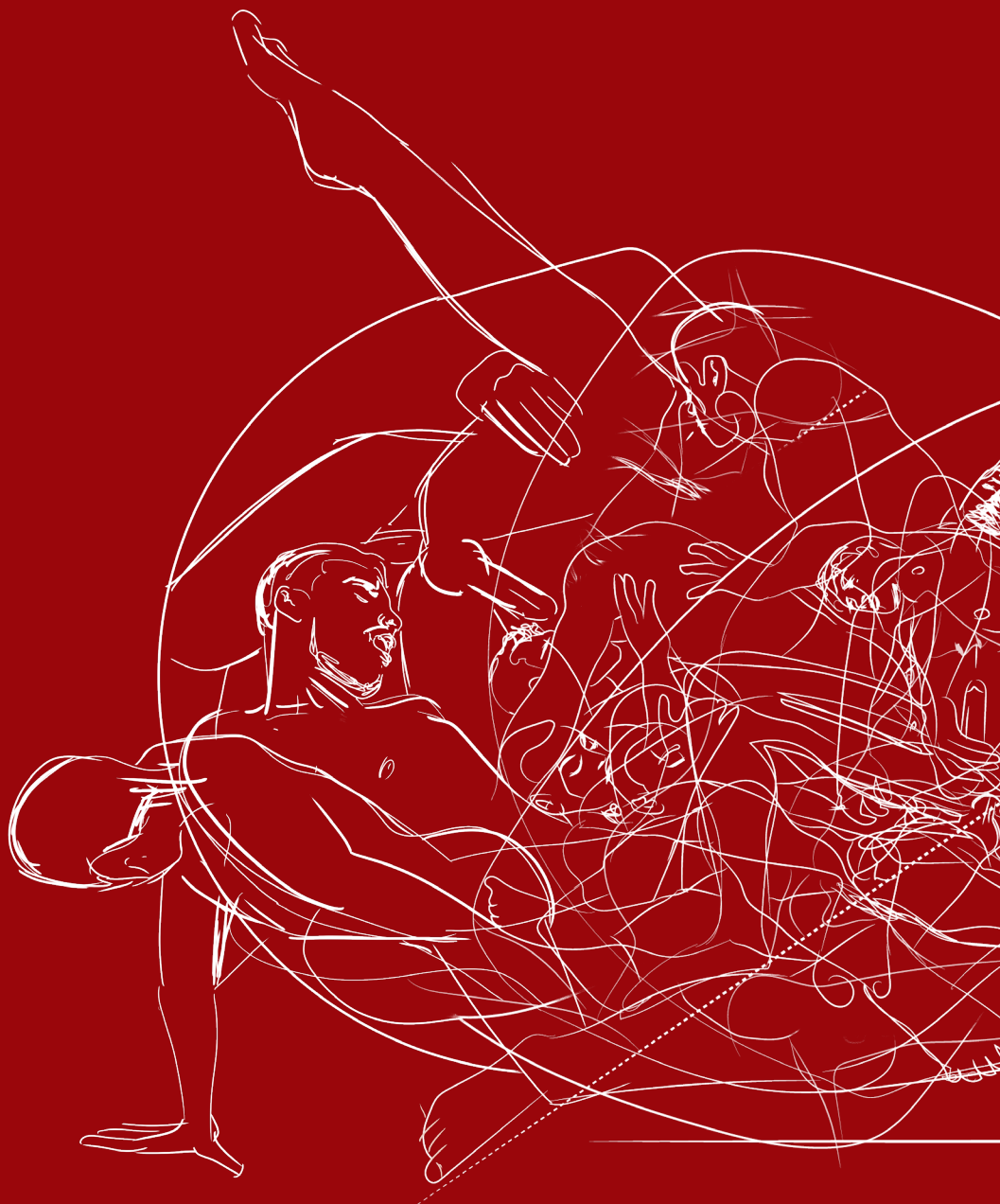
“polêmicos” que signifiquem, nada mais são do que elementos não compreendidos em sua totalidade, mas que permitem interpretar diversas características dos indivíduos em sociedade e seus respectivos desdobramentos no cotidiano.


Partindo desse pressuposto, surge uma extensa produção acadêmica com o papel de gerar um conjunto de análises quanto a essas categorias, com o propósito de compreender quase que minuciosamente cada uma delas. Este livro é assertivo quando tem o objetivo de apresentar aos seus leitores uma série de reflexões e discussões acerca da temática, ainda que sem o viés sério e acadêmico a que estamos acostumados, inclusive, da forma mais comum que poderíamos imaginar: com a realidade da forma que ela é.

Rômulo do Nascimento Rocha

Cientista social e mestrando em Saúde Pública
pela Universidade Federal do Ceará (UFC)

PERFIS





*Oh ! sejamos navegantes,
bandeirantes e guerreiros,
sejamos tudo que quiserem,
sobretudo pornográficos.*

(...)

*Propõe isso a teu vizinho,
ao condutor do teu bonde,
a todas as criaturas
que são inúteis e existem,
propõe ao homem de óculos
e à mulher da trouxa de roupa.
Dize a todos: Meus irmãos,
não quereis ser pornográficos?*

Carlos Drummond de Andrade



A D O R A T I O

Obsceno no Paraíso

Anderson

A curiosidade é um dos motores que conduzem à descoberta. No lampejo da novidade, a escuridão do desconhecido se dissipa. Isso faz parte do dia a dia de todos e é mais evidenciado no universo das crianças. Uma, em especial, continua a cintilar essa luz da curiosidade mesmo aos 30 anos. Em 1992, veio ao mundo aquele que de batismo chama-se Anderson, mas que chegou a ter outros nomes. Não por confusão ou dúvidas, mas inundado da certeza de que ele pode ser muitos, muitas até, na sua completude e orgulho do que é.

Nascido e criado na capital cearense, sempre contou com amor incondicional dos pais e logo fugiu das expectativas tradicionais daqueles que o puseram no mundo. Decidiu ser Naomi e, por fim, também ser Apolo.

Nunca houve, segundo Apolo, o que assumir. Sempre foi, era e ainda é o que é. Sua pluralidade do verbo SER não coube, portanto, no nome colocado sem consulta prévia. Também transbordou e tomou outras formas naquilo que um substantivo próprio, masculino, não comporta. Ele pode ser tudo, até feminino se decidir sê-lo. Assim aconteceu. “Sabia que eu tinha uma tendência ao feminino, que eu não me atraía por mulheres. Até porque eu muito novo já fazia putaria com os meninos da rua. Então aprendi o que era sexo muito novo”, conta Apolo com firmeza na voz.

Brincar pode ter muitos sentidos. Anderson brincou também de muitas formas. E a brincadeira continua firme e forte para Apolo.

Em uma tarde, durante sua infância, a área de casa tornou-se palco das descobertas que mais cedo ou mais tarde aconteceriam. A memória de Apolo falha em precisar a idade – “com seis ou sete anos” –, mas lembra bem dos dois amigos com quem brincou naquele dia. O "trenzinho" ganhou novo significado. Tomado por uma sensação que à época desconhecia ser, sentiu. O toque, a pele, o contato com aqueles outros dois meninos despertaram em Anderson uma pulsão sobre a qual a ciência se debruça há muito tempo e que é enraizada na essência do ser humano: o desejo. "A gente era muito novo e eu entendi que aquilo era o que o homem e a mulher fazem. Eu estava na cadeira, lá na área, aí éramos três amigos" – Apolo prefere não identificá-los. “O do meio sentava no colo do mais velho, que era o ‘machão’ e eu sentava no colo do menino do meio, ficava fazendo trezinho”, lembra com brilho no olhar de uma infância inocente, que a idade adulta ressignifica.

Mal sabiam os garotos, mas estavam sob olhos vigilantes. A irmã mais velha de Apolo estava à espreita através da janela. “Ela viu toda a putaria.”

O lampejo de curiosidade no gênio de Anderson continuou a guiá-lo. Nisso, em um dia de enfado, ao zapear os canais de televisão, antecedeu uma descoberta que o levaria a decisões na vida adulta. Se Apolo pudesse, voltaria no tempo e agradeceria àquele Anderson, afundado no sofá da sala, por continuar ali. O primeiro obstáculo que o separava do novo logo foi perpassado. Uma senha padrão “000” digitada na despretensão de quem assiste à televisão e busca conteúdo mais interessante. E achou naquela tarde.

Tomado de assalto por gemidos e uma nudez diferente, logo tratou de baixar o volume com rapidez. E ficou fixo observando todos os detalhes, curvas, movimentos, rigidez e expressões

mostradas na tela muda. Ao relatar, ri alto com a lembrança do episódio. “Eu senti uma euforia, uma excitação, sem saber o que era. E inveja delas. Já me atraía pelo pau, entende? Só que eu não percebia, mas eu tava gostando de ver aquilo porque eu tava gostando de ver aquele homem pelado.”

No caminho, porém, há dicas. Deixas que o tempo mordaz crava na vida até daqueles recém-chegados neste mundo. Dicas essas que podem vir até desfilando. Numa tarde qualquer, assistindo à *Sessão da Tarde*¹, Anderson viu-se encantado com o filme Xuxa Popstar, mas não exatamente pelo filme em si. Um elemento masculino e atraente, o ator Luigi Baricelli, que interpretava o par romântico de Xuxa, foi quem roubou sua atenção. Naquele momento, ele quis sê-la. Usou da arma de munição infinita na infância: a imaginação. “Eu estava no quarto dos meus pais vendo o filme. No final, a Xuxa desfila com a participação do Luigi Baricelli, e então ela o beija. Eu fui pro lado da Xuxa na tela e beijei a televisão”, lembra como se estivesse ele mesmo beijando o ator.

Até no ambiente seguro da imaginação infantil pode reverter-se “traidores”. “A minha irmã também me pegou fazendo isso e passou a infância toda me chantageando.”

As descobertas não pararam por aí. Segundo Apolo, a energia do desejo sempre o percorreu desde cedo, mesmo desconhecendo a potência de tal energia. O objeto, entretanto, sempre pareceu claro: o masculino. Dar moldes a essa energia ele também descobriu quase como por acaso, beirando à obriedade da senha “000” do canal adulto da televisão a cabo. As telas, então, continuaram a ter um papel importante em sua vida. Agora, estava prestes a descobrir o *modus operandi* que o desejo pode ter.

¹ Programa da TV Globo que exhibe filmes, de segunda a sexta-feira, nas tardes da emissora

Aos 8 anos de idade, no quarto dos pais, quando estava sozinho após chegar da escola, correu para ver televisão. Dessa vez, gemidos altos. O que parecia dor, logo tomou outro significado para o pequeno curioso. “Os atores eram todos brancos, a atriz - eu ainda lembro - era ruiva, a perereca dela era cabeluda e ruiva; e o homem simplesmente mijava nela. E eu achando aquilo maravilhoso, que aquilo era sexo”, relembra aos risos.

Não tardou muito para Anderson ter suas próprias experiências sexuais.

Já com 14 anos, ele se aventurou em salas de bate-papo online, onde conheceu Breno, um homem mais velho, na faixa dos “trinta e tantos anos”, bonito, forte e másculo. Bem interessante aos olhos dele e nada mal para sua primeira vez.

O encontro aconteceu após não muitas mensagens trocadas. Apesar de inexperiente, ele sabia o que estava prestes a acontecer. Breno adotou um discurso acolhedor e prometeu até namoro ao novato Anderson. Este, quase acreditou. “Eu fui pra casa alisando as costas dele. Eu era muito apaixonada - e retardada.” A experiência não reservou muitas facetas. Aconteceu em uma rua pouco movimentada no Benfica, bairro tradicional de Fortaleza. Os bancos traseiros foram afastados, de maneira que formassem algo aproximado de uma cama, e o ato aconteceu. “Ele me comeu de frango assado no banco traseiro do carro. Com camisinha. Até prometeu namorar comigo, só que ele só queria meu cu”, Apolo fala com a certeza da ferocidade que Breno lambuzou-se de Anderson naquela rua.

O ritual de assistir aos canais proibidos virou rotina. Anderson tinha sede de pornografia. De entendê-la e entender-se a si mesmo. “Quando eu assistia um pornô, eu olhava pra mulher e, pelo fato de eu me atrair por homem, eu automaticamente pensava que eu tinha que assumir o papel dela. Eu não entendia o que era gay, eu não sabia o que era gay. Eu entendia que, se eu me atraio pelo ator pornô, eu tenho que assumir o papel de atriz pornô. Foi aí que

eu entendi que eu era passivo porque eu me excitava mais - não excitação de ficar de pau duro - me vendo no lugar dela do que dele”.

Ainda na puberdade, não demorou para que a ideia de ficar com dois homens lhe parecesse viável. E começou a busca por realizá-la. “Quando eu transei a primeira vez, com 14 anos, já foi uma coisa atrás da outra. Logo descobri o que era pornografia gay, já marcava com cara estranho pra sair... Quando eu transei a primeira vez minha sexualidade se acendeu.”

Na época, deslumbrado com aquele novo mundo, ele se jogava de cabeça nas oportunidades que surgiam, sem pensar no que lhe podia acontecer. “Hoje eu morro de medo de sair com estranho, com medo da homofobia. Aos 14 anos, o cara me falava ‘*ei, vamos ali*’ e eu ‘*vamos*’. Uma criança, sem saber de nada”.

E foi.

Com o auxílio de André - um rapaz que conheceu através de chat *online* e com o qual teve alguns encontros - a trindade aconteceu. Na casa do novo amigo, o desejo foi saciado. Ele gemia alto enquanto André mandava-o calar a boca. Sabia que ali, estava saciando um desejo antigo. Ou, como apagar um incêndio com gasolina, aquela vontade só ampliava. Gostou. Consentido. Soube ali que sexo passivo era sua maior fonte de prazer e se entregou como pôde aos dois homens.

Naomi

Os anos se passaram e aquele garoto curioso começou a sair de cena para dar lugar a outra personagem e, por que não, personalidade. Alguém que, segundo ele, sempre existiu e de alguma forma sempre influenciou sua vida e ainda influencia: Naomi.

“Eu sempre soube que eu tinha essa mulher dentro de mim e que mais cedo ou mais tarde eu ia externalizar. Até que teve um dia que eu tomei o primeiro passo: ‘vou comprar hormônio para tomar’.”

A transição enquanto pessoa trans começou aos vinte anos de idade. Sem conflitos internos, Anderson deu passagem, brevemente, a Isa, uma homenagem à família - “I” é a inicial da mãe; ‘S’, da irmã; e ‘A’ a do pai”. Mas Isa não representava a personalidade que estava a aflorar. Isa era casta e pura, como o significado do nome em si. Isa era um nome mais amador, um “*first album*” por assim dizer. Logo ela daria lugar a Naomi, um nome mais “*business*”. A inspiração? A modelo, claro.

Os anos como Naomi foram repletos de descobertas, provas de amor e até violência. Um corpo trans também é um corpo político e está à mercê do preconceito que ceifa corpos diariamente no Brasil. Segundo um dossiê elaborado pela Antra (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), foram 175 travestis e mulheres transexuais assassinadas no país em 2020. Considerando o ano anterior, houve um aumento de 41% de casos, quando foram registrados 124 assassinatos. Os números foram divulgados no dia 29 de janeiro de 2021, Dia Nacional da Visibilidade Trans.

A pesquisa “Assassinatos e Violência Contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2020” mostrou também que o Ceará foi o segundo estado que mais mata pessoas trans no Brasil. Entre 2017 e 2020, foram 62 casos de assassinato, ficando atrás apenas de São Paulo, com 80 casos.

Mesmo em meio a tanta violência, Naomi resistiu como pôde durante os duros dois anos que foi ser pessoas trans.

Quando decidiu trazer à tona essa feminilidade que sempre existiu, Naomi começou a transição com hormônios. Logo deixou o cabelo crescer e tomou conta de todos os elementos do universo feminino: roupas, maquiagem, saltos altos, cabelo grande. Dentro

de casa, mesmo não concordando, os pais nunca a repreenderam, algo que contribuiu para ela mesma não reprimir a mulher que estava a desabrochar no seu peito. Deixou-a sair e não tardou para que Naomi tomasse conta daquele corpo. “Tenho pais maravilhosos”, e os olhos brilham.

Ela sempre teve bom gosto para homens. Do tipo másculo, malhado. Quanto mais heteronormativo mais arrancava suspiros de Naomi. Não demorou a se aventurar em sites de relacionamento, principalmente em plataformas de videoconferência onde é possível interagir com perfis aleatórios. Ela gostava de se exibir, de se ver na tela e constatar “como estava mulher”. Orgulhava-se disso.

Não demorou até encontrar Fábio [nome fictício], um dos homens mais bonitos com quem Naomi se deitou. “Ele era lindo, padrão hétero, corpo sarado, loiro dos olhos verdes. Me levou num motel, me comeu e depois começou a me chupar. Em seguida, queria que eu comesse ele. Não fiz, né? No máximo, me chupar. Naomi sempre foi muito xoxota”, relembra Apolo.

Além de Fábio, outro homem marcou as experiências afetivas e sexuais: Simone, um italiano de meia-idade que vivia em Fortaleza. Naomi o conheceu por intermédio da amiga Bruna, uma amiga travesti que trabalhava nas noites.

Simone queria uma experiência a três e estava disposto a pagar bem pelos serviços. O pagamento, 180 reais - que seria dividido entre as duas - não era ruim, mas Naomi aceitou o convite mais pela curiosidade do que pelo dinheiro em si.

Apesar da negociação financeira por trás, a experiência foi positiva. “Bruna era ativa com ele. Então eu que dei. E eu amei. Foi maravilhoso. E, enquanto minha amiga estava dormindo - tava os três na cama -, ele veio por trás e roçou em mim. Eu não dormi. A gente passou a madrugada trepando.”

O encanto com o *t-lover* - pessoa que tem atração sexual e

afetiva por travestis e transexuais - no entanto, logo caiu por terra após um episódio de assédio. Os dois mantiveram contato por *WhatsApp*. Em uma das conversas, veio o convite. “Ele disse “vem aqui pra casa para eu te comer de novo, só tu, sem a Bruna. Mas eu quero que tu me coma.” Naomi, que não se sentia confortável com seu membro, prontamente recusou, deixando claro seu incômodo diante da proposta. Nervoso, Simone a atacou: “se você quer ser puta você tem que aceitar o que o cliente te propõe”.

Foi a última vez que se falaram.

Ela sabia que a fetichização do corpo trans corria solta no imaginário dos homens com quem saiu. Mas Naomi nunca mendigou afeto; sempre recebeu tudo aquilo que desejou. Aceitou-se de forma incondicional. Sobretudo, com o apoio daqueles que a amaram.

Humana, Naomi Lima sofreu a imposição de padrões, sacrificou-se como pôde para tornar-se e permanecer mulher. Arriscou a própria vida, quando conduziu sua transição por conta e risco, abusando de reguladores de hormônios que a levaram ao hospital com início de um Acidente Vascular Cerebral e comprometimento no fígado. “Eu acessava o *YouTube*, via vídeos de travestis dando dicas, aí eu comprava Diane 35, Repopil 35, Perlutan, Ciclo 21, Climene... Passei mal. Além disso, sofri um atentado transfóbico que me causou pânico por um bom tempo. Eu me vi apanhando ou morrendo.”

Aconteceu em 2015, aos 22 anos, quando, segundo aquele que a deu corpo e voz, ela atingiu o seu pico de feminilidade: cabelo grande, unhas bem pintadas, roupas curtas e uma pele de causar inveja. Tamanha foi a sua presença como mulher que causou dúvidas até aos seus algozes.

Tudo aconteceu em uma noite quando ela saiu com um grupo de amigos para o entorno do Centro Dragão do Mar, região famosa pelos seus bares e ares de boemia. Naomi percebeu olhares

estranhos, que a atravessavam com raiva, sem pena. Um ódio estampado na cara daqueles que a desconsideravam como tudo, sobretudo como pessoa. Atenta à situação, ela correu para junto de dois amigos, Pedro e Matheus. Não satisfeitos, aquele grupo de homens estranhos começou a perseguir o grupo de amigos. “Corri com os meninos para dentro de uma lanchonete e me tranquei no banheiro, com medo. Disse que tinha ligado pra polícia - blefei. Foi quando eles se espantaram e saíram. Então, o meu amigo veio me deixar em casa. No outro dia eu desisti”, relembra.

Naomi estava pronta para dar o próximo passo que a tornaria “ainda mais mulher”: a cirurgia de redesignação. Entretanto, não levou adiante. Percebeu, como um brilho no escuro, que já era mulher, poderia ser mulher, com ou sem cirurgia. Mesmo breve, sua passagem pelo mundo foi de muita intensidade, paixão e vida. Como toda flor, após o desabrochar, aquela mulher foi perdendo força. Jamais murchou ou foi cortada do seu peito. Naomi cingiu aos poucos para dentro dele e lá, ainda permanece. Vigilante.

Como todo ciclo, este estava fadado ao fim. Foram dois anos de intensidades, com o peito aberto, livre, vulnerável a tudo e a todos. Assim, Naomi deixou marcas na vida de Apolo, que ele lembra com bastante carinho. “Era uma vontade avassaladora, absurda que eu tinha de viver como mulher e eu posso dizer que eu realizei. Se durou ou não, não é a questão. Eu realizei o meu sonho de ser duas pessoas nessa vida. Ter tido o gosto de ser mulher, como eu sempre quis”, conta com firmeza na voz.

“Um sonho não precisa ser eterno”.

Naomi saiu de cena, dando lugar ao adormecido Anderson - que logo dividiria o palco com Apolo. Foi natural, apesar de abrupto e intenso, como sempre fora. Do dia para a noite se desfez das roupas femininas, raspou o cabelo, entrou na academia e aceitou a ideia de voltar a “ser homem”.

Apolo

Nessa nova fase, alto e bonito como é, e já com o corpo masculinizado por conta da academia, começou a se exibir na internet. O *Facebook* estava no seu apogeu e os grupos na rede social estavam em alta, principalmente os com temática sexual. Exibicionista por natureza, Anderson encontrou neles um olimpo para a sua nudez. “*Tava* no auge mandar nude. Foi quando a expressão “nude” surgiu. Aí comecei a postar fotos minhas, recebi muitos elogios e criei um *Tumblr*. Mas um amigo disse ‘Cara, *Tumblr* não rola; melhor tu criar um *Twitter*’.”

Em dezembro de 2017 nascia Apolo Sanchez, um obsceno naquele paraíso pornográfico.

A escolha do nome não foi ao acaso. Ele queria um nome imponente, forte, chamativo, que remetesse ao sexo, que exalasse sexo. Veio Apolo, que significa “espírito do calor”, e na mitologia grega é o “deus mais belo entre todos os deuses”. O Sanchez, por sua vez, foi inspirado numa participante do *reality show* norte-americano *RuPaul’s Drag Race*. “Eu não queria uma coisa americanizada, queria um nome latino. Eu pensei só em um nome latino que seria legal e veio o Sanchez na cabeça. Na época, no *RuPaul’s Drag Race* tinha a Tyra Sanchez, que eu gostei muito da participação dela. Aí eu achei legal e botei.”

No *Twitter*, inexperiente com a nova ferramenta digital e ainda não pensando em monetizar seu sexo, começou a postar vídeos. Amadores, mas com potencial. As pessoas foram enaltecendo cada vez mais sua performance, sua entrega. Vaidoso nato, os elogios eram para ele como a água para Narciso: um espelho das suas qualidades. Não demorou para chamar atenção de outros

devassos. Foi quando teve o primeiro contato com um ator pornô. “O Antonio Biaggi, aquele ator sacudo, chegou pra mim e disse assim: “Cara, não posta o vídeo completo, porque se tu resolver vender teu material ninguém vai comprar. Tem que postar dez segundos’. Pronto, surgiu a vontade!” Aos poucos, Apolo foi fazendo amizade com pessoas do ramo pornográfico e nelas se espelhando.

Como todas as decisões em sua vida, diretas e bem resolvidas, não demorou e, em 2018, lá estava ele a caminho de São Paulo, onde tudo acontece, em busca da sua primeira experiência como ator pornô profissional. Mas não foi tão simples quanto ele havia imaginado que seria. Aquela selva de pedras não facilitaria as coisas. Logo ele descobriria que não existe amor em SP, com seus bares cheios de almas vazias. A produtora com a qual ele havia feito toda a negociação o dispensou quando ele já estava na cidade para as gravações. “Foi frustrante porque eu fui pra São Paulo pra gravar com o Meninos Online. Eu desembolsei a minha passagem pra chegar lá e eles simplesmente falarem ‘não vai rolar’. Falta de consideração, profissionalismo”, relembra.

No entanto, Apolo Sanchez não é só calor, não é fogo, é incêndio; daqueles que se alastram por vários hectares, difíceis de apagar. Ele já estava naquela cidade, a quase 3 mil quilômetros de casa; não iria voltar sem completar seu objetivo, e não seria a negativa de uma produtora que o pararia. Determinado, ele rapidamente contactou outras produtoras. “Eu falei com a Mundo Mais, uma produtora profissional, com trabalhadores maravilhosos. Eles super me acolheram e deu tudo certo.” Em pouco tempo sua cena já estava online. O sucesso do vídeo foi rápido. Logo estava bombando nas redes, o que o fez ser chamado para filmar mais cenas com a Mundo Mais.

De volta a Fortaleza, apesar do sentimento de realização, Apolo queria mais do mundo. Ele só estava começando. São Paulo tinha apenas aberto um leque de possibilidades. Começou

a imaginar-se além-mar. “Eu comecei a ficar desesperado pra viajar pra Europa. Eu sentia aquela necessidade me corroendo. Era algo que eu almejava, que eu sentia tesão, que sentia fome. Era algo que *tava* me consumindo.” Mas, cruzar o Atlântico não seria tão fácil quanto ir até a capital paulista. Demandaria bem mais em recursos e os recebidos com os pornôs recém-filmados mal pagaram os custos da viagem anterior.

Foi quando um amigo sugeriu a criação de um perfil no Câmera Privê. Com isso, Apolo começou de vez a monetizar seu sexo fazendo shows na webcam. Pelo teor de seus vídeos no site, rapidamente começou a chamar a atenção de estrangeiros. Quando se deu conta, já estava vendendo vídeos sob demanda para o exterior, fazendo valer os cursos de inglês que seus pais pagaram durante toda a sua infância e adolescência. “Eu sempre soube inglês, né. Isso foi uma coisa primordial pra minha carreira porque eu posso ganhar em dólar, já que eu sei me comunicar com pessoas de fora. Depois do Câmera Privê eu passei a vender vídeos pra gringos, depois viajei pra Europa pra filmar lá.”

Com o perfil no site e a venda dos vídeos, conseguiu juntar dinheiro e realizar o sonho da Eurotrip. Em fevereiro de 2019, partiu para o velho mundo. Durante o mês que ficou por lá, passou por Paris, na França, e Barcelona, na Espanha, lugar pelo qual se apaixonou. Se tivesse que sair do Brasil, Barcelona seria seu destino - talvez ainda o venha a ser. Ao todo, gravou com quatro produtoras: *FuckerMate*, *Eric Videos*, *Crunch Boy* e *Macho Fucker*. Ao ser questionado sobre a principal diferença entre gravar no Brasil e no exterior, ele é assertivo: a camisinha. Segundo conta, lá a regra é não usar e, dificilmente, se encontra uma produtora na Europa que opte pelo uso do preservativo. “Eles nem fazem teste. Na Eric Vídeos eles falam assim ‘A gente não faz teste; você grava o vídeo se você quiser. Você é um adulto, você escolhe o que quer da sua vida’. É sexo. A gente tá ali pra ganhar dinheiro. Eles só precisam da gente pra alimentar o site. Eles não querem saber.”

Além desse ponto, Apolo também notou outro aspecto no comparativo entre produtoras nacionais e internacionais: a questão do profissional. Lá, as produtoras são bem maiores, a qualidade do vídeo é maior, a qualidade da cena é melhor, os atores são melhores. Quando se deu conta, estava gravando com um ator “top de linha” do pornô mundial, o venezuelano Viktor Rom, o mesmo para o qual ele havia se masturbado tantas e tantas vezes assistindo aos vídeos. “Foi um sonho realizado”, recorda entre suspiros e um largo sorriso.

Como na era das redes tudo é muito rápido, seus filmes chegaram ao Brasil antes mesmo que ele retornasse. Já de volta ao país, começou a ganhar fãs e admiradores. Admiradores estes que queriam além do que simplesmente admirá-lo, queriam, de alguma forma, tê-lo. Foi com este objetivo que um desconhecido o contactou via DM², no seu *Twitter*. O estranho, um padre, tinha uma proposta para ele. Mas engana-se quem imagina que o sacerdote intentava convertê-lo. De fato, queria pô-lo de joelhos, mas para um outro tipo de ritual, menos sacro, mais profano.

De imediato, Apolo não demonstrou interesse - e realmente não tinha. Primeiro, porque aquele homem estava em Belo Horizonte, e o fator distância era relevante; segundo, e não menos importante, fazer programa nunca foi algo que ele gostasse, apesar de já tê-lo feito. “Eu detesto fazer programa, tenho pavor a isso. Eu não tenho pavor a quem faz, claro. Mas, para mim, eu não consigo. Eu gosto de transar com quem eu quero”, declara.

Conversa vai, conversa vem, ainda a contragosto, ele acabou por dar abertura às negociações com o clérigo. Afinal de contas,

² *Direct Message* ou Mensagens Diretas são a maneira de usuários conversarem privativamente com outros usuários do *Twitter*

o homem estava disposto a pagar caro para metê-lo no avião ao seu encontro. Inexperiente quanto a valores, consultou um amigo da área. Apesar da sugestão de mil reais, Apolo lançou o valor de 700 reais por uma diária; mais passagens, hospedagem e alimentação. O homem do outro lado da tela prontamente aceitou, sem hesitar, tamanha sua excitação frente à possibilidade de realizar seu desejo.

O encontro dos dois aconteceu no Hotel Samba, localizado numa movimentada avenida, na região central da capital mineira. O investimento tinha sido alto, as expectativas estavam na mesma proporção, mas para a decepção do padre, o devasso adoeceu pouco antes da viagem. “Eu fiquei doente da garganta, então não beijei na boca dele e não chupei. Foi super frustrante pra ele, que pegou o dinheiro do dízimo pra poder me pagar. Além disso, eu não quis dar mais de uma vez”, relembra aos risos e, ao contar o episódio, utiliza a história para reafirmar sua não aptidão para a prostituição. “Para ver como eu não nasci pra ser prostituto porque eu não gosto. Se eu não sinto tesão eu bloqueio total; quero apenas sair dali. Meu lance é realmente virtual. Eu nasci pra fazer o virtual. Programa, não.”

Não bastasse o investimento sem o retorno esperado, no dia seguinte o sacerdote ainda precisou desembolsar mais um extra para o Uber que levaria Apolo até o aeroporto, onde pegaria seu avião de volta para Fortaleza. “Na hora de ir embora, ele me deu 700 e eu falei ‘Quero mais 70 pro Uber’. E ele disse: ‘Pô, já te dei os 700’. E eu: ‘Sim, esse foi o dinheiro do programa, quero o do transporte’. Ele me deu. Aí eu fui de ônibus mesmo pro aeroporto, pagando pouquinho”, revela o detalhe em meio a gargalhadas.

Com o passar do tempo, e a visibilidade no *Twitter* aumentando, recebeu um convite do qual se orgulha bastante: ser embaixador da Andrew Christian, marca de roupas íntimas norte-americana voltada para o público masculino - principalmente gay. Com isso, passou a receber gratuitamente cuecas da marca com o objetivo de divulgá-las nas suas redes sociais. “É um prestígio ser representante

deles, porque tem muito ator top que é embaixador e eu me sinto incluso no meio deles. A AC é uma grande marca gay mundial. Então, eles me mandarem cueca para eu ser a blogueirinha deles, isso é um prestígio.”

Tudo estava em ascensão para Apolo quando iniciou-se um evento que pararia o mundo: a pandemia da Covid-19. Assim como as pessoas, de uma forma geral, o medo daquele vírus desconhecido o consumiu. Viu seus planos de fazer novos filmes em 2020 irem por água abaixo. Mas ser gay é entender o que é medo de vírus, principalmente de um específico, ainda estigmatizado e muito equivocadamente associado à população LGBTQIA+: o HIV. E há muito tempo Apolo já não o temia. Então, não demorou para perceber que teria de aprender, mais uma vez, a conviver com o monstro de um vírus à solta, o rondando. Logo se reinventou.

Naquele mesmo ano, seguindo uma onda global, criou uma conta no *OnlyFans*, uma plataforma onde criadores de conteúdo (em sua maioria eróticos) podem cobrar de outros usuários que acessam sua página. Segundo uma reportagem publicada no *El País*, Thomas Stokely, chefe de operações do site, disse numa entrevista em maio daquele ano ao site *BuzzFeed* que a plataforma registrava cerca de 200.000 novos usuários e 7.000 criadores de conteúdo a cada 24 horas³.

Ganhando \$9 dólares por cada assinatura em seu perfil, cerca de 55 reais na cotação atual, foi a maneira que Apolo encontrou de se firmar nesse mercado sem precisar se prostituir. “Por conta

³ ZEREGA, Georgina. ‘Only Fans’ aproxima milhares de jovens da prostituição na América Latina. México, 6 dez. 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/>

sociedad/2020-12-06/only-fans-aproxima-milhares-de-jovens-da-prostitucion-na-america-latina.html>. Acesso em: 1 jan. 2022

dos meus vídeos, as pessoas já deduzem que eu faço programa. Eu até entendo; é de se esperar. Se você faz pornô, só pornô não dá dinheiro. As pessoas fazem pra abrir um catálogo, fazer um portfólio pra poder se prostituir. São pouquíssimas pessoas que fazem só pornô. Elas criaram essa possibilidade agora com o surgimento do *OnlyFans*, que o ator ganha oitenta por cento do que produz. Aí dá pra você ganhar uma graninha. Foi aí que me consolidei no ramo”, afirma.

Mas Apolo, no entanto, não parou por aí. O advento das vacinas contra o Coronavírus possibilitou uma tímida retomada econômica e um ensaio de retorno à “vida normal”, mesmo com restrições. Com isso, novas oportunidades foram surgindo para ele. Dentre elas, começou a ser chamado para shows de sexo ao vivo em saunas, cinemões e um *cruising bar* de Fortaleza. Atualmente segue aliando seu trabalho no *OnlyFans* com as apresentações nas noites de sábado da cidade alencarina. E o *Twitter* segue sendo seu principal meio de divulgação, com seus mais de 130 mil seguidores.

E segue sendo quem é, mostrando-se da forma mais aberta possível, nos mais amplos significados que esta frase possa ter. Segue sendo esse trinômio, essa trindade, esse ser e não ser. Segue sendo Anderson, Apolo e, por que não, Naomi ou até Isa. Independentemente de quem seja ou de como o seja, ele não tem medo de ser. Apenas é.

“Eu vivo nessa dualidade. Se hoje eu acordar me sentindo mais macho, eu vou agir mais macho o dia todo. Se eu acordar me sentindo uma vagabunda eu vou botar uma lingerie, postar foto no Twitter, me feminilizar, esconder meu pau. E no outro dia posso acordar Anderson, no outro dia posso acordar Isa, Naomi...”



O L E V A N T E

Começo, meio, sexo e partida

Cursar o ensino superior abre um leque de possibilidades. É um novo mundo que começa, são descobertas diárias, novos aprendizados, novas amizades e experiências antes inimagináveis. Aos 17 anos, Otávio [nome fictício] sabia que estava ingressando rumo ao desconhecido quando iniciou o curso de Moda, em 2012, e estava aberto aos desafios que enfrentaria. Mas o que estava por acontecer vai além das expectativas de qualquer universitário.

Foi numa noite de sábado que ele esbarrou com Thiago [nome fictício] nos arredores do Centro Cultural Dragão do Mar, conhecido *point* de encontro dos jovens da cidade alencarina e com várias baladas alternativas no seu entorno. “Otávio, lembra de mim?”, perguntou Thiago ao dar de cara com o colega de curso. “Sim, mas pode me chamar de Otto”, respondeu o jovem dando início a uma conversa que faria com que a ligação dos dois ultrapassasse os limites da sala de aula e fosse levada para a vida. Com o tempo, eles foram ficando cada vez mais próximos e um laço de amizade foi criado.

Por Thiago ser cinco anos mais velho e também assumidamente gay, Otto viu muitos benefícios na aproximação dos dois. Além de ajudar com a adaptação àquele novo ambiente, o novo amigo começou a levá-lo para as baladas. Conforme a amizade ia ficando

mais sólida, os segredos vinham à tona. As festas começaram a seguir para ambientes que agregam pessoas não somente pela preferência musical ou nichos, mas, sobretudo, pela liberdade sexual. Nesse contexto, o jovem descobriu como Thiago ganhava dinheiro. “Ele me disse que fazia a mediação entre caras dispostos a pagar por sexo e meninas que topavam o programa”.

Para Otto, o segredo não causou grande impacto. A convivência com uma garota de programa ao longo da infância e parte da adolescência fez com que alguns preconceitos fossem quebrados. “Na minha rua, onde eu morava, tinha a Betty. Ela era garota de programa mesmo, de esquina. Meia-noite, o taxista ia pegá-la. Todo mundo sentia o cheiro do perfume dela de longe, aquele Humor! vermelho da Natura, e já sabia: ‘A Betty tá indo trabalhar’”. Mas, com o amigo, a coisa funcionava de um jeito mais moderno. O cliente chegava para Thiago, pedia o catálogo de meninas e ele enviava as fotos por *WhatsApp*. Depois de decidir entre as opções, os passos seguintes eram acertar o valor da diversão, a forma de pagamento e o local do encontro. No geral, o cliente passava para pegar a garota, e os dois seguiam para um motel ou para a casa do mesmo.

Depois de um tempo, Thiago contou que estava ampliando o negócio e começando a “usar meninos”. O novo fato, por sua vez, também foi encarado com naturalidade pelo universitário, afinal, em qualquer “cardápio”, quanto mais variedade, melhor. Entretanto, o que não passou pela mente do jovem foi contribuir como olheiro para a escalada dos “pratos”.

A nova atividade começou aos poucos e sem muitas expectativas. Veio então a mudança de faculdade. Na nova instituição, Otto descobriu um olho clínico que nem sequer suspeitava ter. Ambientes acadêmicos costumam chamar a atenção não somente pela pesquisa e pelo ensino, mas também por quem está por trás daquilo tudo: muitos jovens, na maioria das vezes divididos entre o ofício de estudar, atividades físicas e

trabalho. Afinal, é preciso pagar a mensalidade. E foi pensando no dinheiro que ele começou a atuar como uma espécie de assistente. “Eu ficava de olho nos meninos e os que eu achava que poderiam topar eu avisava pro meu amigo”. Mas, como toda proposta indecente causa certa excitação e constrangimento, era Thiago o responsável pelo contato. Segundo o olheiro, dava certo.

Apesar do olhar certeiro, Otávio também estava sendo observado pelo amigo. Novinho, de baixa estatura, corpo magro, traços levemente femininos e ares de adolescente virgem, o estudante chamava a atenção. Assim como a sociedade de maneira geral, esse mundo que o aguardava é regido principalmente pelo dinheiro e pelo prazer. E Otto, por sua vez, via no dinheiro muita excitação, apesar da resistência moral.

Nesse contexto de negociações, onde um avança e o outro cede diante do oferecido, apareceu Fernando. Homem alto, branco, 39 anos, “gente boa” e, sobretudo, disposto a pagar. “Ele queria ficar com uma menina, mas aí ele me viu e falou pro meu amigo: ‘Eu acho que quero ficar com esse’”. A proposta não foi imediatamente aceita. Houve uma relutância inicial por parte do rapaz que, após muita insistência do amigo, acabou cedendo. “Eu fui. Não no mesmo dia. Dei uma de difícil e fui no outro final de semana”. A revelação é seguida de uma risada numa atmosfera de piada que parece dar licença a uma situação que o constrange um pouco. Os acordos foram acertados nos bastidores: uma hora de encontro, duzentos reais e o local a critério do cliente. A regra básica era clara: se quiser mais tempo, paga mais. E, apesar de ser principiante, o jovem assimilava bem a matemática básica do negócio.

O encontro aconteceu no apartamento do próprio Fernando. Com a esposa viajando, o cliente estava sozinho em casa e, longe de maiores preocupações, pôde desfrutar à vontade de sua cobertura de luxo na Aldeota para o ato de infidelidade. Apesar do acordo inicial, aquela uma hora perdurou noite adentro. O

que Otto não esperava era que fosse rolar uma química, como acabou acontecendo. O envolvimento foi bom; o sexo, gostoso, ultrapassando as expectativas. Quando se deram conta, o relógio já marcava cinco da manhã. O valor das horas extras passou despercebido, mas a recompensa veio com o segundo encontro. Como o ser humano naturalmente busca repetir tudo o que é bom, Otávio e Fernando saíram de novo. E como agradecimento pela noite anterior, Fernando deu um relógio de presente, assim, não teriam mais que se preocupar em perder as horas. Como na primeira vez, a segunda experiência entre os dois foi mediada pelo amigo Thiago. Claro, com o consentimento do rapaz. “Eu não estava trabalhando para ele. Se rolasse, rolava. Não podia dar o meu contato pra ninguém. Se eu ficasse com um cliente e gostasse, eu mesmo dava. Se ele quisesse, ele me ligava”.

A atividade, que é profissional para muitos, para Otávio era quase uma brincadeira, um fetiche. Quando questionado sobre como se sentiu com essa sua primeira experiência sexual paga, Otávio mergulha em seus pensamentos, talvez para falar da forma menos obscena sobre o sexo com homens de mais idade, e de lá vem um sorriso meigo, de canto de boca. Safado até.

“Eu não estranhei tanto porque eu já ficava com caras que eu não conhecia, né? Tipo, os do bate-papo do UOL. Todo mundo fez isso já. Eu entrava no bate-papo, falava com os caras e saía, mesmo eu sendo *de menor*. E eu sempre gostei de caras mais velhos. Nunca gostei de meninos da mesma idade ou mais novos”.

As aventuras foram muitas. Enquanto busca na memória as mais significativas, um silêncio e um olhar vago se impõem. De súbito, como quem toma consciência de si, sentencia: “Tem um cara com quem eu fiquei...”. Após mais um momento de reticência, continua. “Eu não posso falar o nome verdadeiro dele, porque ele é dono de uma locadora de carros, daqui de Fortaleza. Foi por intermédio desse meu amigo”.

O pagante, um homem de 56 anos, pai de dois filhos, paulista

de estatura mediana e aparência não muito atraente — pelo menos para Otávio — era um empresário financeiramente bem-sucedido e em processo de separação. O “coroa” buscava exclusividade, alguém fixo, e não era bem isso o que Otávio, no auge de seus 20 anos, queria. Na verdade, com esse cliente, ele não queria sequer sexo. Entretanto, por vezes nossas ações traem a nossa boca. Otávio sabia disso, tanto que até se deixou seduzir. Não pelo pagante, mas pelas possibilidades apresentadas pelo amigo, que ficou insistindo até o outro ceder. “Ele é rico; tu pode ganhar muito dinheiro com ele” era um dos argumentos usados por Thiago. O feio então se tornou belo.

O caso foi de todos o mais duradouro e, certamente, o mais conturbado, pois fugiu do âmbito dos “negócios”. Havia um conflito de interesses que fazia com que a relação fosse regada a desentendimentos. A sede por afeto levou o homem, André [nome fictício], a querer estar sempre presente na vida do jovem estudante, com visitas à sua faculdade e, inclusive, à sua residência. Otávio, por outro lado, reprovava tudo aquilo. Uma tolice! Suas intenções para como velho eram estritamente monetárias.

Quando os dois se conheceram, o jovem logo ficou sabendo da história da separação de André e aquilo o deixou em alerta. “Ah, acho que aqui eu posso ganhar alguma coisa”, pensou. O rapaz não estava de todo errado e não demorou para começarem os agrados. “Ele pagava bem, me dava o dinheiro do táxi, essas coisas. Chegou a pagar duas mensalidades da minha faculdade. Uma vez ele me deu um celular, porque fui roubado no ônibus. A gente foi ao Iguatemi, e ele me comprou um iPhone, um iPhone 4S. Podre de rico, o bicho!”.

Com o tempo, os presentinhos começaram a chamar a atenção da família. Não demorou para que a mãe começasse a questionar como o filho — desempregado — estava conseguindo dinheiro para aquilo. Mas o danado tinha uma carta na manga.

Mais novo de três irmãos, Otávio contava com a ajuda da irmã mais velha para driblar a desconfiança da mãe.

Maria [nome fictício] acobertava as mentiras do caçula e até dizia que tinha comprado os presentes para o irmão. Só assim ele poderia continuar com aquela vida dupla, com as saídas noturnas ou os feriados longe de casa. Além da ligação sanguínea, os dois tiveram, a partir de então, segredos em comum. Apesar de horrorizada com a situação, ela sabia que não podia julgá-lo, pois em sua mocidade atingiu a sua própria cota de obscenidade. “Ela já tinha saído por dinheiro com uns *boys* na época em que era mais jovem. Então ela aceitou mais de boas. O nosso outro irmão não sabe até hoje”.

A relação com André não teve um final amigável. Com o processo de separação da esposa em andamento, o coroa tentava driblar a Justiça usando Otávio como laranja, artimanha muito usada por nossos representantes na política para esconderem suas falcatuas. Ele iria passar um apartamento e um carro para o nome de Otto. O plano era que, com o fim do processo judicial, o estudante os passasse de volta para seu nome. A estratégia não era das mais originais, mas um clichê a nível de novela mexicana. E, assim como no chavão dramático, havia também uma intenção obscura por parte de Otto: o jovem pretendia dar um golpe no amante. “Eu não ia passar de volta, eu ia fugir.” A confissão logo dá lugar a uma gargalhada involuntária que denuncia uma certa vergonha pela ambição narrada.

Os planos de ambos, no entanto, vieram abaixo como um castelo de areia na primeira tempestade. Durante um desentendimento, o sacana deixou escapar sua intenção de ficar com os bens do coroa para si. “Na hora da briga, eu falei: ‘Tu acha que eu ia passar de volta as coisas pro teu nome, idiota? Eu ia fugir!’. Eu falei isso na cara dele”. A confissão foi uma apunhalada em André. Toda a confiança investida no amante esvaiu-se e, dali em diante, a relação também seguiria o mesmo curso.

O conflito entre os dois tomou proporções maiores e respingou na cúmplice do jovem. Ensandecido com a revelação, André buscou se vingar, indo à residência de Otto com a intenção de contar para sua mãe sobre o caso dos dois e como o rapaz planejava passá-lo para trás. O velho, no entanto, encontrou com Maria, que, novamente, conseguiu acobertar o irmão e impedir que André chegasse até a mãe dos dois.

“A minha mãe viu que ele *tava* lá embaixo e depois perguntou quem era. Minha irmã teve que inventar uma história, que era um caso dela.” O contato dos dois cessou a partir de então. Maria não gostou daquele episódio e pretendia mover uma ação na Justiça contra o coroa, mas ele acabou se afastando, e o caso caiu no esquecimento.

Por um momento se instaura uma quietude e tudo o que se escuta é o barulho das buzinas dos carros que passam na rua ao fundo. Através de seu olhar perdido é possível perceber uma enxurrada de sentimentos. Sentimentos que, num primeiro momento, são difíceis de decifrar, mas, mergulhando a fundo, consegue-se captar um resquício de algo parecido com arrependimento. Arrependimento do que disse? Do que não disse? Do que fez ou deixou de fazer? Quando finalmente decide quebrar o clima de silêncio que havia tomado conta do ambiente, ele profere: “Se eu não tivesse brigado, se eu tivesse só brigado e não falado as coisas que eu falei, talvez a gente estivesse... Não sei, tendo um relacionamento até hoje, saindo...”. E então tudo parece fazer sentido.

Maria estava ciente dos riscos que o caçula corria. No cotidiano familiar, ela sabia quando o irmão ia fazer seus atendimentos.

¹ Sigla em inglês para a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (Acquired Immunodeficiency Syndrome)

Para a mãe, uma desculpa qualquer confirmada por ela. Para o caçula, uma lista de cuidados a serem tomados e, entre eles, em relação à saúde sexual. Por ter perdido um amigo para a Aids, um de seus medos era que o jovem irmão contraísse a mesma doença. Apesar dos cuidados, em 2018 um incidente lhe tirou o sono por alguns dias.

Naquele ano, fazia pouco tempo que Otávio tinha voltado a falar com Thiago. Por circunstâncias não reveladas, os dois haviam se desentendido e passado uns meses distantes. Nesse meio tempo, o estudante também parou os atendimentos. Afinal, sem a intermediação do amigo, não conseguia arranjar clientes por si só. Com a reaproximação, logo o negócio dos dois foi retomado. Foi nesse contexto que surgiu César [nome fictício].

Figura conhecida no bar que Otto costumava frequentar com Thiago, ele foi o primeiro cliente nessa nova fase de atendimentos. Mantendo o padrão dos perfis anteriores, César também era mais velho e, apesar de ser definido por Otávio como “estranho”, isso não o impediu de atendê-lo.

Depois de algumas negociações, o encontro aconteceu. Os dois seguiram para um motel e o sexo fluiu bem, com segurança e sem imprevistos — pelo menos era o que imaginava. “Quando ele foi me deixar em casa, ele falou: ‘Você ganhou um presente meu’. Eu não entendi nada”. Sem mais nem menos, o rapaz foi deixado com essa incógnita. Ainda confuso com a frase, sem compreender a malícia contida na sentença, ele acreditou se tratar de um dinheiro extra que receberia posteriormente por meio de Thiago, afinal, não seria a primeira vez que isso aconteceria. A surpresa, no entanto, veio no dia seguinte quando a tela do celular piscou com a notificação de uma nova mensagem: “Você poderia ir fazer exame agora. Você ganhou um presente meu, você tá carimbado”. Sem chão ficou Otávio com o que leu. “Ele queria dizer que eu *tava* com Aids. Eu fiquei louco! Liguei pro meu amigo, ele foi me pegar em casa e me levar ao hospital pra fazer exames”.

O susto, contudo, não passou de apenas um susto mesmo. Otávio sabia que tinha usado camisinha, estava seguro disso. Felizmente, ele não chegou a contrair nenhuma Infecção Sexualmente Transmissível (IST)². Mesmo assim, o episódio ficou marcado. “Eu não tinha nada. Era só loucura dele. E a gente fez com camisinha. Só que ele disse que eu tinha pego alguma coisa dele. Foi muita loucura!”. Depois do evento, o homem nunca mais apareceu no bar.

Além de amparar o irmão, Maria também era uma amiga para todas as horas e ótima ouvinte, a quem Otto confiava cada nova descoberta, cada novo caso, cada nova experiência. “Meus irmãos sempre foram de boas, mas, com essa, que é minha irmã mais velha, eu posso falar tudo. Ela não vai me julgar... Ela sabe que eu uso drogas”. As drogas às quais ele se refere são principalmente a cocaína, a ketamina e o *ecstasy*.

O uso de entorpecentes começou de forma despretensiosa. Ainda na adolescência, ele começou a frequentar grandes eventos de música eletrônica. Não demorou para a batida alucinante e os jogos de luzes frenéticos virem acompanhados do convite de amigos para experimentar: “Vai, pega, tu vai curtir”. A cena da mão de um colega se abrindo diante de seus olhos e nela uma série de comprimidos foi marcante. Rosa, azul, preto, roxo e os mais variados formatos tornam o *ecstasy* uma substância muito atrativa. “Vai”, insistiu o amigo com os ecos abafados da batida da música. Da festa, Otto não lembra bem, mas foi em 2013 que ele tomou a sua primeira bala³. A euforia, a sensação de formigamento,

² A terminologia passou a ser adotada em substituição à expressão Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), porque destaca a possibilidade de uma pessoa ter e transmitir

uma infecção, mesmo sem sinais e sintomas

³ Nome popular dado ao *ecstasy*

a pupila dilatada, as luzes mais fortes, o corpo mais sensível... Aquele momento foi inesquecível. A partir de então, a substância passou a fazer parte de sua vida.

O uso de cocaína começou mais tarde, apenas em 2018, após conhecer um cliente que fugiu do padrão dos atendimentos. “Tem esse cara por quem eu me apaixonei, ele cheirava pó. Eu não usava. Ainda. De cliente, era só ele mesmo que gostava de drogas. A maioria dos clientes era velha. Então, os velhos não curtiam muito drogas. Como ele era mais novo, ele curtia”.

A obsessão não aconteceu em nenhuma substância. Assim como os programas, as drogas eram recreativas. Entretanto, o vício de Otávio surgiu em Miguel, um cliente por quem ele se apaixonou. “Eu ligava, ele não podia atender. Eu ia à casa dele, à mãe dele. Eu descobri tudo: onde morava, de quem era filho, onde ele trabalhava e eu ia atrás dele. Eu *tava* obcecado por ele”. O jovem engenheiro de 32 anos, porte físico torneado, aproximadamente 1,72m de altura e pele clara ainda arranca suspiros nostálgicos, confirmados com um “saudades, inclusive”, enquanto revira os olhos, numa espécie de resgate ao que sobrou dos órgãos passados.

Otávio estava em vias de se formar quando o caminho de Miguel cruzou com o seu. Sempre por intermédio de Thiago, o interesse do rapaz no engenheiro foi instantâneo. Quando o amigo lhe mostrou a foto, o entusiasmo foi tamanho que, por ele, nem cobraria pelo encontro. Mas negócios são negócios. A sociedade com Thiago não permitia exceção para nenhum cliente e, por mais que o desejo por afeto fosse maior que o alento do dinheiro, a cobrança aconteceu, e o programa acabou saindo por trezentos reais.

Os encontros aconteceram no Netuno Motel, na região central da cidade. Foram somente cinco ao todo, mas foram o suficiente para fazerem surgir um forte sentimento no aspirante a *designer de moda*. Diferentemente de Miguel, que era mais reservado

e dava pouco afeto, assim como poucos detalhes de sua vida, o rapaz já estava emocionalmente envolvido. “Como eu já *tava* me interessando, da minha parte era mais caloroso, mais íntimo mesmo. E acho que dele também. Só que era tipo ‘fez, acabou, tchau’. Não ia nem me deixar em casa.” O caso, apesar de curto, mexeu com a cabeça de Otto que já não via mais aqueles encontros como puramente profissionais e impessoais. A sua ingenuidade acabava lhe causando raiva e frustração porque, no fundo, ele sabia que a sua história de amor com Miguel só aconteceria na sua cabeça. As conversas com Thiago eram o choque de realidade que ele tanto precisava, mas não queria. “Eu ficava: ‘Ai, acho que ele vai gostar de mim e tal’. Bem *poc* iludida, sabe? E meu amigo me falava: ‘Otto, ele não vai gostar, ele só quer pegação’”.

A situação começou a ficar insustentável depois que, para sua surpresa, Miguel propôs um sexo a três com ele e uma mulher. A moça, Simone, era conhecida do jovem e também fazia programas por intermédio do amigo Thiago. Apesar de aparentemente absurda, a proposição era financeiramente tentadora: mil reais para cada um. Depois de relutar, ele sopesou e acabou por aceitar. Os três foram para o motel de sempre e Miguel surpreendeu novamente ao pedir que Otávio ficasse com Simone. O cliente queria apenas observar. De imediato, a resposta foi negativa. Como assim seu objeto de desejo iria ficar só como *voyeur*? Não, definitivamente não! No entanto, Simone, que provavelmente já sabia daquela proposta, conseguiu convencer o amigo. “Fica, ele vai pagar mil reais!”.

O convencimento veio por conta do valor oferecido para o ato, mas sobretudo pelo desejo inconsciente de agradar o pagante. O ato aconteceu sem penetração. Otávio evita dar muitos detalhes e usa o sorriso para esconder o constrangimento. “A gente ficou só se beijando, eu chupei ela — meu Deus! Eu chupei ela, ela me chupou. Foi só isso”.

Quanto aos mil reais, ele não sabe exatamente com o quê

gastou. De fato, todo o dinheiro que ganhava era usado com bobagens, futilidades, festas, roupas, drogas; nunca em nenhum investimento ou poupança. “Eu gastava em putaria, besteira. Não sabia investir em nada. Eu lembro que, com o coroa, eu tirei a minha carteira de habilitação. Ele pagou minha carteira e eu tirei. Ele ia me dar o carro, só que eu não soube ‘fazer o paranauê’⁴”.

O episódio com Miguel começou a dissipar qualquer esperança em Otávio de levar adiante aquele sentimento inesperado. Nem de longe o jovem tinha a predileção exclusiva do amado. Além de Simone, o engenheiro também chegou a sair com outro rapaz e essa foi a gota d’água. “Ele saiu com um outro menino lá do bar, aí eu me toquei que ele só queria putaria mesmo. Falei com meu amigo: ‘É melhor eu cair fora enquanto há tempo’”. E caiu. Mas o trauma de ter o coração partido, este permaneceu. Ao contrário de Miguel.

Miguel foi, como todos os outros.

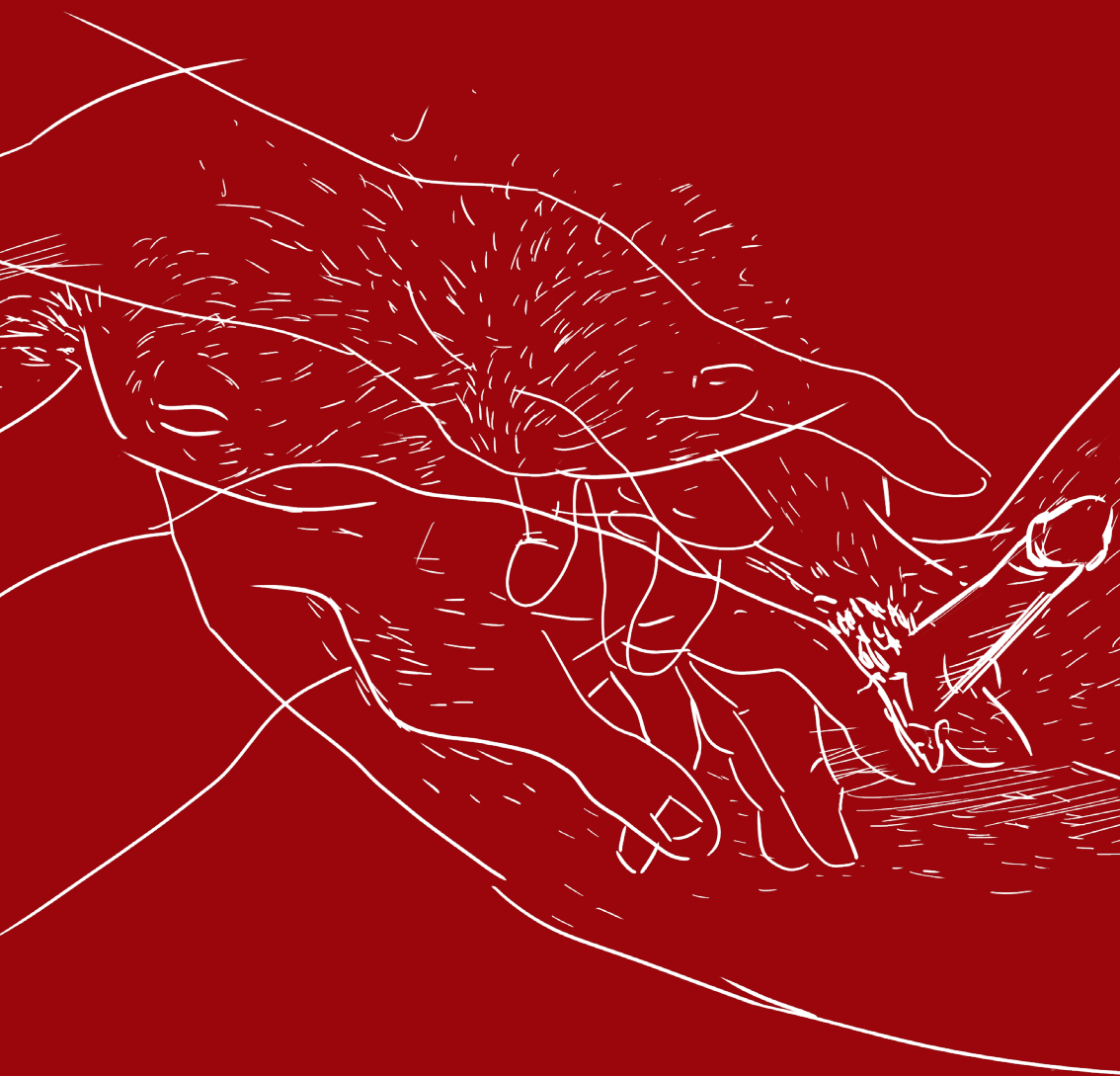
Otávio também foi, mas não como todos os outros. Foi para onde todos irão; onde todos se igualam. Otto, com sua espontaneidade, sorriso leve e decidido nas suas ações, partiu numa manhã de domingo para uma viagem só de ida e deixou o dia cinzento. Eterno na memória e na saudade. Vivo neste registro. Único na Terra. A imagem refletida na lágrima da irmã cúmplice e dos amigos a abraçar. Na despedida, após a entrevista, com um sorriso na voz ele nos deixou com um “só vocês mesmo para me fazerem perder a minha aula de francês!”.

*Faire le deuil de Otto ne pouvait pas être plus ordinaire.*⁵

⁴ Gíria usada como metáfora para coisa, objeto, acontecimento

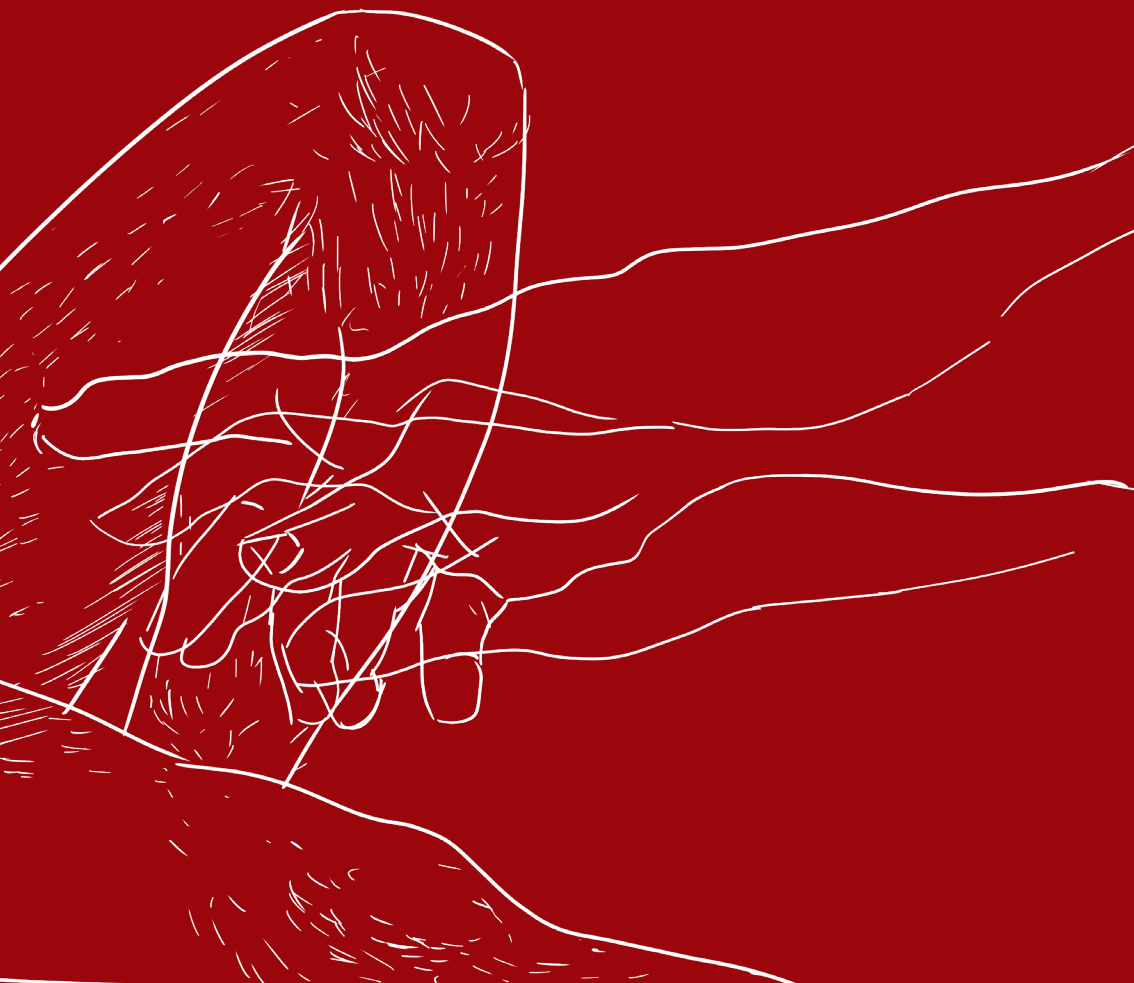
⁵ Tradução: O luto por Otto não poderia ter sido mais ordinário.

RELATOS



*Meu coração é um bordel gótico
em cujos quartos prostituem-se
ninfetas decaídas, cafetões sensuais,
deusas lésbicas, anões tarados,
michês baratos, centauros gays
e virgens loucas de todos os sexos*

Caio Fernando Abreu





O T R I U N F O

O preço do prazer

Havia pouco tempo que Roberto tinha saído do armário e, ainda inexperiente, não aguentava mais a pressão dos amigos para que perdesse a virgindade. “Bicha, tu tá ficando velha e isso vai subir pra tua cabeça” era o tipo de coisa que lhe diziam. Até então, tudo o que conhecia sobre sexo estava relacionado a alguns poucos orais que tinha feito na adolescência. Com 18 anos na época, a oportunidade que ele esperava veio bem despreziosa numa noite do verão de 2006 acompanhada de uma *Sapupara*¹.

“Eu *tava* com um amigo na praça da igreja. Aí tinha uns meninos com cachaça. Aí eles convidaram a gente pra beber.” O convite foi aceito pelos dois e o amigo de Roberto comprou outro litro da mesma bebida para completar a farra. Munido com mais álcool, o grupo seguiu para outra praça daquela pequena cidade do sertão cearense. Longe da região central, o outro lugar era mais discreto, com pouca iluminação e menos movimento, bem propício para a algazarra que viria pela frente.

Ele não recorda muitos detalhes daquela noite. Ou finge não lembrar. Tentar esquecer a forma como veio a se machucar mais tarde, naquela ocasião, é menos doloroso do que ficar rememorando.

¹ Uma marca de cachaça barata comum no Ceará, principalmente em cidades do interior.

Como em outros municípios da região, na época o pequeno povoado de pouco mais de 10 mil habitantes era considerado um lugar seguro. A violência era algo distante, quase inexistente, e drogas ilícitas ainda não eram uma realidade. “A gente começou a beber e começou a aparecer gente, porque naquele tempo não tinha drogas, aí tinha muita gente direto nas ruas.” Não demorou para ele se ver em meio a um grande grupo e perceber que a farra seguiria noite adentro. Sem o costume de beber, ele logo foi pego pelo álcool. “Eu já fiquei doidona rápido e já comecei a dar em cima dele.” Roberto se refere a Antônio, rapaz mais velho de pele escura, corpo forte e mais alto por quem ele havia se interessado em meio àquele grupo.

Lá pelas tantas, já alterado pela bebida e despido da inibição e timidez que lhe são inerentes, Roberto viu diante de si a chance perfeita de tentar algo quando Antônio saiu sozinho para mijar.

Era ali, era agora, era tudo ou nada.

Munido da coragem que o álcool dá aos que dele bebem, ele seguiu o rapaz e apostou suas fichas. Para sua alegria, a investida obteve uma resposta positiva. No entanto, o que não esperava era que ela fosse vir precificada. “Eu cheguei e perguntei e ele falou: ‘Eu fico, mas só se for por 30 reais’.”

Por muito tempo, esse foi um segredo guardado a sete chaves. Um detalhe nunca antes contado porque não é algo que o faça sentir orgulho. Afinal, quem gostaria de ter que pagar para perder a virgindade? Todas as vezes em que contou sobre a sua primeira experiência sexual, o dinheiro envolvido nesse ato foi um ponto omitido. “Eu nunca contei porque eu me sentia mal, mas hoje em dia pra mim é normal”, afirma sem conseguir realmente passar a certeza de que acredita nas palavras que saem de sua própria boca.

O acordo foi feito. Roberto aceitou a proposta. Para ele, parecia ser um bom negócio. Pelo menos era o que pensava. Apesar de topar pagar o que o rapaz pedia, Roberto não tinha o dinheiro

naquele momento, mas disse que daria depois. Seria uma espécie de “compra fiada”, algo muito comum num interior como o dele. Talvez por força do álcool ou também tomado pelo desejo carnal - não se sabe -, fato é que o outro homem prontamente aceitou. Cidade pequena, todo mundo se conhecia, ele depositou confiança na palavra de Roberto.

Toda essa negociação foi muito rápida. Logo os dois estavam de volta ao grupo. Mas o encontro ficou marcado. Para disfarçar, eles ficaram mais um tempo bebendo com a turma. Primeiro, foi Antônio que seguiu para o local combinado. Em seguida, com a desculpa de ir para casa, Roberto saiu logo atrás, indo encontrar o rapaz não muito distante dali. Atrás da praça onde estavam bebendo, há um hospital. Ao lado dele, há um caminho que leva a uma rua que, na época, tinha poucas casas, a maioria ainda inabitada, e era pouco movimentada. Foi naquela rua, numa casa em construção, a poucos metros do único hospital da cidade, que tudo aconteceu.

“Foi horrível, não vou mentir.” É assim que Roberto resume a experiência, que foi bem diferente do que ele desejava. Muito ingênuo e sonhador na época, ele queria que tivesse sido algo romântico, mágico, e não algo mecânico e puramente carnal, como acabou sendo. “Eu queria beijar, e ele não quis. Ele queria botar de uma vez. Ele era impaciente, bruto. Ele não quis nem saber se *tava* me machucando.” O uso de camisinha não foi uma opção. O ato acabou acontecendo de forma desprotegida, “na pele”, e durou não mais que o tempo de um cigarro. No fim das contas, ele se viu servindo apenas de objeto para o prazer do outro.

Enquanto conta o episódio, por um instante, fica em silêncio, com os grandes olhos castanhos fitando o vazio, como que revendo a cena, e sorri em seguida, tentando disfarçar a tristeza das lembranças.

Artista plástico com talento vindo de berço, nosso protagonista sempre esteve acostumado a olhar a vida através do filtro da arte

com cores vivas, fortes, vibrantes. Nunca, em nenhum de seus sonhos, havia sequer passado pela sua cabeça a ideia de que sua primeira vez com alguém seria algo tão incolor e doloroso da forma como se sucedeu.

Naquela noite, ao chegar em casa, já de madrugada, ele seguiu direto para o banheiro e, ao tirar a roupa, pôde ver a cueca com muitas manchas de sangue. Na época, ainda morando com a mãe, precisou lavar a roupa para esconder o que havia acontecido.

A dor física demorou um tempo para sumir, mas a dor interna, essa provavelmente irá sentir por muito tempo ainda.

Hoje com 34 anos, ele olha para trás e não esconde o desejo de que gostaria de reescrever essa parte do seu passado. Se pudesse usar o conhecimento e a experiência acumulados ao longo desses anos, ele jamais aceitaria a situação pela qual passou. “Fiquei me sentindo um lixo. Eu era uma criança ainda, tinha acabado de me descobrir, acabado de sair do armário.”

Apesar do episódio ruim, Roberto manteve o acordo e pagou o que devia. Demorou, mas o fez. Não era sua intenção deixar de arcar com o combinado, mas a vontade de pagar e deixar tudo para trás ficou maior quando, num determinado dia, o rapaz o parou no meio da rua para cobrá-lo. Foi quando ele decidiu que seria a hora de acabar logo com tudo aquilo.

Quando finalmente estava com o dinheiro em mãos, Roberto encontrou com o cafuçu por acaso, numa ocasião em que o rapaz estava com a esposa. “Foi a única oportunidade que encontrei. Eu *tava* com o dinheiro na mão, aí entreguei e disse assim: ‘Aqui o dinheiro do serviço que tu fez lá em casa’, porque ele era pedreiro. Ele ficou gelado, mas eu sou uma cobra, fazer o quê?”, relembra e solta uma gargalhada em seguida com um ar de vilã, *à la* Nazaré Tedesco. Apesar de a cena parecer ter sido premeditada, ela foi impensada. “Depois que eu imaginei que foi uma vingança sem eu querer.”

Após entregar o dinheiro e dar as costas, encerrando aquele capítulo de sua história, o artista nunca mais encontrou ou teve qualquer contato com aquele homem. A última coisa que soube é que ele tinha mudado para Fortaleza com a esposa.

O episódio, no entanto, não foi a única ocasião em sua vida na qual houve uma troca financeira em busca de prazer. “A gente sempre fala que nunca mais vai fazer, mas acontece.”

Um ano mais tarde, Roberto se viu envolvido com uma paixão que exigiu de si tanto no tangente ao emocional quanto ao financeiro. “Eu acho que ele ficou comigo e percebeu que eu gostei dele, aí se aproveitou disso. Não, eu tenho certeza que foi desse jeito! Porque, na primeira vez, ele não pediu nada.” Não era a primeira ocasião na qual ele se apaixonava por alguém, mas foi a sua paixão mais intensa.

Como na noite em que perdeu a virgindade, para o artista parecia ser só mais uma noite comum. Ele saiu com dois amigos, também gays, Wagner [nome fictício] e Amilton [nome fictício]. Nessa época havia um quiosque numa praça em frente à única escola do município. Eram meados de 2007. Como a oferta de lazer local era pouca e a internet ainda não havia despontado como hoje em dia, ir beber nesse quiosque era um programa que levava muitas pessoas nas noites de sexta e sábado para a praça.

Próximo à turma de Roberto havia um grupo com quatro rapazes, supostamente heterossexuais, também socializando entre si. Com o álcool subindo à cabeça, as coisas foram esquentando. “A gente já sabia que alguns deles curtiam [ficar com gays]. Um deles, o Jorge, chamou a Amilton, *a gay* mais experiente do nosso grupo, e eles combinaram tudo.”

Pelo visto, aquela noite não terminaria cedo...

Perto da praça onde estavam, há um caminho que leva a um rio afastado da parte urbana da cidade. O grupo de héteros foi na frente, seguido por Roberto e os dois amigos. “O combinado

era assim: eu não queria ir, mas eu disse que, se eu fosse, seria para ficar com o Breno [nome fictício], porque daquela turma eu só me sentia atraído por ele.” Apesar de nunca ter tido nenhum contato mais próximo com Breno até então, já havia uma ligação entre Roberto e o rapaz. O jovem é irmão do então namorado de uma irmã de Roberto. “Quando eu ia cortar o cabelo com o meu cunhado, ele sempre *tava* lá. Ele até falava comigo de boas, mas eu... eu não...”

Na época, Roberto ainda era uma pessoa muito tímida e retraída, o que fazia com que ele tivesse dificuldade de se relacionar com pessoas com as quais ele não tinha intimidade. A ingenuidade também era um traço de sua personalidade, hoje não mais presente no seu jeito de ser. “Eu comecei a ter interesse nele porque ele era bonito, o corpão dele era bonito, mas eu não sabia... Na minha cabeça ele não curtia [ficar com gay] porque ele é bem machão.” A sua maneira de ver as coisas mudou depois que Wagner contou ter ficado com Breno. Era comum eles confidenciarem entre si as histórias e os relatos dos seus casos e acasos sexuais. A avaliação do amigo em relação à experiência com Breno foi categórica: “Ele arrasa”.

Quando chegou ao local de encontro, os dois grupos se dividiram: Amilton saiu com Jorge, Wagner saiu com os outros dois rapazes da turma dos supostos héteros e Roberto ficou com Breno. “Tinha um poço d’água e perto dele tinha uma subida. Foi nessa subida. Foi quase na vertical [que a gente ficou], porque era bem íngreme.” A narrativa da situação acontece em um tom cômico, seguido por inevitáveis gargalhadas. E depois de retomar o fôlego, o artista declara sem titubear: “Foi babado”.

O primeiro encontro dos dois aconteceu de maneira fluida, sem uma troca específica, sem uma negociação prévia. Assim como as que se seguiram. Roberto não sabe detalhar com clareza como se deram os encontros posteriores. Para ele, foi acontecendo de forma espontânea, mas sempre com a presença de álcool. “Nessa

época, eu bebia muito e ele também. Aí a gente tinha amigos em comum e ia acontecendo naturalmente. Eu acho que começamos a ter mais intimidade mesmo a partir da quarta ou quinta vez que a gente ficou.”

Com a relação entre os dois ficando mais estreita, não demorou para vir o primeiro pedido. Em uma festa na qual ambos estavam, cada um com sua turma, Breno pediu para ele lhe comprar uma carteira de cigarros. Um pedido aparentemente simples ao qual Roberto não viu problemas em conceder. A partir daí os pedidos foram ficando mais frequentes e mais caros. Roupas, perfumes, dinheiro... “Quando a gente começou a ter mais afinidade e que eu já tinha começado a dar alguma coisa a ele, ele sempre me procurava porque eu sempre dava. É tanto que ele não procurava os outros porque ele sabia que os outros não dariam ou não teriam condições de dar. E, como na época eu trabalhava muito, eu tinha sempre dinheiro.”

O jovem artista já estava apaixonado. Na verdade, a paixão começou desde a primeira vez que eles ficaram e, com o passar dos encontros, foi se intensificando. O sexo, a maneira como Breno o fazia era muito prazeroso. Então, com a intenção de agradar, ele nunca negava conceder um pedido do amado. Estava disposto a arcar com o preço para ter prazer. “A gente fazia o babado e, depois que a gente terminava, ele perguntava se outro dia, ou sei lá, eu poderia... E eu sempre podia, né? E para agradar, eu fazia.” Roberto ainda lembra do presente mais caro que deu: um perfume de fragrância esportivo-amadeirada, o *300 km/h Intense* da *Avon*, no valor de 70 reais. Isso já faz mais de dez anos. Naquele tempo era uma quantia considerada mais alta do que o é atualmente. Principalmente em uma cidade do interior.

Apesar de toda a sua entrega e esforço para satisfazer, ele não tinha em troca tudo aquilo que desejava. Não era um amor da maneira como esperava. Ele queria que fosse mais correspondido, com tudo aquilo a que um pessoa apaixonada tem direito, mas,

para todos os efeitos, o amante era hétero e tudo o que ele podia dar era sexo. Breno não fazia nada além de sexo. Beijos não eram uma possibilidade. De início, isso era irrelevante para Roberto. A maneira que ele encontrou de ter seu amado - nem que só por um momento - era aquela. E por um tempo, isso lhe bastou. “Eu tinha que me contentar com pouco. Era assim. Para ter ele, era assim e pronto.”

A longo prazo, contudo, isso pesou e ele decidiu dar um ponto final. Ter sexo com aquele rapaz másculo, alto, de corpo forte, belas pernas, pele clara e cabelos pretos com cachos não mais lhe satisfazia. Com o tempo, acumulou melhores experiências, que lhe completavam mais. E percebeu, então, que Breno lhe dava pouco perto do que poderia ter e que podia querer mais. Ainda assim, a história deles durou cerca de dois anos, às vezes com alguns espaços de meses entre um encontro e outro. Mas ao todo, Roberto contabiliza que os dois tenham ficado pelo menos 50 vezes. O número não vem do acaso. Como tinha o hábito de confidenciar a Wagner suas saídas com Breno, ele o ajudava a contabilizar cada novo encontro. A contagem se perdeu quando chegou ao quinquagésimo número.

Um tempo depois, já desencantado com essa história, Roberto foi procurado por Breno, que incrivelmente havia mudado “da água para o vinho”, segundo relata. Ele lembra que, depois de beber bastante com um amigo, o rapaz foi bater na sua porta, lá pelas tantas da noite, já sob efeito do álcool. “Ele implorou pra ficar, dessa vez, e eu não consegui... Fiquei, mas foi com nojo. E eu não dei mais nada pra ele.” Essa foi a última vez que os dois tiveram contato sexual. Para Roberto, já não era mais a mesma coisa.

Nunca mais o foi.

O desencanto machuca fundo, vira ferida. Aquele que o sente logo o transforma em decepção. E o encanto, que antes seduzia, fascinava, logo desvanece.

Alguns anos mais tarde, especificamente em 2015, novamente uma oportunidade de uma experiência sexual paga apareceu para Roberto. Ainda era manhã quando seu telefone tocou. Mal havia passado das 8h. Por conta de seu trabalho como artista plástico, Roberto é uma figura bastante conhecida e requisitada na cidade. Muitas pessoas dispõem de seu contato e é comum receber ligação de pessoas que não conhece para encomendar alguma peça para decoração de festas, desenhos, pinturas ou esculturas. Então, ao ver uma chamada de um número desconhecido, ele não estranhou e logo atendeu. A surpresa veio logo depois do “alô”. Ele não demorou a reconhecer a voz do outro lado da linha. Era Chico [nome fictício], uma figura que ele conhecia das farras e que tinha amigos em comum.

“Ele me procurou porque eu sempre dava em cima dele. Brincando, chamava ele de lindo, de gato, mas brincadeira, só.” O que ele não esperava era que essas brincadeiras fossem surtir algum efeito. A proposta veio tímida, disfarçada. Meio sem jeito, o rapaz perguntou se Roberto podia lhe emprestar 50 reais. Ele parecia desesperado, necessitado daquele dinheiro. O pedido soou estranho para Roberto, já que os dois não tinham uma intimidade que permitisse isso. Ainda assim, disse que iria ajudá-lo. “Ele falou assim: ‘Se tu não quiser que eu te pague com dinheiro, posso pagar de outra forma’. Eu fiquei louca! Claro que eu queria, ele era lindo!” - fala em meio a um riso frouxo. Na época, o rapaz estava “no auge”, por assim dizer. Era popular e desejado na cidade. Então, aquela proposta de Chico lhe soou como um cântico divino. A ideia de ficar com o rapaz alto, magro definido, de pele negra, sorriso marcante e “bunda linda” em troca daquele valor lhe pareceu um ótimo negócio.

O encontro ficou marcado para meio-dia, quando Chico saísse da escola. Afinal, ele ainda estava em tempos de concluir o ensino médio e a ligação tinha sido feita justamente no intervalo entre as aulas. O problema para Roberto ficou em como conseguir

o restante do dinheiro, já que apenas dispunha de vinte reais naquele momento. “Eu tinha 20 e eu ia pra Fortaleza fazer uma decoração de um evento lá. Aí liguei pra moça que tinha me contratado perguntando se ela poderia me dar o dinheiro antecipado e deu certo.”

No horário combinado, lá estava Chico batendo na porta de Roberto. Nervoso e apressado, o rapaz não conseguiu atender às expectativas. “Foi uma coisa muito... ele *tava* muito apressado. Ele mal levantava e - falando baixinho - o pau dele era pequeno.” Termina a frase mal conseguindo conter a risada. “Eu acho que o problema é que ele era passivo e ficou com vergonha de dizer.”

Pensando a respeito do episódio, ele diz não se arrepender de ter aceito a proposta. Acredita que teria se arrependido se não a tivesse aceitado porque, apesar de não ter sido uma boa experiência, foi uma satisfação para o seu ego ficar com o “rei da escola”. Entretanto, hoje não daria nem um centavo para ter sexo com o rapaz novamente. E realmente não deu, mesmo tendo sido procurado novamente por Chico. “Nas outras vezes, ele disse assim: ‘Daquela vez não foi muito bom, mas na próxima vai ser. Eu tomo uma *Skol Beats* e vai ser melhor.’ Eu não entendi nada. Era melhor ele tomar um *Viagra*”, conclui com uma estrondosa gargalhada.

Mesmo estando certo de que não queria repetir a prática, na segunda vez em que foi procurado, Roberto ainda ficou tentado por conta da proposta que lhe foi apresentada. “Ele disse que 50 era só para ele ser ativo, 100 reais era para ele beijar também; e 150 ele disse que rolava tudo. Então era porque ele queria dar também. Eu lembro como se fosse hoje. Eu gelei na hora.”

Mesmo propenso a aceitar, a resposta foi “não”.

Roberto olha para todas essas experiências e diz ter aprendido com cada uma, apesar de elas lhes terem custado caro,

principalmente no que tange ao emocional. Diferentemente de alguns anos atrás, ele não tem mais a necessidade de pagar para ficar com alguém por quem ficou atraído, por mais bonito que o outro possa ser. De fato, com uma postura bem séria, talvez até beirando à melancólica, ele afirma ter uma libido muito baixa hoje em dia. “Eu tenho problemas de ansiedade e é muito ruim às vezes. Eu passo por um *boy* e não sinto mais atração por ele. Foi uma coisa que eu não escolhi. Eu não sinto, eu nem olho. Meu pensamento é outro agora.” Mesmo assim, ele não nega a possibilidade de dar algo para alguém com quem ele venha a ficar, desde que não seja um quiproquó, uma coisa pela outra, como nas vezes passadas. “Se eu soubesse que a pessoa tá precisando de ajuda, não me negaria.”

Há quatro anos ele descobriu uma ferramenta que lhe abriu a mente para novas possibilidades. Já muito popular nas grandes metrópoles brasileiras e globais há pelo menos oito anos, somente em 2016 ele teve contato com o *Grindr*. Desde então, afirma já tê-lo baixado e desinstalado pelo menos umas dez vezes. Mas o aplicativo de relacionamento foi “um ensinamento”, uma porta que se abriu e lhe mostrou que ele pode encontrar mais reciprocidade ficando com outros rapazes que, assim como ele, se identificam como gays. “Assim, eu prefiro ficar com outros gays, com hétero não. Não tenho mais vontade.”

Apesar de ser uma prática comum em pequenas cidades do interior - e por que não no mundo todo -, ele confessa não entender bem a questão de homens supostamente heterossexuais terem ficado com ele. Ele acredita que, para alguns, é apenas a questão do momento, do carnal, da necessidade de satisfazer o desejo de gozar, da busca pelo prazer. Por outro lado, supõe que existem outros que realmente “curtem”, mas que não se compreendem. “Nem mesmo eles sabem o que são. Se são gays ou héteros, eles nem conhecem essas definições. Simplesmente curtem.”

Apesar dos 34 anos, do talento artístico e do vasto conhecimento

que tem sobre as mais diversas matérias, Roberto nunca saiu da cidade onde nasceu e cresceu. Não conhece muito além de Fortaleza, que está a não mais que 150 km de distância, mas não esconde o desejo de ainda desbravar outros ares. “Aqui não tem nada pra mim. Já pensei em sair daqui. Ainda vou. Tá mais perto do que longe.”

Mas por ora, o seu olhar perdido em sua imaginação se encarrega de levá-lo a outros lugares, outras aventuras e outros homens. Roberto viaja, ali mesmo, do fundo de sua rede, sem sair da pacata cidade.



C É U

Quem nunca transou por um mimo?

Os aplicativos de relacionamento vêm modificando cada vez mais a maneira como as paqueras e negociações amorosas ou sexuais acontecem. Isso, claro, foge do que era tido como comum até então: aquela prática de flerte com troca mútua de olhares entre dois desconhecidos num lugar qualquer. Mas por outro lado também abre caminho para as mais diversas possibilidades, como uma permuta mais objetiva na busca pelo prazer.

“Com local ⚡” é um dos apelidos comumente usados por usuários de aplicativos de relacionamento afetivo-sexual, a exemplo do *Grindr*, um dos mais populares. Mas por trás de um desses perfis em particular, com foto de torso branco, magro e descamisado, está o estudante de Publicidade Lucas [nome fictício], o personagem principal desta história. Usuário constante da aplicação, o jovem entende bem o ritual da política de barganha dali e tem várias experiências no currículo das negociações.

Apesar disso, e ao contrário do que se imagina, a sua primeira vez aconteceu à moda antiga, fora da plataforma online, sem aplicativos, internet, redes sociais. Apenas o olho no olho.

A oportunidade surgiu durante o aniversário de uma prima. A comemoração aconteceria numa casa de praia da Taíba e iria de sexta a domingo. Amigos e parentes reunidos. Aquele fim de semana prometia muita diversão. E cumpriu.

Na sexta à noite, os vários veículos que traziam os convidados

começaram a ocupar o extenso gramado mal-cuidado daquela propriedade com areis litorâneas. A maioria das pessoas já eram conhecidas de Lucas, não obstante a sua proximidade com a prima. Mas, entre os amigos dela, um em especial mudaria aquele clima despretenso de festa. Douglas era o nome do personagem que traria um pouco de malícia para o ambiente.

“A tentativa foi durante o sábado inteiro”. Ele se refere à persistência de Douglas numa proposta bem explícita: sexo em troca de uns “presentinhos”. “No fundo, eu gostava daquela insistência porque não imaginava que teria chances com ele. Ele era bem *gostosim*”, deixa escapar com certa malícia. Ser flertado mexe com o ego e, afinal, quem não gosta de se sentir desejado?

Como que vencido pelo cansaço, Lucas acabou cedendo à proposta na noite de sábado daquele fim de semana.

Depois de insistir durante todo o dia, e chegada a hora de dormir, o rapaz sugeriu que eles dormissem no *deck* da piscina, junto de outros três amigos. Lucas não nega ter gostado da ideia e, claro, a aceitou. No entanto, dois rapazes acabaram desistindo de dormir ao relento e voltaram para a casa grande. O terceiro, por sua vez, já bêbado, acabou pegando no sono sem demora. No meio da noite, o insistente rapaz chamou Lucas para uma casinha que ficava ao lado do *deck*. A proposta sugeria que eles fizessem “sexo completo”, por assim dizer. Mas, diante da adrenalina e do medo de serem flagrados, a ação se resumiu unicamente a sexo oral. “Ele queria fazer tudo, mas o medo não deixou”, relembra Lucas.

Na época, com apenas 16 anos e já assumidamente gay, Lucas achou que a proposta fosse apenas uma brincadeira. “Como os amigos dele faziam esse tipo de brincadeira comigo, ele foi pelo mesmo viés, mesmo eu não tendo intimidade com ele”, recorda. A timidez já não era uma característica de Lucas, que também tinha interesse no rapaz e acabou correspondendo às investidas. “Eu não era inocente. Quando os amigos brincavam comigo, me

agarravam por trás, claro que eu aproveitava. Logo, eu queria que ele fizesse o mesmo também, porque até então ele era um desejo inalcançável”, revela. As brincadeiras acabaram por se consumir. Os agradados prometidos em troca do ato vieram posteriormente. “Eu poderia escolher o que ele ia me dar. Ele me levou ao cinema e me deu duas blusinhas da Renner”, recorda em tom humorado.

A primeira experiência com o amigo da prima não seria a última. Os dois se encontraram em outras oportunidades. A segunda vez veio a acontecer dois meses depois da primeira. A troca, dessa vez, aconteceria de forma mais sutil. Eles saíram para jantar, e o rapaz apenas arcou com todos os custos do “rolê”. Naquele dia, os dois acabaram a noite na casa do rapaz e consumaram o que havia ficado inacabado. “Algumas vezes após a segunda vez, quando saímos em grupo, ele pagou as minhas bebidas e me ofereceu coisas”, recorda.

Suas experiências envolvendo trocas não se resumiram a esses casos com o amigo da prima. Já com 20 anos e um *smartphone* com acesso à internet, Lucas viu um mundo de possibilidades se abrir na palma da sua mão. Num determinado dia em casa, no *frisson* para usar cocaína e com o celular conectado ao *Grindr*, Lucas visualizou, entre as muitas miniaturas na grade do aplicativo, o perfil de um rapaz que tinha o nick “⚡ c/ local”. O ícone do raio, Lucas já conhecia.

Na linguagem de simbologias virtuais, significava que a pessoa por trás do perfil também gostava ou estava usando cocaína naquele momento. “A minha tinha acabado, e eu *tava* no *hype*. Aí vi esse carinha online e puxei assunto”, fala com muita naturalidade.

O balé social parece se repetir como na casa de veraneio. Entretanto, quando mediada por aplicativos de geolocalização, como *Grindr* e *Scruff*, a coisa tende a se encurtar e envolver não somente pretensão de relacionamento, mas trocas nas mais distintas esferas. Verdadeiras negociações em diversos âmbitos

são firmadas para que o desejo se torne, de fato, uma extensão do virtual, na busca por atingir o gozo.

O convite para Lucas ir até a casa do desconhecido veio rápido. Ao ser questionado se aceitou a proposta, Lucas não hesita. “Quem nunca transou por um mimo?”, replica sem titubear. “Ele me chamou pra ir, mas eu estava sem incentivo [sem droga]. Aí ele falou para eu ir mesmo assim, mas teria que transar com ele - e deu a desculpa de que sentia muito tesão quando usava”, relata lembrando como tudo aconteceu. A aventura teve um final feliz para ele. “No fim das contas, fui, usei, dormi, comi e ainda ganhei o Uber de volta”, concluiu.

A aventura rendeu uma espécie de amizade com benefícios. “Com esse eu ainda tenho um leve contato, mas, quando ficamos, não se envolve mais essa questão de trocas”, afirma.

Em outra oportunidade, ainda com 20 anos, Lucas estava numa festa *privêzinha* usando padê com amigos, quando decidiu abrir o aplicativo. “Entre no *Grindr* — porque é quase como um passatempo pra mim — e coloquei um nick ‘⚡’”. Não demorou para que o perfil dele chamasse a atenção de outro usuário e surgisse uma proposta. “Um *boy* me chamou para ir usar com ele. Eu dei a *queixa* [mentira proposital a fim de ganhar algo em troca] de que estava sem, e ele me chamou mesmo assim”, relata. Perguntado sobre como se deu o encontro, Lucas é assertivo: “fui pra casa dele, fiz o serviço e ganhei um pacotinho de 20”.

Hoje com 21 anos, o estudante de Publicidade olha para trás e avalia seu comportamento: “Em nenhuma das vezes eu senti nenhum problema, mas hoje eu repenso, sabe?”. Em relação ao amigo da prima, Lucas conta que não se sentiu mal porque conhecia o rapaz, mas as outras situações nas quais houve trocas geraram um certo desconforto para ele. Quando perguntado sobre o porquê da inquietação, ele explica: “O incômodo não foi pelas trocas, mas sim por como aconteceu com os caras do *Grindr*, sabe?”. “Envolvendo incentivos?”, indagamos. A resposta vem

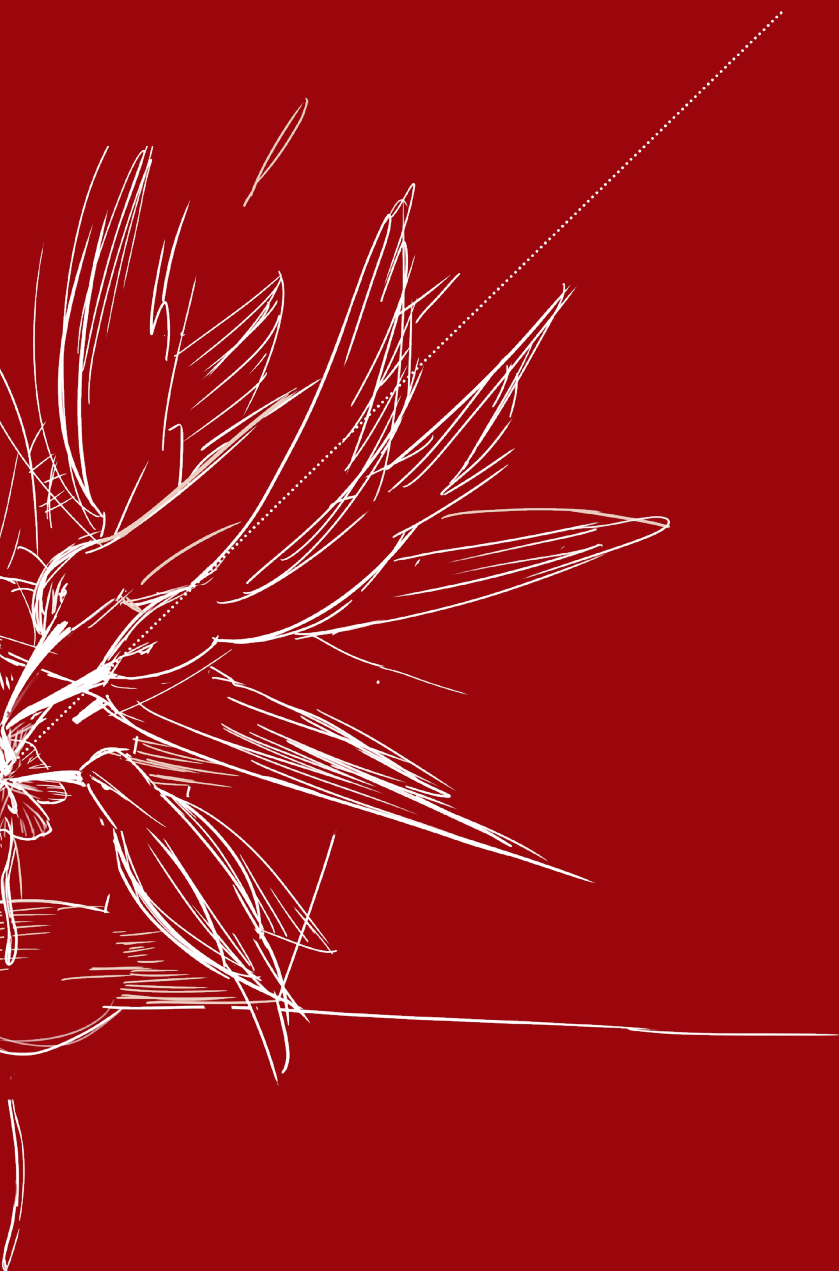
afirmativa: “Sim. Me parecia sexo em troca de incentivos, como se eu precisasse. Sempre ficava um clima de ‘o que tô fazendo?’”. Lucas não voltou a repetir as aventuras sexuais envolvendo trocas.

CRÔNICAS

*Faço tudo que me dá na cabeça,
não quero saber de limitações.
Eu não pequei contra a luxúria.
Quem peca é aquele que não faz
o que foi criado para fazer.*

João Ubaldo Ribeiro Ribeiro, J.U.







O anfitrião

O movimento de estudantes, trabalhadores, pessoas de todos os tipos e interesses dão ao entorno da Praça do Carmo, no Centro de Fortaleza, uma verdadeira euforia. Sob o sol a pino, a temperatura de 38 graus Celsius faz escorrer um fio de suor no Anfitrião. A poucos passos dali, na rua Major Facundo, 1181, um movimento mais discreto, às escuras, acontece longe de qualquer suspeita dos mais ingênuos. A fachada, discreta, sem sinalização e com uma trepadeira caindo sobre o muro, quase que ironiza o que lá dentro acontece. Aos despercebidos, não passa de mais uma construção antiga que o tempo desgasta. Caminhamos em sua direção.

A excitação por me apresentar aquele mundo faz subir um ímpeto de medo que ao mesmo tempo é instigado pelo calor; as mãos suam. O Anfitrião olha rapidamente ao redor. Sob a luz do sol, reluz sua aliança. Naquele ar de sutil desconfiança e — sobretudo — surpresa, há conforto.

Entramos.

Após a primeira porta, uma cabine onde o valor de 8 reais é cobrado, sem permanência máxima de tempo. Um rapaz de grande porte, boa aparência e estrutura física atlética recebe o dinheiro e libera a catraca. Daquele ponto em diante, a luz já entra com dificuldade. Involuntariamente, a pupila dilata e busca, no primeiro salão, identificar nas formas masculinas que passam rapidamente alguma segurança ou familiaridade, seja ela qual for.

As paredes de cores opacas estampam cartazes de uma sauna, não tão longe dali. “Concurso Bumbum Rommeo”, “Bloco da Piroca Louca”, “Madruga dos Machos Leitosos” e “Homem de Três Pernas” são algumas frases de *marketing* barato misturadas na poluição visual de um *flyer* de divulgação mal diagramado. “Vem aqui”, chama o Anfitrião sumindo no breu, em seguida.

Na pouca iluminação, os olhares dos transeuntes ficam cada vez mais intensos, e o brilho voraz do desejo é o único ponto de luz. Cintilam. E, num vai e vem, somem e reaparecem, nas diversas cabines dispostas no labirinto da caça, da saciação da carne. A arquitetura do prazer marginal se mostra em uma confusão de fetiches longe de qualquer etiqueta da sociedade, da outra sociedade, da sempre sociedade, lá fora. As cabines possuem uma televisão onde passam filmes para os mais variados gostos, em *looping*. *Interracial*, *daddies*, *bareback*, *cruising*, *sadomasoquismo* e *fisting* são alguns dos tipos que identifico.

Não só o enredo da pornografia, as paredes também têm histórias dos que por ali passaram. Um dadaísmo da putaria, feito com marcas de gozo nas paredes por todos os lados e alturas, inclusive nas TVs. Inúmeras, como na tela de um artista decaído e, sobretudo, incompreendido.

O Anfitrião senta-se e fala, diante de um pornô mal dirigido, sobre as vantagens do lugar. O cinemão, segundo ele, é uma “verdadeira Nárnia”, um armário às avessas. Uma notificação chega, e seu celular acende. Na proteção de tela, uma imagem dos dois filhos com sua esposa.

Silêncio.

Levantamo-nos e subimos para o segundo andar da casa. No corredor, o caminho é interrompido por uma mão no meu peito. Olho. A expressão é de um sorriso de canto de boca, com um leve morder dos lábios. Nego.

Arejada, com cheiro menos forte, muito falatório e com

luz natural, nós estamos na área de fumantes. A pornografia agora é heterossexual, e os frequentadores do cine falam sobre relacionamentos passados, suas rotinas e trabalho, em meio a gemidos femininos e masculinos vindos dos filmes ao fundo. Logo a monotonia toma conta.

Saímos.

A escuridão parece agora ser mais intensa, e o Anfitrião, com sua camisa de linho branca, some, mesmo estando há apenas um palmo de mim. Entramos em uma sala com refrigeração e o ranger da porta é marcante pelo entra-e-sai de homens. As cadeiras estão dispostas em arquibancada, voltadas para uma televisão, a maior do cine, com pornografia na tela. Em fileira, homens dos mais diversos biotipos olham com certo tédio o filme enquanto se masturbam lentamente, num ato de exibicionismo. Um curto corredor leva ao fundo da sala onde há um *glory hole*. Numa singela fila, três homens aguardam e revezam o prazer úmido do buraco. O Anfitrião chama. “Vem aqui também. Experimenta.” A porta range.

Em uma ampla sala, um homem moreno com óculos e cabelos grisalhos está sentado com as pernas abertas, nu, vidrado em um filme pornô. A concentração é interrompida quando ele nos vê. Logo, nota-se que o homem usa uma bomba peniana para auxiliá-lo na ereção. “Eu já vi de tudo aqui e talvez seja o que mais gosto neste lugar”, revela o Anfitrião, com ar de fascínio, enquanto nos dirigimos ao bar. A exemplificação continua com “hoje não tem muitas travestis, acho que pelo horário”. Olho para o relógio. 16h46. “O movimento tá até pouco. Eu já vi um policial aqui e outro cara, de joelhos, chupando a arma dele no meio de todo mundo...”

Imagino.

O cheiro inebriante juntamente com gemidos indistinguíveis ao longe, vindo das TVs e dos frequentadores, fazem do local

uma espécie de imaginário sórdido, onde todos podem dar vazão à sua animalidade; esgueirando-se nas sombras de si e dos outros. Entretanto, explica o Anfitrião, tal gramática dos corpos no ambiente acontece não necessariamente por marginalização do sexo entre iguais, mas sim, por fetiche, por liberdades, pela libertinagem.

Sinto.

Após um “bora? Tá na hora”, iniciamos nossa partida. A luz amarelada, não tão forte, de fim de tarde, começa a aparecer na saída do cinemão. Mas a arquitetura do lugar ainda reserva uma surpresa: o espelho. Todos aqueles que adentram são obrigados a dar de cara consigo mesmos no reflexo. Segundo o Anfitrião, olhar para si, após comportamentos condenáveis pode ser duro. O que “Nárnia” proporcionou acaba e todos voltam, à sua maneira, para suas etiquetas sociais, deixando na escuridão, naquelas cabines, naquele chão e naquelas paredes fétidas um pouco de si - também presente nas profundezas do desejo reprimido de cada um.

Sáímos.

Ouve-se o badalar dos sinos da Paróquia São Benedito.

18h.

Angelus.



A melhor

Como será a sensação de estar no alto? Ser o centro das atenções? Aplaudido à meia luz e seguir direto para o camarim? Eu sei, e fui a melhor de uma noite banal, de gente quadrada e mesquinha. O palco não poderia ser outro: pequeno, pouco iluminado, um DJ de gosto musical duvidoso ao fundo e, à frente, uma pequena multidão de desejos nas paredes sujas de um *cruising bar*. Olha, não pense você que acabei “na sarjeta” ou “estou desperdiçando tempo”. Eu escolho onde eu quero estar, inclusive do outro lado do Atlântico — e ainda volto com alguns euros na conta! Ou seja, não importa onde, eu sempre darei o meu melhor.

Por hoje, o agora me reservou um *cruising bar* recém-inaugurado. Até aqueles que frequentam esses espaços e nem assim sabem ou se tocam do que são, precisam de diversão. Estou há três décadas fazendo a alegria da rapaziada. E não faço distinção, viu? A questão é ser profissional. A performance da noite seria “sexo ao vivo”, com interação de *fisting*. O cachê? Um pouco abaixo do meu normal, mas trabalho é trabalho. E o trabalho dignifica o homem, dizem.

Desde cedo estava pronto — sempre estou. Peguei um carro e logo estava num camarim bem minúsculo, para um homem do meu porte. Estou aqui e aqui me apresento, pensei. A iluminação vai diminuindo. É a deixa.

Eu não reparei no outro ator, quase nunca os reparo. Sempre tenho em mente que oferecerei não só “sexo pelo sexo”, mas

um entretimento bem pensado e fora das arestras de pessoas quadradas. Não é preciso muito para “chocar” as pessoas aqui. E eu gosto, e eu vou além; ultrapasso até meus próprios limites.

Começa o show. Agora, não penso em mais nada, apenas me entrego. Os dedos se misturam, as mãos se entrelaçam, relaxo o máximo que posso e sinto punhos entrarem e saírem. Intenso, brutal, *fister* que sou. Deu a minha hora. Ponho um roupão e volto para o camarim. Visto minhas roupas, mas antes ouço nos bastidores: “A melhor”.



Você curte fetiches?

O ano era 2004 e o *boom* dos aplicativos de relacionamento ainda demoraria a acontecer. Os sites de bate-papo é que estavam no seu apogeu. E foi através de um deles que Gabriel recebeu o convite para uma experiência fora do convencional ao qual estava acostumado. Hoje quase nada o surpreende, mas na época a proposta foi recebida com reticência quando a pergunta apareceu na sua tela “Você curte fetiches?”. Acostumado ao sexo tradicional, na época não passava nada em sua cabeça que fosse fora da caixinha. Mesmo se recusando a revelar a fantasia, o rapaz do outro lado da tela assegurou que não seria nada “muito estranho”.

Após alguns minutos negociando, o convite foi aceito. Tomado pela curiosidade e pelo tesão naquele menino “bonito, loirinho, baixinho, gostosinho”, Gabriel foi, mesmo sem saber muito o que o esperava.

De início, tudo aconteceu como em outros encontros casuais que tivera; nada fora do roteiro: apresentação inicial, alguns minutos de conversa regada a bebida, início dos beijos, preliminares e penetração. Por um momento, Gabriel até achou que nada fosse acontecer fora do sexo “normal”.

Em meio a muito suor e gemidos, entre uma posição e outra, veio o pedido. Na mesa de cabeceira havia uma gaveta. Dentro estavam várias cédulas de dinheiro. A ideia lhe foi lançada: ele iria meter no loirinho de frango assado; quando este estivesse perto de gozar, Gabriel deveria abrir a gaveta, pegar o dinheiro e jogar

na sua cara enquanto o esculachava como seu escravo sexual.

Já muito excitado, Gabriel não pensava mais senão com a cabeça de baixo. Àquela altura, dificilmente recusaria alguma coisa. E topou.

Quando ambos estavam com a respiração mais acelerada e ofegante, o toque no ombro de Gabriel foi o sinal que ele precisava de que havia chegado a hora de cumprir o acordado. Ao abrir a gaveta, lá estava um bolo com notas de 50, 20, 10 e 5.

“Devia ter uns 2 mil reais”, calculou.

Como combinado, ele entrou no personagem. Pegou o dinheiro, ainda metendo com força, e começou a jogar na cara daquele menino bonito enquanto o humilhava.

“Toma, seu puto. Não é isso que você quer, seu desgraçado?! É disso que você gosta, seu filho da puta?”

Tamanha foi a surpresa de Gabriel ao ver o rapaz fechar os olhos e gemer de prazer enquanto gozava sem pegar no pau. Mas o que mais lhe surpreendeu foi perceber que estava gostando de ver aquela cena, aquele homem se deleitando ao ser tratado como garoto de programa por aquele personagem que ele havia encarnado.

“Ele urrava de prazer, estava se contorcendo por completo enquanto eu o chamava de vagabundo e esfregava o dinheiro na cara dele.”

Gabriel não gozou. Não ejaculou, pelo menos. Mas o prazer veio de uma forma que ele não esperava: vendo o prazer do outro. E isso bastou. Abria-se ali caminho para outras experiências futuras com fetiches.

Ao final, o rapaz quis dar um agrado, como forma de demonstrar o quanto tinha curtido a experiência. Gabriel não aceitou, mas se sentiu lisonjeado por ele querer pagar pelo serviço.

Ah, se eu for lembrar...

O desejo parece seguir leis próprias e não obedece nem mesmo ao desejante. Ele pode até ser reprimido, por motivos de medo ou inseguranças, mas sempre estará lá, transitando, pulsando na busca incessante por saciação. E foi assim que Pedro, na tarde daquela quarta-feira, não aguentando mais, explodiu: buscou outros homens, outros corpos, na penumbra de um cinemão. “Vou para o Arena mais tarde”, contou a um amigo, cheio de certeza. Do bairro onde mora até o Centro de Fortaleza, são nove quilômetros. O valor do Uber até lá foi a deixa que precisava. “As viagens estão com 40% de desconto. Deu apenas 9 reais para eu ir”. Pedro vestiu uma camisa gola pólo preta e uma bermuda branca — escolha da qual ele se arrependeria mais tarde.

E foi.

A cidade ainda enfrentava uma série de restrições de circulação de pessoas por conta do Coronavírus, mas isso não foi o bastante para impedi-los: Pedro e sua devassidão foram. Os cines pornôns estavam abertos, contrariando, assim, medidas sanitárias. Mas ele, por outro lado, gostava mesmo era da sujeira. O cheiro de gozo, o calor dos corpos estranhos, o chão pegajoso e as paredes manchadas de jatos de esperma eram puro recurso estético para Pedro. O vírus que abalou o mundo tornou-se em todo lugar uma metáfora para a morte e o medo ficou generalizado, assim como os desejos são. “Tenho medo da Covid, mas vou.” Na balança, a vontade de ficar “nua” no chão pesou mais. Ele estava acostumado com a imundície dos mais variados tipos e tinha uma excitação

absurda na depravação em locais fétidos e pouco iluminados. Aqueles lugares recônditos pareciam seguir a mesma moral do desejo e recebiam seus frequentadores normalmente. Alheios a tudo, saciam seus pagantes. Logo, as mãos de Pedro virariam seus olhos e ele tatearia aquelas paredes.

Sem perder tempo, a aventura de Pedro começou logo no carro. O deslocamento da sua casa até o cinemão já era em si um trajeto de fetiche. Sentou-se no banco da frente, de máscara, e desejou “boa tarde” ao outro mascarado, João Paulo, com quase cinco estrelas na avaliação do aplicativo. Partiram.

No caminho, uma típica conversa para “quebrar o gelo” sobre o faturamento, o atípico frio no Ceará dois dias antes e o tão em voga Coronavírus. As respostas vinham e iam abafadas pela máscara. No entanto, o olhar de Pedro estava descoberto e direcionado para as pernas do condutor. Diferentemente da boca — por enquanto — só tinha a calça *jeans* e a cueca do motorista como impedimentos. Pouco importava os assuntos conversados naqueles vinte minutos até o destino, a excitação era a aventura. Em certo momento, as questões tomaram novos rumos. “O senhor é casado?”, lançou a pergunta à queima roupa. Direto. “Sou noivo”, o motorista respondeu. Além do trânsito, ele estava atento ao olhar safado de Pedro. As respostas começaram a vir com o cair da sua mão direita, de aliança no dedo, até a perna. Puxou o câmbio e, em seguida, deu uma longa e farta apalpada entre as pernas, naquele volume, já justo, por baixo do *jeans*.

Aquele era o sinal, a confirmação de que Pedro podia avançar. Atrás da sua máscara, já mordida o lábio inferior. “Posso mamar?”, destemido, objetivo, sem rodeios. Antes que a resposta viesse, sua mão parecia ter criado vontade própria e avançou. O motorista, já excitado com a situação, limitou-se a balançar a cabeça em afirmativo.

A mão de Pedro seguiu e sentiu o farto calibre sob a roupa. “Que delícia de rola”, pensou. Partiu então para a confirmação.

Desafivelou com certa dificuldade o cinto, o botão da calça e, por fim, desceu o zíper. Viu a cueca branca, marcada, levemente úmida. Masturbou João Paulo por um tempo por cima do tecido e, finalmente, deu liberdade ao órgão pulsante. Pedro baixou a máscara. Mas o momento foi interrompido por uma voz robótica. “Você chegou ao destino de Pedro”, o GPS os atrapalhou. Passageiro e motorista se despediram e ambos receberam cinco estrelas na avaliação.

Determinado a acabar com aquele tesão que o consumia, Pedro preferiu se assegurar, na certeza de que iria rolar algo, fosse no cinemão ou não. “Tô pelo menos já com um ativo garantido. Marquei pelo *Grindr* de encontrar com um pombudo. Vinte centímetros. Grosso”, confidenciou a um amigo.

Na entrada do cine, pagou, cruzou a catraca e logo estava envolto a toda aquela penumbra típica. A nudez escancarada dos frequentadores dos mais variados tipos, aquele forte cheiro de gozo e água sanitária e os gemidos embriagaram todos os seus sentidos. Por sorte ou acaso, Pedro não demorou para encontrar o rapaz com quem havia marcado, Charles. Já nus, seguiram para uma cabine. Apesar do fetiche na exibição em público, Pedro gosta de filmar suas fodas, e a luz do flash não é permitida nos espaços abertos.

As cenas foram feitas em ângulo *Contra-Plongée*, de baixo para cima, aberto, enquanto Charles enfia o punho no seu anus. Prática conhecida como *fisting*. “O vídeo vai bombar no Twitter”, pensou. Nas imagens, é possível ouvir os gemidos, ora soltos, ora abafados. Pedro leva dois tapas na cara com força, na altura do ouvido. O estalo é alto. Fica de joelhos e chupa Charles ao mesmo tempo em que tem a cabeça forçada, cada vez mais, com violência. Aguenta até onde pode e vomita. Em Charles e em si. Levanta-se e novamente tem a mão de Charles lhe preenchendo com força. Fica em um movimento de entra e sai por alguns minutos até que Pedro sangra. O líquido viscoso, vermelho, escorre por sua perna

morena e brilha com o reflexo da luz branca do celular. Charles o empurra, coloca-o de quatro e enfia nele, até gozar. Pedro não se recorda, mas Charles já o conhecia. “Eu já te comi uma vez numa sauna. Depois tu entrou no quarto com um idoso”, relembra. Logo ele! Quem dera fosse capaz de lembrar de todo mundo que o fez de putinha.

Separaram-se.

Pedro transa o quanto pode quando está nesses locais e deixa para gozar na saída. “Eu transei dessa vez só com dois. Um foi ele (Charles). O outro, um velho nojento que eu comi sem capa.”

E gozou.

Satisfeito, procurou um banheiro para se limpar. Feito, tomou um Uber e foi embora; cansado, sobretudo. Em casa, notou umas manchas de sangue na bermuda e tratou de lavá-la o mais rapidamente possível. “O meu medo maior, claro, era manchar minha roupa, não estar com algum problema, devido ao sangue”, relatou a um amigo. Longe da escuridão, sentiu a garganta doer, especulou sobre os motivos e concluiu: “Ele enfiou o pau ferozmente; me fez vomitar”. Lembrou de como Charles foi “fofo” por deixar filmá-los.

Após o banho, o sono logo deu boas-vindas. Jantou e dormiu satisfeito.

Saciado.



Cabeça cheia

O expediente enfim acabou. Fora um dia corrido, cansativo, como tantos outros. Já em casa, o interfone toca às 23h em ponto. Engana-se quem imagina que foi um pedido no aplicativo de comida. Aliás, também foi um pedido, não deixa de ser, mas de um aplicativo onde o cardápio é composto de corpos, o valor é a distância e as informações de cada prato são idade, altura, peso, tipo físico, cor, um corte de abdome bem feito ou zero pêlos, aos mais exigentes. Às vezes eles trazem até sobremesa. Trocando em miúdos: tem para todo gosto. Mas o tempo é curto, o dia foi cheio e não se pode gastar com qualquer coisa.

Falando em “coisa”, a porta da geladeira guarda um vidrinho em tom de âmbar, rótulo amarelo com um raio vermelho. “*Rush*”, em destaque. Um *souvenir* de 15 euros da última viagem a Amsterdam. Que o *Food and Drug Administration* (FDA) não leia isso e muito menos você faça isso, mas a *necessaire* do aparelho de barbear veio bem a calhar. Passou no aeroporto. Aqui, no Brasil, a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) coloca tal artigo na escala de solventes, como o “loló”. Não tão barato, porém. A Receita Federal, no entanto, alheia ao conteúdo escondido na bolsa, não taxou porcentagem sobre a lembrancinha.

Dizem que o frio conserva, então, meio que está sempre à vista quando abro a geladeira. Lembro-me do filme *Cruising* (1980), com o talentosíssimo Al Pacino. Na pele de um policial, ele investiga assassinatos de homossexuais nos guetos de Nova York. Bom profissional investigativo que é - e ator -, o personagem vive

a euforia de clubes sadomasoquistas. À época, a cabeça ficou cheia. Com nitrito, ou poppers, como é mais conhecido.

A ideia da noite não era para tanto. Quem dera! Nas próximas férias, quem sabe. O frasco cabe perfeitamente na mão, de modo a fechar uma narina com o polegar e na outra aspirar. Conhecido também como o “gás do amor”, o efeito do vasodilatador é instantâneo, tão rápido quanto aquele que havia chegado e esperava liberação na portaria para subir.

Ele subiu.

Uma aspirada para animar.

A cabeça agora está cheia em dobro, triplo, quádruplo... Cuidado com o pico de pressão! Dá para ouvir o coração acelerar e tudo fica leve e relaxado. Cinco segundos de euforia barata, e o peso do dia recai agora em dobro nos ombros.

“Com sorte, agora hei de sentir também o peso das pernas de um desconhecido que toca a minha campainha.”

(...)



Olheiro

O lhadinha. De leve. O mais discreto possível. Rápido! “De rabo de olho”, como se diz no Ceará. Manjar. Mas manjar o quê? Os olhos enquadram com precisão rapazes com potencial no corredor na faculdade. Perfil juvenil, porte atlético, estatura mediana, tatuagem e até qualquer saliência entre as pernas são características que chamam sua atenção.

A aula começa.

O Olheiro busca talentos e, claro, a sua comissão naquele processo. Em pouco tempo, passou por dois tipos de seleção. A primeira: ingressar na tão sonhada faculdade; a segunda: já aprovado no curso superior, buscar conhecimento com ares de cafetinagem. Esse processo é muito parecido com o que já conhecemos, pois oferecemos nosso corpo e nossa força em troca de dinheiro. O Olheiro intermedia. A ele cabe oferecer dinheiro aos “escolhidos” e deixá-los a par das condições para o recebimento do valor combinado.

E muitos topam.

O interessante nesse processo é o cuidado. A “proposta indecente”, distante do clássico de cinema de 1993, costuma começar com a análise de perfis. Mas como chegar ao arremate? Cita o dinheiro primeiro? O sexo com pagantes? Horários? Não, essa não é uma cafetinagem clássica em contrato ou lei trabalhista — e muito se luta por regulamentação, viu?!

No sorriso largo e sempre em tom fanfarrão, é possível falar

sobre as maiores barbaridades e também brutais verdades sem o peso da sinceridade. O Olheiro sabia muito bem disso. Como quem prepara o bote, cita uma situação genérica com ele. O outro ri. Avança e recua. Um assunto da faculdade aqui. A falta de dinheiro para pagar a mensalidade ali. A nota baixa acolá. Até que, nesse xadrez, o rei da moral não pode se mover. Acuado, todas as peças tomadas. Derrubado, não se sabe se pelo desejo ou pela necessidade. Ou os dois. Xeque-mate!

“Depois da aula eu tô livre.”

A aula terminou.



O melhor de três

Era uma época em que só existia telefone e anúncios no jornal. Não tinha internet, não tinha *WhatsApp*, não tinha *Grindr*; tudo era feito por telefone. Eu dependia de uma agência. Era ela que intermediava meus encontros.

Um dia, ele ligou para lá solicitando os serviços de um garoto. Queria alguém com as minhas características. Me chamaram, e eu fui.

O encontro aconteceu num hotel de luxo. Chegando lá, ele ficou pelado, deitou na cama e pediu para eu ficar nu, de pé, no canto do quarto. Ele ficou o tempo todo só olhando para mim, me contemplando e se masturbando, sem gozar. Só pausava para cheirar pó e voltava para a cama. Foi assim durante todo o tempo do programa. Eu não tive que fazer ou falar nada. Tudo o que precisava era ficar ali, em pé, desnudo como vim ao mundo. Imóvel, servindo apenas como objeto de adoração e prazer. Até ele finalmente gozar.

E foi assim também na segunda vez: mesmo hotel, mesmo quarto, mesmo ritual.

Em duas semanas, me requisitou três vezes.

Na terceira, pediu para eu ficar duro. Comecei a me estimular até ficar completamente rijo. Ele, então, pediu para eu me aproximar da cama, fez uma carreira no meu pau e cheirou — foi a primeira vez que fizeram isso comigo —; deu duas chupadas e pediu para eu voltar pro meu canto. Passou mais alguns minutos e veio seu orgasmo. O maior — e melhor — de todos os três.

Dessa vez, ele me deu 150 reais, 100 a mais do que o valor normal da hora — um agrado pelo “esforço adicional”. Na época, 50 reais era o equivalente a 500 hoje em dia. Então, era como se eu estivesse recebendo 1.500 reais hoje. Mil e quinhentos reais para ficar estaticamente nu.

Algum tempo depois, fiquei sabendo que outros meninos da agência também tinham saído com ele. O ritual se dava sempre durante três encontros com a mesma pessoa, depois outra diferente.

Era um rapaz jovem, bonito, com muito dinheiro. Havia perdido os pais recentemente e estava buscando nesses encontros furtivos uma válvula de escape.

Nunca mais tive notícias suas.



Festa do galo

Assim como Machado de Assis, nunca pude entender a conversação que tive com um senhor. Eu, com 25, ele, 40, gozando de muita vitalidade – diria até mais do que eu, ao que muitos dizem ser o pico de mocidade. Deitado comigo em sua cama, ele me relatava sobre as festas que costuma oferecer ali, em sua casa; festejos esses diferentes da Missa do Galo, sem deixar, contudo, de ser um culto.

Reunião simples, de traje livre, sem muita burocracia aos convidados. Sortudos, podiam ir até sem nada. Essa era a ideia. Ele, enquanto encarregado de tamanha responsabilidade, estava à frente de todos os detalhes. O apartamento fora por ele escolhido a dedo. A festa iniciaria às 22h, podendo seguir até o amanhecer. Era final de semana, não havia trabalho. No máximo, uma dor de cabeça; ou uma ressaca moral aos que ainda carregam a culpa do sexo.

Ele continuou com os detalhes. “Era para ser algo memorável”, revelou. No que dependesse dele, seria. E foi.

Infelizmente, há burocracias impossíveis de se fugir. O mundo gira em torno de dinheiro e, até para transar, é preciso descolar alguns trocados. Quanto maior o valor, melhor a festa. Há os que acreditam – e existe alguma verdade nisso – que taxas são como um funil para apenas alguns tipos de pessoas. Ou você pode ou não pode participar. Como em todo evento, passada a euforia, haveria a prestação de contas.

Valor: R\$ 60,00.

A quantia, além de permitir o ingresso no evento, também incluía o livre acesso a um “banquete” de drogas, que ia desde álcool e estimulante sexual até ecstasy, cocaína e ketamina.

Enquanto me explicava os mínimos detalhes da orgia, sua atenção prendia-se aos cuidados: a organização de diferentes ambientes dentro do imóvel – cada um com um objetivo diferente –; a mobília devidamente protegida com plásticos ou alguma toalha de fácil limpeza – os motivos podem imaginar –; e objetos de valor rigorosamente guardados. Acredite, existe falta de civilidade até em surubas! A festa do galo tinha tudo e mais um pouco para ser o que se pretendia: de arromba. E arrombou.

Além do valor simbólico, havia um outro requisito, não menos importante: ser bem dotado. Ao todo, consegui reunir 25 homens, entrando e saindo do apartamento – e de outras formas também.

Explicou-me, ainda, o “código de conduta”. “Mesmo numa suruba, como em toda festa, seja cortês. Não fure a fila do *gang-bang* ou insista com alguém que não o quer. Estar ali não é obrigação de fazer algo com quem quer que seja. Há os que estão só para observar.”

E gozam, mesmo assim.

Lá pelas tantas, como me contou, saiu deslizando entre corpos, no corredor do apartamento, em meio a gemidos e penumbra. A festa também era dele, afinal de contas; merecia aproveitar.

Na manhã seguinte, ao acordar em sua cama, lembrei da conversa pós-coito da noite anterior. Voltei a perguntar sobre a suruba, no que ele fez um “balanço” de fim de festa. “Boatos que até houve *after*. Mas não participei.”

No conto, “Missa do Galo”, Conceição não recebeu a visita do solícito narrador, muito menos irá novamente ao culto de

Ano-Bom. A reunião entre homens, porém, já tem nova data e membros confirmados. Desta vez, a contribuição será de 80 reais e em um ambiente maior. O convite mal diagramado menciona até um café da manhã.

O prato principal, sabemos.



Cinelist

Acessar o catálogo de serviços de *stream* pode ser muito mais do que filmes de temáticas sugeridas por um algoritmo impositivo. Navegabilidade boa, filmes clássicos, séries com episódios semanais e *cinelists*. No último, fico surpreso com a cinebiografia nacional, principalmente em tempos de censura velada por burocracia. Lembro-me de 20 ou 30 anos atrás quando era necessário ir à locadoras para ver um filme. Cinema? Artigo de luxo. Agora, ao apertar um botão, você tem milhões de títulos.

Acesso a *cinelist* de filmes LGBT e fico feliz com o número de produções, apesar de ainda considerar muito recente o *boom* das artes LGBT. Artes essas que sempre existiram. Marginalizadas, no entanto. Aqui, nos meus 30 e poucos, quase 40, o que tínhamos era “O Terceiro Travesseiro” ou ficar excitado vendo os pacotes de cuecas em lojas de departamentos. Referências eram mínimas e isso é latente pela vida toda.

Dou *play* e começa “Vento Seco”. Filme de Daniel Nolasco, o mesmo que documentou o concurso Mister Leather São Paulo, e já podemos imaginar o que vem por aí. Sem muitas deixas, Daniel consegue unir com maestria o desejo em uma atmosfera surreal, onde tudo é permitido. O enquadramento na altura das genitálias mostra bem os calções usados durante uma partida de futebol e fios de suor escorrendo pelas pernas. Repleto de cenas de sexo gay bem realistas e objetos fetichistas, o filme é praticamente uma ode ao tesão. Lançado em 2020, um verdadeiro protesto sobre unir o pornô e a arte.

Referência de sexo nas artes nunca nos faltou – heterossexual aos montes, claro –, mas me refiro à arte como cerne, e não apenas sexo pelo sexo. Faltou um pouco de romantismo, o primeiro beijo, o toque desprezioso que faz o coração arrepiar. Ainda, a ida ao cinema de dois iguais roçando perna com perna, um beijo no escuro e mãos dadas no claro...

Ainda nos falta muito, mas percebo, ao contemplar uma *cinelist* gay, que, só em existir, já estamos progredindo.

Às gerações presentes e futuras, que as artes as tornem adultos melhores, mais bem resolvidos e menos reprimidos.

Os créditos sobem.

“O próximo título será exibido em 5 ... 4 ... 3 ... 2...”



Positiva VIVA

A iD\$! *Eu vivo com AIDS.*
AiD\$. Já ouviu falar?

AiD\$! Eu vivo com AIDS.

AiD\$. Já ouviu falar?

É, vivo com AIDS.

Medo? Não é pra ter medo. Cê tá com medo?

Não tenho vergonha de dizer. Não é sobre vergonha. Eu, hein?!

Sou uma positiva viva. VIVA. Em pleno mar morto... não é, Profana?

A AiD\$ é como uma bomba que te intoxica... De medo, de insegurança, de vergonha... Isso é toxina.

Gás que queima e alimenta paranoias do desconhecido...

Desconhecido?

As LGBTIs deste país acreditam na lenda da brancura e da limpeza... E tentam se eximir do medo da AiD\$. Se afastam, costumam não pensar sobre essa angústia que plantaram em nós e que cresce em todas... Tentam... Mas ainda assim não podem!

Ignorância ou terror?

Realidade: Em São Paulo, um quinto das gays e um terço das travestis e transexuais vivem com HIV.

O propósito é extermínio!

Operação Tarantula, higienização social...

A chance de infecção por HIV em homens gays é 24 vezes maior do que no restante da população.

Mulheres? Nem transam, não é mesmo?!

Enquanto são invisibilizadas, mulheres negras morrem três vezes mais de Aids do que os brancos.

Propósito: apagamento cultural.

Em 2017, 3 mil mulheres cis negras foram mortas em decorrência da AiD\$.

E se as mortes por AiD\$ também entrassem na conta da LGBTIfobia?

Em 2017, foram 3.800 mortes por AiD\$ de LGBTIs.

E eu pergunto: ONDE ESTÃO AS POSITHIVAS?

As positHIVas estão em todos os lugares... Dando. Comendo. Mamando... Sendo devoradas no silêncio e ardendo no fogo da sua indiferença.

Indiferença que você aprendeu a cultivar e que mata corpos como o meu. Mas como o teu também.

Mata quando você não se mexe diante do fim do Departamento de AIDS... Diante do sequestro de toda infraestrutura pública, de universidades aos SUS.

Defenda o SUS!

O que está em ação é um projeto de extermínio. Articule-se. Defenda o seu direito de existir!

Mas há também outras formas de matar. Quando responsabiliza as positivas por transar com você sem camisinha sem expor a sorologia. Retira nossa humanidade ao nos colocar como vetores de doença.

E assim, vocês nos criminalizam.

E se criminaliza.

Saiba desmanchar a ilusão das fronteiras. E não nos criminalize!

Não somos um risco para a sua vida nem pra sua liberdade!

Não somos vetores de doença.

Carimbadora???

Parem de responsabilizar as positHIVas por ações que também são suas!

Sexo é CORRESPONSABILIDADE! Aprendam.

Sexo, aprendam!

Hell0 feat. Loka de Efavirenz -
Vivas (Dando Version) - SoundCloud



Nota 3

O tédio toma conta no pós-almoço. A esta altura do dia, o pensamento foca no fim de expediente, seguido de um merecido descanso. O celular vibra exatamente às 12h. A notificação traz uma mensagem de áudio, encaminhada no WhatsApp. O remetente convida o destinatário, seu amigo, a analisar aquele conteúdo sonoro que ele recebera pouco antes. Os dois possuem critérios de “depravação” bem exigentes e não poupam nas críticas. Ele atendia impulsos ou só um roteiro barato reproduzido de pornochanchada? Aliás, peço desculpas. Ícones do audiovisual, elas sim merecem ser usadas de referência àqueles que só falam “pau”, “cu” ou “boceta”. Sexo é apenas um orifício a ser preenchido? Acredito que não. A seguir, a transcrição do áudio do “desconhecido”, a fim preservá-lo da moral deste mundo.

“Eu vou te dar leite e mijo, com anticoncepcional. Puta tem que tomar anticoncepcional, para não engravidar. Usar um *baby doll* para me servir. Uma puta.” 12 segundos de uma voz cansada, apática.

Longe dos politicamente corretos que alçaram o conservadorismo doentio nos últimos anos, eles continuam a agir. Na surdina, as paredes do moralismo e do pecado se dissolvem e verdadeiros animais dão as caras.

Peço licença, antes da avaliação, para falar um pouco daquele que é considerado um dos maiores devassos e libertinos da história: Marquês de Sade. Nobre francês, escreveu verdadeiras bandalheiras dignas de Hilda Hilst, mas foi mal-interpretado. Suas

obras não necessariamente são bandeiras de liberdade sexual. Sadista, termo que surgiu a partir do seu nome, ele não libertava, mas escravizava pela luxúria. Nosso desconhecido acima pode ser usado como exemplo: uma repetição de frases prontas aprendidas ao longo de tempos de conteúdo pornográfico. Em janelas anônimas, tá? A esposa não pode descobrir. Seria um absurdo! Em especial no Brasil, que lidera o consumo de pornografia trans no mundo. Talvez aí a ideia do *baby doll*, acredito.

Sem mais delongas, vamos para avaliação e nota:

[15/1 12:00] Destinatário: Por que homens hetero são assim?

[15/1 12:00] Remetente: Achei a entonação fraca. Parece que tá lendo algo. Sem energia. Tem potencial, pode melhorar.

[15/1 12:01] Destinatário: Nota?

[15/1 12:01] Remetente: São tempos difíceis, então ★★★.

[15/1 12:03] Destinatário: Concordo.

[15/1 12:04] Destinatário: A parte do anticoncepcional poderia ter sido usada com fins diferentes. Como por exemplo, criar tetinhas.

[15/1 12:04] Destinatário: Ficar com o corpo igual ao da minha irmã.

[15/1 12:04] Remetente: foi o primeiro elemento do imaginário feminino que veio à mente dele. Soltou e perdeu o fio da meada.

[15/1 12:05] Remetente: Por isso encerrou logo

[15/1 12:05] Remetente: "O que putinha toma."

[15/1 12:05] Destinatário: Ele não explorou e ficou na mediocridade do "engravidar".

[15/1 12:05] Destinatário: Mas o não engravidar foi bom também.

[15/1 12:05] Destinatário: Só poderia ter ido mais a fundo.

[15/1 12:06] Destinatário: Encerrou com um enredo curto e rápido.

[15/1 12:06] Remetente: Não teve arremate.

[15/1 12:06] Destinatário: Aquele gozo, aquele tesão na narrativa.

[15/1 12:06] Destinatário: Diria até que ele foi preguiçoso.

[15/1 12:06] Remetente: ★★★.

[15/1 12:06] Remetente: Minha nota final.

[15/1 12:07] Destinatário: Temos uma média ok, mas não o suficiente para ele ter o luxo, a experiência, a vivência, de te cadelizar.

[15/1 12:07] Remetente: Sim. Concordo.

A mediocridade, meus caros, está em todos os lugares. À espreita para brochar um ou outro. Até para putaria, como versou Drummond, “sejamos docemente pornográficos”, sejamos doces.

Nota 3 aqui. Lá, talvez, no universo a balançar por entre suas pernas, um 10.



Carta de um usuário

Suporte,

Estou decepcionado com o aplicativo. Eu o baixei, por sugestão de amigos, para marcar encontros casuais, boa transa e — quem sabe — até namoro. Mas nada. Confesso que havia desistido de passar o tempo em algo virtual e excluí o aplicativo por alguns dias. Mas sabe como são essas coisas, né? Os sentimentos vêm e voltam. Reinstalei. Acessei a conta sem dificuldade e pronto: a grade de perfis estava novamente à mostra. Atualizei, desta vez, as informações. Alguns centímetros a mais, um pouco mais de peso — mas sem exagerar porque, aqui, isso parece ser crucial. Até uma nova tribo coloquei, vê se pode! Agora pertença aos autointitulados “discretos”, “malhadinhos”. Na última tribo, fiquei em dúvida entre “elegante” e “urso”, mas se tratando dos usuários, ter pêlos traz certa virilidade. Fiquei com o último, então.

Outra reclamação junto ao suporte é que os usuários são muito monossilábicos. Não que eu tagarele e queira fazer somente “amigos”, mas esperava receber mais do que “oi”, “sim” e “curte o quê”. Inclusive, concluí que pouca gente lê as informações do perfil. Deixei claras lá as minhas preferências e, no entanto, as perguntas já respondidas se repetem.

Ah, as fotos! Certo dia li o texto de um rapaz - muito bem afeiçoado, por sinal - que trabalhou na concorrência de vocês.

Lá, ele elencou alguns erros comuns que cometemos nesses tipos de aplicativos. O principal, segundo ele - e por mais absurdo que pareça -, é escolher a melhor foto. Faz sentido. Afinal, antes ficar além do esperado do que aquém. Coloquei uma foto de média qualidade, valorizando uns atributos e escondendo outros. Um bom ângulo ajuda no parecer que lá na frente pode ser cobrado.

Retomei o uso do aplicativo há alguns dias, mas o marasmo continua, salvo algumas exceções dos “*taps*”. As cutucadas, quando retribuídas, são interpretadas como “*match*”. Mais uma vez, coisa da concorrência.

Outro ponto é o nome do perfil. Aqui, são várias frases de efeito. Algumas engraçadas, até. Optei por deixar em branco. Semana passada, comecei a teclar com o “*Sigiloso*”. Apesar de estar também me escondendo em algum nível, perguntei o porquê do nome. “*Você é casado?*”. De imediato, a resposta: “*Não, coloquei só para chamar a atenção*”. Parece que estou captando a lógica dos usuários da sua plataforma desta vez. Eu tenho de aprender a “*chamar a atenção*” para me dar bem aqui, mesmo me perguntando se devo continuar no aplicativo. Confesso, por outro lado, que o ambiente hostil que pode ser aqui também me deixa excitado. As fotos sem identidade, descrições que parecem contos eróticos, torsos masculinos e o tamanho do... Você sabe! Ah, isso estimula...

Nesta data, o pessoal do relacionamento do aplicativo perguntou aos usuários se estamos em busca de ovos e sugeriu: “*Encontre a sua gostosura de Páscoa na segurança da sua casa com o Vídeo Chat*”. Gostei da preocupação aparente, afinal, na manhã de hoje o Ceará registrou 1.670 casos do novo Coronavírus. De vírus, você também entende e se preocupa. Vi lá o campo sobre saúde sexual, que inclui uso de profilaxias, informações de sorologia e data de último teste. Olha só, e ainda com a opção de lembrete para refazer! Os usuários buscam pontos em comum para estabelecer contato, isso ocorre também fora dele, claro. Um

usuário “positivo”, nas raras conversas polissilábicas que aqui tive, disse-me que, em se tratando de sexo - e até convivência -, é comum a busca pela “soroconcordância”, nas palavras dele.

Conseguir sexo nesta época de restrição social ganha ares de atentado contra a vida e, ao mesmo tempo, de banalidade. Na comunidade LGBTQIA+, o uso de siglas para vírus não é novidade. Outro, de escala também global e temido até hoje, é o HIV. Igualmente sem cura - até o momento -; e, no começo, sem tratamento. Fatal. O termo “grupo de risco” também é outro velho conhecido. As “populações de risco” ainda estão aí nos boletins epidemiológicos. Um vírus como elemento em uma troca de afeto, de sexo e de consento é conhecido há décadas. Não podemos esquecer das bactérias. A sífilis é medieval. O prazer e suas consequências. Aliás, não condeno o prazer. As interações biológicas e suas consequências. Melhor assim.

“*Team Grindr*. Fique em casa, fique conectado”, é a campanha do aplicativo. Um mar de pessoas se isolam em seus portos, nesta data, o mais seguro a se fazer. A recomendação é #fiqueemcasa e, de tanto ficar, não se sabe mais precisamente quando tudo isso começou. Para os mais afortunados, todo dia é domingo. A rotina ganhou nova gramática. Arriscar-se, agora, é sair de casa, seja para o que for. O entretenimento é crucial para passar o tempo. As informações sobre a Covid-19 saltam em *pop-ups* no aplicativo. A nova condição para encontros dos usuários agora inclui “Quarentena4Quarentena”, “coronavírus” e “Só depois da 40tena”.

A negociação não é só a dos “GPs” - inclusive proibidos por vocês, mas estão lá. A moeda de troca varia muito, masculinidade por masculinidade, condição de saúde e até o bom e velho dinheiro. Outro perfil, o “Agora”, tinha a seguinte descrição: “Mas é cada garoto de programa feio.” A ideia de pagar, não somente pelo prazer mas também pelo belo é enorme. Até que ponto define-se quem pode e não pode se vender? Oferta-se, e o cliente decide.

O lance maior leva! Com certeza há muitos outros “Agora’s” pelo seu aplicativo. Dia desses me questionaram: “Faz programa?”

Contudo, continuo sem nada concreto. Apostei semana passada em ser mais um tipo de “perfil escroto”, como dizem. Há muitos por aqui. Restringi mais coisas. Copiei quase que integralmente outros usuários com as descrições de “proibido afeminados”, “não rola com gordo, nem magro”, “tem que falar grosso”, “porte de homem”... As restrições são muitas e atentei apenas às mais comuns. A oferta é muita; a procura, nem se fala; e a idealização do perfil perfeito é forte. Mas e o sexo que tanto busco? Nada por enquanto. Segui a lógica da escrotice - sem efeito. As pessoas, no conforto do anonimato, conseguiram ser mais escrotas do que eu me propus a ser. Mudei de estratégia.

Elenco, por fim, para a facilidade de cortar laços que nem sequer começaram. Apesar de ser insistente - talvez por uma falta mais em mim do que de recursos no aplicativo -, a conversa mal começou e some, no menor sinal de incongruência ou incompatibilidade boba. É o já conhecido “*block*”. Todo mundo leva e todo mundo já deu, não é mesmo? Eu diria, até, que a comodidade de bloquearmos aquilo ou aquele que nos incomoda é perigosa. Afinal, é preciso saber lidar com o diferente. Diferente esse que me tornei de mim mesmo ao longo do tempo no aplicativo. E indiferente ao outro. Até a versão melhorada, distorcida do meu corpo e do meu eu em querer “chamar a atenção”, não agrada. E sobre desagradar, entendemos bem aqui, do lado de fora.

Suporte, continuo a deixar de ser eu mesmo e assino a versão *premium*?

Atenciosamente,

Usuário.

Fortaleza, 11 de abril de 2020

Ouro dos tolos

Eles estão em todos os lugares, públicos e privados, em uma verdadeira caça, que pode ser até inconsciente. O desejo, assim, também cega e não só busca satisfação. Um banheiro público, um ônibus lotado, um parque pouco iluminado ou até mesmo a desculpa - para sentirem-se melhor consigo mesmos e amenizar qualquer sensação de culpa - de correr em uma avenida ou no entorno de uma lagoa com vegetação densa. Isso leva homens em busca de saciação.

Existe uma gramática não lecionada que todos os homens que já fizeram cruising - até mesmo sem saber - reproduzem. A performance de gestos que evidenciam seus membros nas roupas, uma pegada mais demorada, mãos nos bolsos para evidenciar o traseiro... As artimanhas são muitas. Mas não se engane, há muitos alheios a essa atmosfera que acontece ali debaixo dos seus narizes. Literalmente, no urinol de uma rodoviária.

O centro da cidade de Fortaleza é um lugar de rostos cansados, corpos ofegantes na atividade laboral e também de descanso. De estômago cheio, um homem aproveitava sua uma hora e meia de intervalo do trabalho, sentado no banco da praça já visitada por um famoso bode chamado Ioiô. A letargia logo deu lugar a uma ereção. Impossível esconder. Resolveu ir ao banheiro de uma lanchonete. Lá, demorou mais do que o usual no mictório. O movimento era grande. Uns passavam, faziam suas necessidades e saíam. Outros, atentos, demoravam no espelho, olhavam por cima da divisória do urinol - talvez até amaldiçoando tal barreira.

O *cruising*, do inglês, pode ser grosseiramente traduzido como "pegação", gratuita ou não, entre homens nos mais distintos lugares. Acrescento aqui filas de bancos, estacionamentos, ruas pelas madrugadas adentro, e por aí vai. Tesão, criatividade e artimanha são indispensáveis. Além, claro, de coragem.

Pelo espelho, o olhar daquele trabalhador em horário de almoço cruzou com o de outro desconhecido. Em tempos de Covid-19, o olhar se tornou cada vez mais fundamental nessas negociações. Pareceram se entender. Um saiu primeiro, seguido pelo outro. Já na rua Floriano Peixoto, o homem franzino, com seus quase cinquenta anos, convidou-o para irem a um lugar mais tranquilo. Valeria a pena caminhar debaixo daquele sol escaldante? Perguntou então ao desconhecido: "Quantos centímetros?"

Desconversou. Talvez por insegurança masculina. Mas seguiram mesmo assim.

Tão logo chegaram a um motel vagabundo, letreiro apagado e com um cheiro de naftalina que era possível sentir da entrada. Foram para o quarto e tomaram banho. O outro, sem negociação ou aviso prévio, disse ser garoto de programa. Cobrava 50 reais a hora.

Produto sem etiqueta de preço, todo mundo leva.

A surpresa maior veio antes mesmo de qualquer negação de pagamento: uma faca de mesa. Temendo sua integridade, o trabalhador entregou sua carteira contendo 290 reais. O principiante a garoto de programa esqueceu uma regra básica de negócio: é preciso deixar tudo acertado do começo ao fim.

Como todo assaltante de plano pouco elaborado, saiu em fuga. Parado, porém, na recepção. A vítima foi mais astuta e ligou para a portaria, impedindo sua saída. Além de, claro, chamar a polícia.

Flagrante.

Toalha Azul

Vazia. Assim me deparo com a Meton de Alencar ao descer do Uber, mesmo com a luz de fim de tarde ainda banhando a cidade. Movimentada e barulhenta durante a semana, a rua, localizada na região central, parece inabitada aos domingos. Mas, como o sangue que corre nas veias e ninguém vê, a quietude exterior contrasta com uma intensa vida que se esconde por trás das paredes velhas e sujas na penumbra dos cinemões, na umidade das saunas e nos lençóis usados dos motéis baratos que funcionam no entorno.

Olho para a frente e vejo a fachada de azulejos branco e verde-lodo que vai de ponta a ponta do quarteirão. Do interior ecoa uma música abafada que dá vida àquele grande bloco de concreto. Um pequeno painel de LED sobre a entrada é a única pista do que funciona no local. Em letras garrafais laranjas, o luminoso indica: "HOTEL ROMMEO 24 HORAS". No seu entorno, os vários carros estacionados dão uma ideia do número de "hóspedes" na casa.

Me aproximo do portão e entro.

Depois de passar pelo corredor labiríntico, chego à recepção. Nas paredes, cartazes divulgam a programação da semana e os convidados para agitar cada dia. "Segunda é dia de DP: dois amigos com um ingresso", "Quarta da Pressão" e "Quinta Esquenta" são alguns dos anúncios. Ao lado do balcão fica a tabela de preços. Dividida em dois grupos, ela tem valores diferentes para dias úteis e para fins de semana, feriados e festas.

Me dirijo ao recepcionista. Do outro lado da vidraça, ele liga o microfone e pergunta meu nome. “Daniel”, minto. “Tem muitos caras hoje?”, pergunto. Ele confirma com um seco “sim”. Em seguida, me entrega a chave de número 363 e destrava a porta. “A toalha, você pega no bar.”

Adentro onde de fato a diversão acontece e sou recebido por um monitor preso no teto que exibe uma cena pornô interracial. Típico. Caminho em direção ao bar e peço a toalha. Nas mesas em volta, contabilizo cerca de dez homens com as mais variadas idades - e nenhum que me chame a atenção. Alguns conversam entre si e nem notam a minha presença; outros, mais velhos, parecem me despir com os olhos. Pego minha toalha azul e sigo para o vestiário com a certeza de que sou seguido por olhares de julgamento, curiosidade ou desejo atrás de mim.

Nos armários, dou de cara com dois homens. Um na faixa dos quarenta está se vestindo para ir embora e para ao me ver chegar. Outro, mais novo, está sentado só de toalha com o celular aberto no Scruff. “Talvez não esteja tendo tanta sorte por aqui”, penso. Não demora e também fico só de toalha. Fecho o armário com as minhas roupas e vou conhecer os outros ambientes.

Passo novamente pelo bar, que parece mais cheio, e entro na sauna a vapor. Sinto o choque térmico. A porta barulhenta fecha atrás de mim anunciando a minha entrada. Levo alguns segundos para conseguir enxergar em meio a tanto ar quente e àquela difusa luz azul. Percebo que todos me olham. Intimidado, sigo até a bancada e sento no último degrau, no canto da parede.

Do meu lado, um careca de pele morena se masturba enquanto encara um rapaz que está de pé na parede oposta. Os dois se olham como dois leões famintos prestes a atacar. Todos os demais observam como uma alcateia à espreita do que irá acontecer.

Inclusive eu.

De repente, um dos felinos faz um sinal com a cabeça

chamando o outro leão para o ataque. Não demora e ele tem o rapaz salivando com ferocidade entre suas pernas enquanto nós assistimos à cena com deleite - e uma ponta de inveja. Um verdadeiro show de exibicionismo.

Decido ir à caça.

No andar de cima, ainda na escada, escuto gemidos. Eles não vêm da sala de TV, logo descubro. Sigo o som que me leva ao *darkroom*. Entro e já esbarro num casal. Com dificuldade, vou caminhando naquela escuridão em meio a tantos vultos e gemidos - por um instante, me sinto na Caverna de Platão. O cheiro de sexo de homem é algo à parte. Inebriante. Inconfundível. A cada novo passo uma nova mão. Na bunda, no peito, no pau... Ali a negociação é tática: excitante e assustadora. Me sinto eu a própria presa. Desisto.

Vou seguindo em direção à saída deslizando naquele emaranhado de corpos suados.

Me pego num extenso corredor de luz vermelha repleto de personagens dos mais variados tipos físicos. Caminho a passos lentos analisando aquela vitrine de homens seminus de ambos os lados. Quanto mais avanço, mais estreita fica a passagem. De repente, uma mão no meu braço me força a parar. Viro o rosto de lado e vejo um rapaz de pele marrom jambo e corpo malhado; não tão alto nem tão bonito; porém, charmoso. Avisto sua toalha sobre o ombro direito e instintivamente baixo o olhar para verificar se está pelado. Desilusão. Sem mais nem menos ele fala: “Sem”. Sem compreender, pergunto: “Sem o quê?”. “Reais”, responde. E só então me dou conta que ele se refere ao valor do programa, e não à proposição. Continuo o meu percurso deixando-o com as homófonas do Português.

O final do corredor leva ao fumódromo. O ambiente aberto me faz perceber que lá fora também já é noite. Contemplando a lua está um lobo solitário de meia-idade com seu Marlboro na mão.

Baixo, gordo e calvo, ele passa despercebido. Ao me ver parado na porta, me convida: “Pode entrar, eu não morde. A menos que peça.” Acabo aceitando, apesar do clichê, e sento na bancada de cimento, de frente para sua cadeira.

De pernas cruzadas, ele dá uma longa tragada, solta a fumaça e pergunta: “Como se chama?”. Imediatamente lembro de um diálogo de Alice no País das Maravilhas: “Quem és tu? - perguntou a Centopéia”. Incorporando Alice, respondo para mim mesmo: “Eu já nem sei, senhor.” Como fico calado, ele quebra o silêncio novamente. “Primeira vez aqui?” Balbucio algo em afirmativo. “Frequento este lugar há bastante tempo para reconhecer carne nova”, declara com certo orgulho e desanda a conversar em monólogo. Em pouco tempo sei mais de sua vida do que gostaria. Tenho a impressão de que, diferentemente da maioria, a carência que ele busca suprir ali não é a carnal, mas a emocional. Por um momento, sinto um pouco de pena. Mas, afinal, não estaria eu mesmo tentando suprir um vazio sentimental no prazer de um coito furtivo?

Decido ir embora. Me despeço e, antes que eu saia, ele pergunta meu nome mais uma vez. “Daniel”, minto novamente. “Prazer, João.”

Já conhecendo o caminho, não tenho dificuldade para retornar ao vestiário. Em pouco tempo estou de volta à recepção pagando a conta: 20 reais. Pego o celular para solicitar minha condução e me dou conta de que fiquei pouco mais de uma hora lá dentro.

Antes de entrar no carro, abro o *Grindr*. De volta à realidade.



Pequeno grumete

Ele estava acostumado a homens diretos, de poucas palavras, sem muitas trocas. Daqueles que no seu silêncio deixam escapar apenas o desejo programado de uma, duas horas. Os que substituem o “oi” por um “entra”, e sem cerimônia já estão nus. Aqueles que o arranham, fazem sujeira, lambuzam-se e deitam fartos, ofegantes, agradecendo já com um tom de despedida. “Valeu. Pode ir.”

Entretanto, agora a assepsia estava em voga e um inimigo invisível, à espreita, atacava até os mais atentos. Mesmo ciente de tudo isso, ele continuava suas idas e vindas pela cidade. Seu corpo, sua moeda de troca, continuava a ser jogado de lá para cá e o beijo – algo íntimo – tornara-se um absurdo. Não porque ele cobrava mais ou menos por isso, mas como uma espécie de profilaxia; apenas a sujeira do pescoço para baixo era segura. Supostamente. Ele precisava trabalhar.

Havia pouco mais de um mês que o mundo tinha parado. As ruas estavam vazias, as tardes tinham se tornado uma repetição de monotonia e isso lhe trazia enfado, um torpor acentuado pela quentura nordestina. O tédio, no entanto, fora quebrado por uma solicitação que chegara ao seu celular. O trabalho o chamava. Tomado por uma energia que se assemelha àquele acordar súbito de um pesadelo, pegou o carro e saiu.

Chegou. Interfonou. “Pode subir.” Entrou. Passou pelo *hall* e no espelho do elevador se olhou; achou-se pálido, sem ânimo e se questionou como teria chegado tão longe. No 14º andar, o

amarelado de fim de tarde que atravessava a janela o fez apertar os olhos. Lá de cima tudo se apequenou aos seus pés. Só não o mar ao fundo, ainda infinito, com a solidão de um navio que parecia perdido, imóvel, a esperar ajuda.

Avistou o apartamento 1442. Tocou a campainha.

A porta se abriu e com ela um sorriso. Não aqueles por obrigação, mas de uma aparente solidão que ali se dissipou como luz no breu, como a luz daquela tarde, no encontro de outra. Não só isso. Com o sorriso, uma tentativa de abraço espontâneo, quase que num ímpeto. Negado, entretanto. Ele, coitado, estava desacostumado ao afeto.

Entrou.

O homem, o outro homem, mais velho, desconhecido, mas cúmplice, talvez, de um vazio que compartilhavam.

“Quantos anos você me dá?”, perguntou ele sério, sentando no sofá, sem camisa; largado.

“Uns 27...”, arriscou o convidado.

“É, tá bom. Eu não bebo, não fumo, não fodo”, respondeu carregando ainda aquele sorriso da recepção. Malicioso.

O beijo aconteceu.

Ele se surpreendeu ao pegar rapidamente aquele balé de línguas que, com ares de exploradoras, não se contentaram com o espaço limitado da boca. Romperam a barreira dos lábios e experimentaram a maciez da pele, os pêlos, os cheiros em um vaivém frenético. A boca suga e os sentidos se fartam de sabores, onde até a sujeira tem requinte. Cansadas, as línguas voltaram para sua morada.

Eles se olharam, em uma nudez que não é banal. Um corpo que foge do que seria só mais um homem. É o outro homem. Longe da saciação, devoraram-se. Naquele instante, eles pareciam ser um só

- e eram. Entrelaçados, um dentro do outro, seguiam movimentos quase que sincronizados. Um lindo contrair e relaxar. Ele estava desacostumado também ao toque.

“Vou gozar dentro de você.”

“Pode.”

O orgasmo tomou conta dos dois e aquele cheiro, forte, inebriante, do local. Extasiante. Uma recompensa. Ofegantes, caíram um ao lado do outro.

Conversaram; partilharam vivências, desejos, saudades. Riram. Olharam-se e aquele sorriso novamente iluminou uma falta, que nem ele sabia de quê.

Já era noite. A escuridão, infinita, estrelada, tomava conta da cidade. Enquanto o elevador subia, outro abraço; dessa vez mais forte e com uma respiração profunda. O tempo, suspenso por um instante, foi interrompido pelo elevador. Antes que a porta se fechasse para os dois, o sorriso. Ah, aquele sorriso...

E o navio continuava lá, agora um ponto de luz navegando na escuridão, a atracar com a sorte de um porto seguro.

“Deixo aqui meu Amaro, e seu bom grumete segue ao próximo porto...”, pensou.



De quatro (patas)

O rabinho era diferente de tudo o que já vi – cabe aqui até um trocadilho. A textura era agradável, e os supostos pêlos eram em baixo relevo; uma cauda peculiar. Balançava, como a de um cachorro em momento de alegria, mas não se tratava de uma. Empinava, como a de um gato arisco, as também nada de felino. No desenvolvimento do feto humano, nas primeiras semanas de gestação, o embrião apresenta um prolongamento parecido com uma cauda, que logo desaparece. Pura herança de algum ancestral comum. Perguntem aos geneticistas e obstetras.

Aqui, é rabo dentro do rabo. A base da cauda humana possui uma haste na base que, introduzida no também rabo, parece dar início ou libera um comportamento animal. Este, conduzido por aquele que está no topo da cadeia alimentar: outro homem. De quatro, rabinho balançando e língua de fora como um cachorro, ele senta e olha para o seu dono. Ainda indiferente, o “cão-humano” lambe as botas do dominador, que o puxa por uma coleira e o *puppy* - “filhote de cão”, em tradução livre - se afasta, de punhos cerrados a fim de aparecer ao máximo com patas.

Entre o “*puppy sapiens sapiens*” e o *canis lupus familiaris*, existe uma fidelidade que transborda o fetiche ou a performance. Não à toa, o melhor amigo do homem nutre uma ligação com o seu dono que pode durar por toda a vida e desconhece a maldade humana. Aproximam-se com toda ingenuidade, na esperança de um carinho. Quando falamos no “*homo canis sapiens*”, algo parecido acontece. A corrente como a ligação, o ângulo de visão

pelo dono e a rispidez desperta no submisso um gozo único. Uma vez de quatro, contempla o homem de cima para baixo e de quatro permanece.

Todos gozam.



Ferramenta do pai

A insônia me faz levantar da cama de supetão. Sentado na cama, ainda meio desorientado pelo breu, saio tateando as paredes a fim de encontrar um interruptor. Pronto. Levanto, tomo um copo d'água e sigo para o escritório. Ler relaxa e, quando o livro é chato, o sono vem. É tiro e queda.

Há muitas formas de definir se um livro é bom ou não. Apesar de ser daqueles que vê literatura - arte - em tudo, certos critérios ainda devem ser observados. Um deles que considero fundamental é: sente-se, coloque o livro sobre as pernas, leia; se o livro subir, você está no caminho certo. “A Casa dos Budas Ditosos”, de João Ubaldo Ribeiro, ilustra bem. Experimente. Tenho muito daquela velhinha e suas lembranças. Uma safada!

Eu não consigo me prender à leitura e logo começo a divagar - uma mente ansiosa sendo uma mente ansiosa. Desta vez, não criei futuros alternativos e inatingíveis. Seriam os sonhos frutos da “ansiedade do bem”? Não importa. Sem esforço, amarra ou resistência (muito menos um Lexotan e um cigarro), me deixo levar. De olhos fechados, ainda sinto a luz indireta do abajur na cabeceira da cama. Dois segundos e me dissipo na escuridão de mim mesmo. Não tarde, memórias da infância vem à tona. Gosto de uma em especial. Ela faz parte daquelas descobertas que acontecem por acaso na infância. Como um DVD pornô escondido no fundo de uma gaveta ou ainda um pacote de camisinha e aquele questionamento: “O que é isso?” Mas você sabe que não pode perguntar aos pais.

Essa é ainda mais interessante. O meu pai era mecânico, aquele típico perfil bruto que o próprio trabalho lhe imprimia. Tinha acabado de chegar da escola e lá estava ele com a metade do corpo debaixo do carro. Pernas abertas, roupa suja de graxa; falava com dificuldade enquanto direcionada sua força a apertar peças. Por favor, já passei dos 40 anos, compreenda que datas são difíceis de precisar. Mas acredito ter por volta de uns treze anos na época.

Na garagem, fui brincar. Como menino se distrai com tudo, peguei algumas ferramentas e logo elas estavam disputando corrida com direito a narração e tudo. A chave de grifo cruzou a linha de chegada instantes antes de ouvir meu pai chamar. Atendi e obedeci. Nada demais: buscar uma caixa de ferramenta no quintal, escondida embaixo da quinquilharia.

Procurei. Procurei. Procurei. Achei!

Peguei a caixa e abri.

[SILÊNCIO]

Sabe quando algo acontece – já na idade adulta mesmo – que parece que seu sangue desce todo para as pernas e você é tomado por um medo que excita, faz suar e enrijecer? Na infância, porém, não se sabe. Você apenas sente algo que não conhece.

Tremi.

Sabia que o item estava bem guardado e meu pai iria entender a demora na volta. Pequeno, porém, astuto. Aqueles itens dentro da caixa... De cara, vi uma arma pequena, uma pistola, mas sabia do perigo e que não era brinquedo. Ao lado, uma revista *Playboy* e outra – de cujo nome não lembro – com sexo explícito.

Tremendo, folheei rapidamente as páginas. Algumas, queria arrancar e esconder no meu quarto. Mulheres e homens em verdadeiras festas de carnaval como vieram ao mundo. O meu olho mirava nas genitálias e logo senti que estava ficando duro,

mesmo sem entender. As imagens eram bonitas, no final das contas. Ali, diante de mim, a vida e os prazeres; e do lado, a morte, o calibre.

Voltei a mim quando o ouvi chamar. Peguei a caixa e levei o mais rápido possível. Lembro ainda que o entreguei meio trêmulo, com medo que ele desconfiasse. Outras noites, pegava as revistas e as devolvia à caixa pouco antes dele chegar do trabalho. Lembro muito bem.

Abro os olhos, o sono parece chegar. Quando dou por mim, aquele livrinho chato nas minhas pernas tinha subido. Estava pulsando. No fim das contas, ele tem lá sua parcela de crédito.

Hora de dormir.

Às segundas de madrugada, até o puteiro tá fechado.



Mesa de bar

Existe uma lei universal sobre mesas de bar. Ela versa que – a depender de tantos goles – tudo vem à tona; até sozinho. O álcool inebria, amolece o corpo e diversos assuntos chegam sem trava alguma. Principalmente aqueles mais proibidos. Um verdadeiro vale-tudo — vetado no dia a dia — ganha um gostinho de liberdade.

E foi num desses bares que a história veio à tona. Lá em Recife, na viagem de férias. Não lembro quem – na verdade não lembro de muita coisa –, uma conversa já em tom alto e em meio a risos desembocou sobre sexo. Sempre acaba em sexo. Lembra dos assuntos mais amarrados? O álcool, meus amigos!

Acostumados com o tradicional, à mesa, os assuntos mais pareciam reprodução de livro de educação sexual para crianças. “Vanilhas”, pensei. Logo a palavra chegou até mim. Lamento decepcioná-los, mas também sou vanilla. Nenhuma história fora do comum – no máximo uns tapinhas. Por sorte, tenho amigos que não se contentam com “Cinquenta Tons de Cinza” e foram educados à base de “O Caderno Rosa de Lory Lamby”, “Os 120 dias de Sodoma: Ou a Escola da Libertinagem” e “Orgia”. Referência e vivências, eles têm – e eu tenho referências de amigos.

Hora de falar. Quase uma inquisição. O álcool ajudou – até porque também gosto dessa história.

“Nada demais, mas um amigo já enfiou o braço em outro cara,

que passou do cotovelo. Tem vídeo e tudo.” E não, não foi pelo buraco de cima, meu caro ingênuo. Nem haveria de ser.

Pernambucanos estarecidos. O marco zero no meio da mesa de bar.

Logo pediram para ver o registro, mas eu não tinha. E nem quero ter. Vi só uma vez e bastou para mim. Entretanto, sempre rende uma boa história. O assunto continuou sobre fetiches, e as caras de repugnância se repetiam. Se sexo pode ser até sem penetração, por que não poderia ser com uma mão? Ou um braço, neste caso. Como questionaria o presidente da República, no seu *Twitter*, em 6 de março de 2019: “O que é *golden shower*?” Aqueles bebuns pareciam também não saber.

Há mais entre uma masmorra sadomasoquista e a mesa de bar ou um *tweet* do que sonha o nosso vão *XVideos*.

Prefiro, ainda assim, na minha minha boca. Na dos outros, uso os “feitos” de terceiros.



Ribeirão Pedro

Sem garantia nenhuma, recebi os *tickets* do voo. Mal foram dois dias de conversa e lá estavam as passagens. Claro, da minha honestidade eu tinha certeza. Agora, lá no Sudeste... Costumo dizer que “ele *tava* cego de tesão” e assim foi capaz de gastar dinheiro comigo tão rapidamente.

Durante meu *show* cronometrado, recebo dólares, promessas de uma vida melhor na Europa, propostas de cafetinagem e consumo de drogas. Protegido no meu quarto, reflito sobre como o tesão pode enfraquecer até o mais forte dos homens ou fazê-lo ceder a práticas impensáveis. Monogamia em xeque? Não... A boa e velha hipocrisia que nos acompanha, impressa até em pessoas “sem tabus”.

Eu estava em Fortaleza e também “cego”, mas por dinheiro. As passagens datavam para os próximos dois dias. Algo de supetão e com tempo apenas de arrumar a mala e os meus dildos – não ando sem eles. Ah, claro, 500 reais o final de semana na casa dele, com passagens aéreas inclusas – sabe-se lá as depravações que ele iria querer fazer. Afinal de contas, estava pagando e eu tinha aceitado. Precisaria obedecer. Não só por uma questão de submissão – a cereja do bolo –, mas de profissionalismo.

“Embarque para São Paulo, passageiros dirijam-se ao saguão principal.”

Branco, alto, no auge dos seus 45 anos. Pedro vive sozinho num bairro de classe média, em Ribeirão Preto. Segundo ele,

médico pediatra. Disse-me que queria aproveitar ao máximo a minha estadia lá. Fui muito bem recebido logo no aeroporto. Trocamos algumas palavras até a sua casa para descontrair e eu não estava nervoso, apesar de saber dos riscos que corria. “Ele pode me matar”, eu pensava a todo instante. A ansiedade, meus caros.

Chegamos. O apartamento era muito bem decorado. Ele tinha bom gosto.

Transamos de forma “fofa”, só com alguns xingamentos e palavras sujas. Ele era um sacana à moda antiga, que os anos transformaram em um homem solitário. Não sou conhecido por esse estilo. Estou acostumado a submissões mais intensas, sessões de *fisting* e por aí vai. Assim, ruim? Não foi. Gozamos.

O telefone tocou. Um paciente com febre. Ele iria fazer atendimento em domicílio, mas não demoraria a voltar. Arrumou-se rápido e, antes de sair, advertiu-me:

“Só tem uma coisa que me irrita. Quem pisa a franja dos meus tapetes. Cuidado.”

Fechou a porta.

E pela primeira vez vendi companhia. Acostumado a vender apenas o corpo, processei a situação. Até no sexo pago, profissional, o “afeto” é um brinde de luxo: caro, muita procura e pouca oferta.



Como alcançar o coração de um homem?

Hoje acordei com vontade de conhecer novos caminhos, novas veredas que levassem ao coração. Não um coração qualquer, mas aquele que, entre tantos, tornou-se único. Joia rara a conquistar. Entretanto, você sabe que tamanha empreitada não é tarefa fácil. Sobretudo àqueles corações errantes, cheios de vida e que parecem saltar de mão em mão. O caminho não é fácil, mas é preciso percorrê-lo.

Decidido, iniciei a minha jornada na terra do coração. Os homens, em particular, parecem não se comover com o agridoce do afeto ou lirismo bobo de fazer os olhos brilharem. Para eles, o que importa é o literal. Em breve analogia, eu arrisco até dizer que os homens estão para Hilda Hilst e suas bandalheiras assim como as mulheres estão para Chico Buarque e suas musas. Ou seria mero binarismo tolo?

Nessa tolice embarquei, sem nada a perder, e um mundo a ganhar. Os riscos não importam. É só um caminho a trilhar. Observei de longe e pensei na melhor estratégia para o ato heróico. Por muito tempo, vi tantos apostarem, sem sucesso, no caminho mais curto. Já outros, naquele atalho que mais parece “tirar vantagem”. Engana-se quem pensa em competição; na terra do coração, o que importa são os meios para se chegar ao fim. Pensei, pensei e pensei. A decisão veio como lampejo de trovão, em madrugada escura: o caminho mais longo. Afinal, na cabeça onde o diabo faz morada, um pulo mal calculado e nada certo colocaria tudo a perder. Navegaria de baixo para cima e todo milímetro seria celebrado.

Na terra do coração, não há cercas ou propriedades. Só existe o coração e o corajoso desbravador. Mas, antes de a jornada iniciar, precisei primeiro cruzar aquela abertura, que relaxava e contraía cheia de vida. Por lá, a viagem àquela terra desconhecida começou. Tive sorte de explicações breves do dono daquele coração. Pura sorte! Os próximos centímetros adentro não seriam às cegas. “Você coloca a mão em ‘posição de concha’ e entra. Já dentro, segue, sempre devagar. Vai chegar a um aparente fim. Não desista! Há uma continuação escondida que te levará mais a fundo. Seja atento e siga sem olhar para atrás...”

Gemidos.

Segui à risca as instruções e, a essa altura, o punho já estava dentro; pouco a pouco mais profundo. A cada milímetro que avançava, crescia em mim uma sensação de poder indescritível. Me senti um deus. A vida de outro estava, literalmente, na minha mão. Um movimento em falso e seria o seu fim.

Um urro de prazer destoa entre outros. O porquê: o cotovelo já passava pelo “guarda” chamado esfíncter e deslumbrava uma aproximação incomum com o coração dele. Caminho tortuoso e necessário, o braço, decidido, seguiu em linha. “Quase lá”, pensei.

“Chega! Chega!”, ouvi do dono daquelas terras.

Recuei, satisfeito, não pela quase conquista, mas por ter chegado até onde cheguei. A esperança de conquistar aquele coração pulsa em gozo certo. Repousamos, exaustos, fartos. E em um suspiro aliviado, pensei:

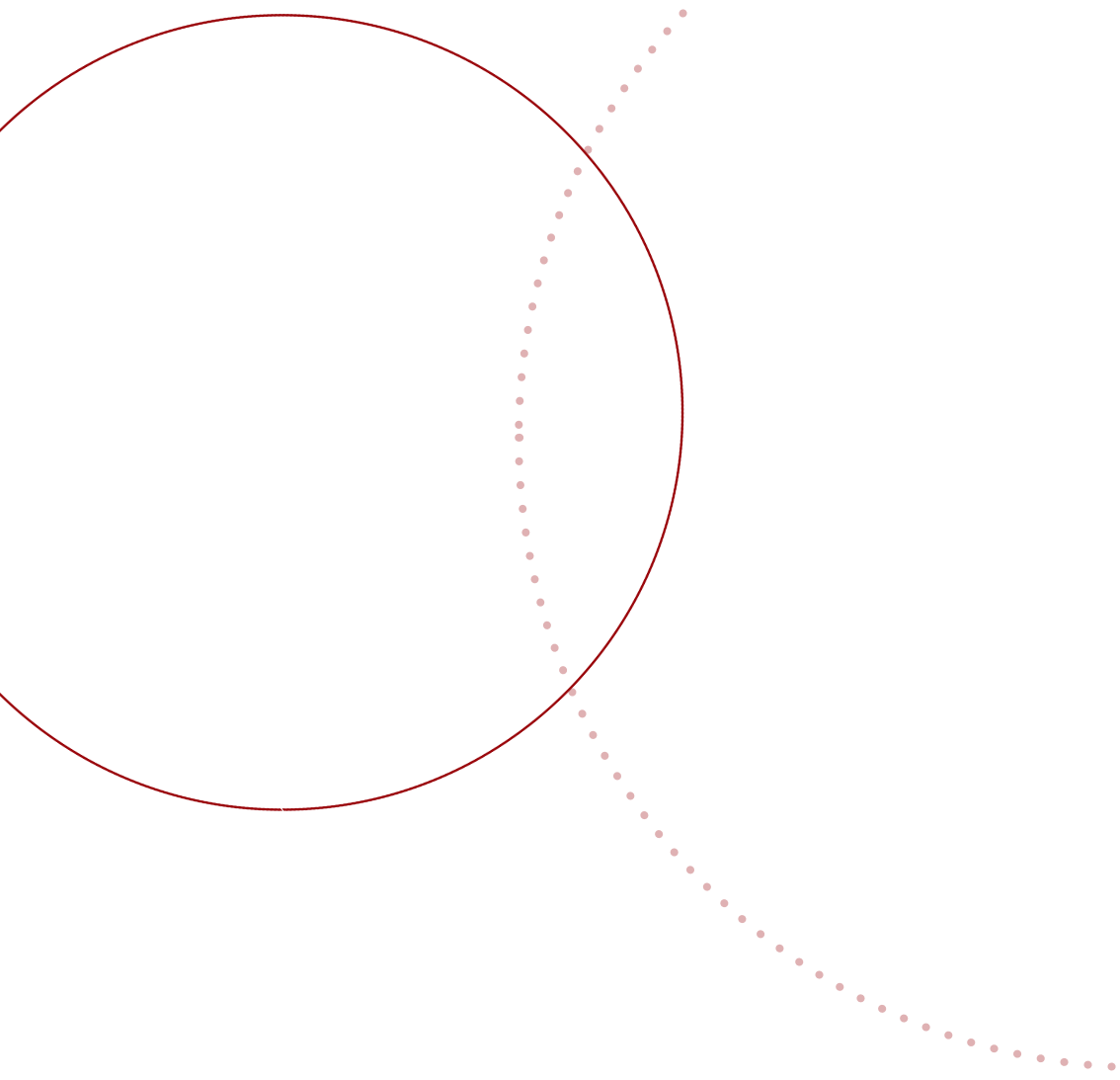
“Esse foi o mais próximo que cheguei do coração de um homem.”



Agradecimentos

Agradeço a todos aqueles e aquelas que foram alicerces ao longo da vida, em especial do caminhar dentro da academia. Àqueles que foram lumes no breu e àqueles que estiveram ao meu lado na luz. Àqueles que não estão mais aqui, cujos corações, contudo, pulsam em mim. Àqueles que não podem ver, mas sentem verdade no incompreendido. Àqueles que sonham acordados e tornam seus sonhos realidade. • VINÍCIUS DE OLIVEIRA

Agradeço àqueles que acreditaram e acreditam em mim mais do que eu mesmo. Agradeço à dona Lourdes, que sempre trabalhou duro para que eu pudesse ter acesso ao conhecimento que nunca lhe fora oportunizado. Aos professores Robson Braga e Marcelo Monteiro, um obrigado especial pelo tempo e pela paciência dedicados para orientar este trabalho. Ao meu companheiro Rafael, por segurar as pontas comigo. E, não menos importante, agradeço a mim mesmo por não surtar quando tudo parecia perdido. • MYKE GUILHERME



Nota criativa

Imagens também contam histórias, e as deste trabalho podem ser consumidas paralelamente ao seu conteúdo verbal – embora a intertextualidade seja um elemento preponderante nessa narrativa imagética, guiando o espectador no consumo das figuras. Estas estão para verbos, falam sobre ações. A ideia de movimento, aliás, é ponto relevante na construção das imagens, talvez de forma mais evidente naquelas que abrem as sessões, com amontoados de corpos, poses e situações que se sobrepõem, formando a coreografia da dança sexual homoerótica.

O sexo, por seu turno, aparece, na maioria das vezes, sem o apelo literal, mas de forma elegante, com empenho em criar um tipo de erotismo mais refinado, com camadas de poesia visual. Enquanto isso, as imagens que introduzem os textos das sessões “Perfis” e “Relatos” estão mais para alegorias. Nunca é o ato em si, mas a insinuação dele – ou de seu “pós”, nem sempre feliz. Este recurso, que diz sem falar diretamente, aguça a sensibilidade dos textos, que vão muito além da temática sexual. São, muitas vezes, textos sobre a solidão.

Por esta razão, o obsceno nunca encara o observador. Estou falando de *você*, caro leitor. O obsceno está envolto em si mesmo, tão concentrado em seu próprio prazer que parece *querer* esquecer que você está ali, o enxergando. Mas se a figura do homem não se direciona a quem o espreita, a do animal, sim. Este te encara de uma forma intimidadora, com ar de indignação, por vezes

de astúcia, como quem quer atacar. Seja ele um veado, um lobo ferido, ou uma serpente.

Se as cenas intentam fugir ao denotativo, a concepção delas se apropria dos dois elementos literais do título da obra, "obsceno" e "paraíso", e os florea com plantas e animais. A combinação dessas figuras cria a atmosfera mística necessária à ideia do livro. É que nestes escritos não se pode fugir das dualidades prazer/pecado, obscenidade/castidade, humanidade/bestialidade, tão presentes na mitologia cristã. Nasce então o profano e o paralelismo que mistura o céu ao inferno, num ambiente que é vermelho e misterioso. Sem mais, a semiótica destas imagens, obviamente, está sujeita às polissemias que podem surgir. Sem querer duvidar de sua inteligência, te faço um convite: tire as suas próprias conclusões.

Lucas Casemiro

Ilustrador e autor do projeto gráfico deste livro



Impresso em papel
Tipografias Utopia, Biblia e old London



“Obsceno no Paraíso e Outros Escritos” é produto da soma de vários esforços para dar luz àquilo que cresce em todos e é condenado por muitos. Neste trabalho, que tem o selo do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, o leitor irá se deparar com personagens que se mostram a cada página humanos com uma bestialidade à espreita, pronta para dar o bote. Para contar essas histórias da forma mais verossímil e ética possível, este produto jornalístico, em essência e em execução, bebeu da literatura para levar os leitores a distintos ambientes e práticas. Além disso, este livro tem seu caráter simbólico, pois permite que seus personagens deem vazão ao que pensam sem amarras ou quaisquer julgamentos. Assim, ele é também protesto em meio a sordidez, não de práticas sexuais, mas da censura e do preconceito.

**Dispa-se dos seus e penetre
neste emaranhado de histórias.**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
INSTITUTO DE CULTURA E ARTE
CURSO DE JORNALISMO

OBSCENO NO PARAÍSO E OUTROS ESCRITOS

RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

ANTONIO MYKE FERREIRA GUILHERME
CARLOS VINÍCIUS GOMES DE OLIVEIRA

FORTALEZA
2022

RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DE
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

ANTONIO MYKE FERREIRA GUILHERME
CARLOS VINÍCIUS GOMES DE OLIVEIRA

RELATÓRIO TÉCNICO DE ELABORAÇÃO DO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Robson da Silva Braga

Aprovado em: / /

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Robson da Silva Braga (orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profª. Ma. Gabriela Ramos Souza
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Ricardo Jorge de Lucena Lucas
Universidade Federal do Ceará (UFC)

FORTALEZA
2022

Meu coração não tem forma, apenas som. Um noturno de Chopin (será o número 5?) em que Jim Morrison colocou uma letra falando em morte, desejo e desamparo, gravado por uma banda punk. Couro negro, prego e piano.

*Meu coração é um bordel gótico em cujos quartos prostituem-se ninfetas decaídas, cafetões sensuais, deusas lésbicas, anões tarados, michês baratos, centauros gays e virgens loucas de todos os sexos.*¹

Meu coração é um traço seco. Vertical, pós-moderno, coloridíssimo de neon, gravado em fundo preto. Puro artifício, definitivo.

Caio Fernando Abreu

¹ Grifo nosso.

AGRADECIMENTO

Agradecemos àqueles que acreditaram e acreditam em nós. Agradecemos aos que contribuíram compartilhando suas experiências para que nosso trabalho pudesse ser possível. Aos professores Robson Braga e Marcelo Monteiro, um obrigado especial pelo tempo e pela paciência dedicados para orientar este trabalho. Aos professores da banca, Gabriela Ramos e Ricardo Jorge Lucena, nossa gratidão pela disponibilidade e disposição em avaliar o resultado desta pesquisa. E, ao Lucas Casemiro, nosso eterno carinho por cuidar de forma tão sensível da parte estética do livro.

Myke Guilherme e Vinícius Oliveira

RESUMO

Este trabalho teve como objetivo elaborar um livro com perfis, relatos de experiência e crônicas sobre comunidades de homens gays, garotos de programas e de homens que fazem sexo com homens (HSH) e como eles se relacionam com o dinheiro, o sexo e as relações afetivas. Além disso, a observação de novas facetas da prostituição masculina, com o advento das mídias digitais, com plataformas de consumo de conteúdo adulto em troca de uma mensalidade. Outras práticas observadas e relatadas foram práticas sexuais e parafilias requeridas ou não pelos pagantes. Com isso, partimos dos debates sobre a interface entre o jornalismo e a literatura, dos conceitos de performance foucaultiano e da conformação do “eu” na contemporaneidade. Para tanto, foram adotados três procedimentos metodológicos: a) entrevistas semi-estruturadas e entrevistas em profundidade; b) observação participante em ambientes urbanos e virtuais; c) e pesquisa documental. A fim de resguardar os participantes, optamos pelo uso de ilustrações e nomes fictícios na maioria das produções textuais. O produto final está dividido em três partes: perfis (dois textos), relatos (dois textos) e crônicas (20 textos).

Palavras-chave: livro jornalístico; perfil; crônica; homem gay; sexo

ABSTRACT

This work aimed to produce a book on the communities of gay men, male escorts or men who have sex with men (MSM) and how they relate to money, sex and affective relationships. Moreover, the observation of new aspects of male prostitution with the use of digital media, in where platforms for the consumption of adult content are available in exchange for a monthly fee, are also included. Other practices, observed and reported, involve sexual experiences and paraphilias, required or not by customers. With this, we start where the very concepts of Journalism-Literature originate, from the Foucauldian discourse theories and from self-creation. Consequently, semi-structured interviews, in-depth interviews and on-site investigations were carried out in environments in where both the supply and the demand for sex were present. To protect all participants, we opted for the use of fictitious illustrations and withheld real names in most textual productions.

Keywords: book-report; chronicles; gay man; fetish; sex; money.

RESUMEN

Este trabajo tuvo como objetivo producir un libro sobre las comunidades de hombres gay, gigolós o hombres que tienen sexo con hombres (HSH) y cómo se relacionan con el dinero, el sexo y las relaciones afectivas. Aparte de esto, se incluye la observación de nuevos aspectos de la prostitución masculina con la llegada de los medios digitales, con plataformas de consumo de contenidos para adultos a cambio del pago de cuotas mensuales. Otras prácticas observadas y reportadas fueron las de experiencias sexuales y parafilias exigidas o no por los contratantes. Con esto, partimos de los conceptos de Periodismo-Literatura, de los conceptos de performance foucaultianos y de la construcción del “yo”. Para ello, se realizaron entrevistas semiestructuradas, entrevistas en profundidad e investigaciones in situ en ambientes con oferta y/o demanda de sexo. Para proteger a los participantes de este trabajo, optamos por el uso de ilustraciones y nombres ficticios en la mayoría de las producciones textuales.

Palabras clave: libro-reportaje; crónicas; hombre gay; fetiche; sexo; dinero.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	13
3 PROBLEMA DE PESQUISA	14
4 JUSTIFICATIVA	15
5 REFERENCIAL TEÓRICO	16
6 METODOLOGIA	19
7 ESTRUTURA DO PRODUTO	25
8 PROJETO GRÁFICO	27
BIBLIOGRAFIA	30
ANEXOS	31

1 INTRODUÇÃO

As cidades escondem lugares poucos explorados por aqueles que nelas vivem. Muitas vezes, esses ambientes não necessariamente precisam ser “marginais” para que sejam também invisíveis. Exemplo disso são moradores de centros urbanos à beira-mar que desconhecem praias, centros culturais ou sua culinária típica.

Partindo desse pressuposto, o livro “Obsceno no Paraíso e Outros Escritos” buscou mapear alguns desses lugares que passam despercebidos para a maioria dos fortalezenses, mas que estão lá, pulsando de energia e são redutos dos mais variados tipos de pessoas, que estão lá por contra própria ou por ser seu único refúgio.

Os “cinemões” ou “cines-pornôs” permeiam o imaginário cinematográfico brasileiro. Exemplos disso são as pornochanchadas das décadas de 1960 e 1970. Essas estruturas resistem no centro da cidade como forma de capitalização de desejos e oferecem aos frequentadores oportunidades de sexo e de vazão àquilo reprimido por muitos.

Nesse contexto, partimos na busca de nossos personagens. A fim de delimitar ainda mais os entrevistados, optamos por sê-los homens, gays, cisgêneros e/ou HSH. Isso porque os *cinemões* e saunas, considerados “lugares de pegação” proíbem em sua maioria a entrada de mulheres.

Não cabe ao presente trabalho discutir questões que tangenciam quaisquer preceitos de misoginia e/ou machismo. Entretanto, é bem sabida e constatada — ao longo da pesquisa e da observação para o trabalho — a valorização da performance do “masculino”, como sendo atributo crucial, senão único, a guiar os frequentadores e também os desdobramentos lá dentro. Pois tais ambientes chamados de “loais de pegação” também levam questões de socialização masculina, reflete sobre a solidão e a velhice do homem gay e, sobretudo, dos locais onde reverbera o desejo. Este último, a bússola para a produção do livro.

Além do físico, o produto se debruça sobre as novas facetas da “pornografia” e apresenta como a “prostituição” pode ser mais complexa e abrangente ao que é socialmente apresentado. Para tanto, a reportagem entrevistou profissionais do sexo que utilizam plataformas digitais para oferecer vídeos de sexo explícito para assinantes. O serviço conhecido como “em demanda”, é um intermédio entre o ator — ou não, pois qualquer um pode ter acesso e criar um perfil no site — e o interessado em consumir aquele conteúdo. O serviço tributa um percentual e repassa o valor final para o ator.

Ou seja, a capitalização de corpos ou de conteúdo ganha aqui novas facetas. A pornografia mediada por produtoras e recrutadoras de atores ganha um rival: o celular. Seja

na venda de *packs*² ou em plataformas digitais de entretenimento, houve uma democratização da criação de material adulto.

Outro ponto considerado ao longo do livro são as negociações presentes nesse processo de “prostituição virtual”, uma vez que os atendimentos podem ultrapassar a barreira digital e tornar-se físicos. Além disso, o trabalho busca explorar as subjetividades dos considerados “clientes” e “profissionais”. Para tanto, consideramos que o “gozo”, sensação ou produto final de uma série de estímulos, pode ganhar novos significados e permanece em constante ressignificação.

Exploramos nos entrevistados questões de performance, práticas sexuais e parafilias. Buscamos assim ressignificar comportamentos humanos considerados “pecaminosos” ou “sujos”, e o fetiche é apresentado da forma mais natural possível, em execução e saciação do desejo. O livro, entretanto, não esbarrou e tampouco é o seu propósito adentrar na esfera forense de compulsões ou de desvios sexuais. Toda e qualquer prática apresentada ocorreu de forma consensual e dentro do limiar legal. Sendo assim, coube a nós, na aplicação do conhecimento técnico jornalístico, reportar tais comportamentos de forma ética e mais imparcial possível.

Sabendo disso, optamos por usar a interface entre o jornalismo e a literatura como forma de resguardar os entrevistados. Afinal, o livro é jornalístico em essência e em execução, ao explorar *in loco* e/ou nos personagens com entrevistas aprofundadas e semiestruturadas, mas também faz uso da liberdade de linguagem que a literatura permite enquanto arte. Outro recurso apresentado foi a ilustração, assinada por Lucas Casemiro. No tocante ao tema explorado, os entrevistados optaram por terem suas identidades mantidas em anonimato. Além disso, os locais visitados não permitem qualquer tipo de registro fotográfico.

Ao longo da feitura de “Obsceno no Paraíso e Outros Escritos”, um agravante não só comprometeu a apuração, mas também exigiu adaptação por parte da dupla. A pandemia do novo coronavírus impossibilitou as visitas aos locais, bem como os interditou, e comprometeu também o trabalho desses profissionais. Mostramos como essa “migração” para o virtual auxiliou aqueles que oferecem sexo em troca de valores.

Portanto, o presente trabalho também se mostra como protesto a qualquer tipo de censura de ideias e propõe levar à academia novas perspectivas de explorar histórias humanas, longe, portanto, de purismos acadêmicos ou moralismo ultrapassado. “Obsceno no

² Termo para pacote de fotos ou vídeos de conteúdo adulto.

Paraíso e Outros Escritos” é produto de um trabalho árduo de apuração das mais variadas vivências e apresenta o corpo e a cidade como “simbiose”, em constantes trocas de afetos, emoções, sensações e práticas. Retrato do real. Registro do invisível, que acontece com força longe do *status quo* socialmente aceito. O produto apresentado é, por fim, um grito àqueles que tapam os ouvidos e fingem existir um único normal e marginalizam o desconhecido, que está logo ali, debaixo dos seus narizes.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

Elaborar um livro de perfis, relatos e crônicas sobre homens que fazem sexo com outros homens em espaços urbanos marginais ou por meio de plataformas virtuais de relacionamento homoafetivo.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Realizar pesquisa bibliográfica sobre a interface entre jornalismo e literatura, sobre formatos textuais e sobre descrições etnográficas e comportamentais;
- Realizar entrevistas aprofundadas a fim de perfilar características dos entrevistados;
- Construir relatos de experiência a partir de entrevistas;
- Visitar locais com fluxo de homens gays que oferecem sexo;
- Observar signos utilizados na identificação de práticas;
- Idealizar o processo criativo e imagético do livro a fim de resguardar identidades;
- Identificar marcas de linguagem de comunidades específicas;
- Trazer à luz temas e sujeitos considerados “marginais” ou moralmente invisibilizados.

3 PROBLEMA DE PESQUISA

A inquietação que moveu os autores deste produto de comunicação gira em torno das experiências e vivências de homens de gay na prática de sexo em troca de valores e os impactos disso em suas vidas. De que modo trazer à tona indivíduos marginalizados não apenas pela prática, mas pela sua condição sexual? Essa foi uma das indagações que se apresentaram durante a idealização da pesquisa. Inquieta-nos, também, as questões que orbitam em torno do comportamento fetichista, sua relação com o dinheiro e como o capitalismo se apropria desse mercado. Buscamos refletir, ainda, sobre as marcas deixadas na identidade de indivíduos que fazem sexo em troca dinheiro.

A partir de tais inquietações, estabelecemos para esta pesquisa a seguinte pergunta central: de que modo a interface entre o jornalismo e a literatura pode contribuir para uma descrição humanizada e uma análise sensível sobre algumas experiências sexuais masculinas identificadas como errantes?

4 JUSTIFICATIVA

O Brasil é marcado por momentos de censura e repressão no que tange às liberdades individuais e seus desdobramentos. Com o avanço das políticas conservadoras, indivíduos que até então conquistaram um mínimo de espaço nas mídias acabaram por regressar ao ainda impregnado *status* marginal. Diante disso, o trabalho traz à tona personagens ricos em vivências e subjetividades, explorando-as e apresentando ao leitor um olhar sensível àquilo considerado torpe.

No tocante à homossexualidade, é bem sabido que a condição e a prática é reprimida no país desde a chegada dos primeiros europeus. Entretanto, sabe-se que tal condição não é nova nas terras tropicais. O português Pedro de Magalhães de Gândavo observou, em 1576, a prática de sodomia entre os índios brasileiros (mas não somente) e como não existia as noções de “masculino” e “femino” entre os nativos. Assim, o historiador Abelardo Romero os apelidou de “devassos no paraíso” (TREVISAN, 2018). A ótica eurocêntrica inseriu e construiu noções de performance e hierarquia de gênero que permanecem em constantes mutações ao longo dos séculos.

O livro investiga comportamentos e subjetividades nesse contexto histórico-político, bem como a escassez de protagonismos. Ele busca ecoar a voz de uma população que sofre por altos índices de assassinatos e silenciamento estrutural. De acordo com dados do Grupo Gay da Bahia (GGB), a cada 19 horas, uma pessoa LGBTQIA+ é morta no país. Segundo a Rede Trans Brasil, a cada 26 horas, aproximadamente, uma pessoa trans é assassinada no país. A expectativa de vida dessas pessoas é de 35 anos.

Por fim, o trabalho apresenta não só vivências, mas também experiências que a pandemia do novo coronavírus promoveu a partir de 2020. Com o isolamento social, novas dinâmicas de se relacionar surgiram. Entre eles, a virtualização dos afetos e das relações. O sexo, por sua vez, ganhou novas formas de se chegar ao êxtase. Plataformas de mídia voltadas exclusivamente para a chamada “prostituição virtual” pôs em cheque a indústria pornográfica e seu monopólio de produção, bem como a ideia de “cafetinagem” — ou pelo menos a resignifica.

5 REFERENCIAL TEÓRICO

Quando pensamos na proposta de “Obsceno no Paraíso e Outros Escritos”, passamos por uma referência direta à obra antropológica “Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade”, cuja investigação permeia os primórdios do Brasil colônia à atualidades (TREVISAN, 2018). A proposta etnográfica do material, aliada à aplicação das técnicas jornalistas para a feitura do livro apresentado, permitiu unir conceitos de cidade e sua relação com os indivíduos, a relação entre sexo e dinheiro e a performance no caráter imagético de homens LGBTs³.

Concebemos a performance em termos da interação entre recursos e competência individual, dentro do contexto de determinadas situações. Portanto, as performances têm uma qualidade emergente, estruturada pelo exercício situado e criativo da competência (BAUMAN & SHERZER, 1989, p. 7).

Diante disso, buscamos relacionar as interações desses indivíduos em locais considerados de grande presença e/ou de grande fluxo masculino. Para tanto, a pesquisa *in loco* permitiu a coleta de depoimentos e relatos de experiências dessas pessoas. Respeitando suas subjetividades, o livro apresenta essas vivências e o uso da linguagem como forma de respeitar a identidade dos entrevistados.

Clovis Rossi (1980) argumenta que o jornalismo tem como função a conquista de corações e mentes, independentemente de formação acadêmica. Logo, partimos da premissa do não purismo nas investigações e da literatura como saída para melhor aproveitar o conteúdo daqueles que nos ofereceram a palavra.

Segundo Massaud Moisés (2007), a palavra enquanto registro vai de encontro à ficção ou imaginação, uma vez que tanto o indivíduo que escreve como aquele que “conta” não podem ser destituídos de suas subjetividades. Entretanto, o jornalismo busca não a verdade em si, mas a verossimilhança dos fatos. Partimos, portanto, da interface entre o jornalismo e a literatura a fim de esmiuçar investigações para melhor compreender e garantir também segurança aos relatos.

Outro ponto importante na construção do trabalho foi observar a demanda de sexo em ambientes homoafetivos, físicos ou virtuais. Neste último, acompanhamos a *performance* de “atores” diante das câmeras e sua exibição para o público. Eles não seguiam qualquer roteiro ou práticas previamente acertadas, performaram de acordo com a solicitação dos clientes.

³ Sigla que significa Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

Sobre isso, Bauman afirma:

A performance envolve, por parte de quem a faz, assumir a responsabilidade perante um público pela maneira com que a comunicação se dá, para além do seu conteúdo referencial. Do ponto de vista do público, o ato do expressar-se por parte de quem está fazendo a performance é... marcado como estando sujeito a ser avaliado pela forma como é realizado, pela habilidade relativa e efetividade da exposição de competência por quem realiza a performance. Além disso, é marcado como estando disponível para o aprimoramento da experiência, por meio do prazer real proporcionado pelas qualidades intrínsecas do próprio ato de expressar-se. Assim, a performance chama atenção especial, aumenta a consciência do seu ato de expressar-se e permite ao público assistir com intensidade especial ao ato do expressar-se e a quem faz a performance (BAUMAN, 1975, p. 293).

Esse caráter de interação entre público e aquele que se apresenta ganha novos sentidos quando os atores entrevistados não se identificam apenas com o ato ou a prática pornográfica que oferecem, mas também enquanto artistas. A arte em levar entretenimento, seja ele qual for, ao seu público e encarar com seriedade o papel desempenhado. O marginal ganha novos significados. Exemplo disso seria quando o sujeito opta por “nomes artísticos” a fim de separar seus papéis sociais com o ali apresentado.

Uma performance, no sentido restrito em que vou utilizar o termo, é aquele arranjo que transforma um indivíduo em um artista (performer) de palco, e o artista, por sua vez, é um objeto que pode ser observado por todos os ângulos e longamente sem ofensa. E dele é esperado um comportamento envolvente por pessoas desempenhando o papel de “público” (GOFFMAN, 1974: 124).

Outro guia apresentado durante a pesquisa foi a obra “História da Sexualidade”, de Michel Foucault, publicada em 1976. Ao longo de três volumes, o historiador e filósofo francês se debruça sobre a sexualidade ocidental. Sobre isso, podemos destacar:

A sexualidade vai permitir explicar tudo o que, de outro modo, não é explicável. É também uma causalidade adicional, já que superpõe às causas visíveis, identificáveis no corpo, uma espécie de etiologia histórica, com responsabilidade do próprio doente por sua doença (FOUCAULT, 2001a, p. 306).

Sobre os formatos jornalísticos escolhidos para o desenvolvimento das histórias narradas, podemos destacar a crônica e perfil como os principais formatos explorados. Mas não somente. Dentro da liberdade de linguagem permitida, optamos também pelo que chamamos de “relatos de experiência”, que acabou por mesclar os dois formatos textuais principais (perfil e crônica).

O primeiro formato, a crônica, é tido como “tipicamente brasileiro”. Segundo José Marques de Melo, o formato tem grande desenvolvimento no Brasil e, segundo o autor, podemos considerá-lo brasileiro em sua essência, apesar de variar de país para país.

No jornalismo brasileiro a crônica é um gênero plenamente definido. Sua configuração contemporânea permitiu a alguns estudiosos proclamarem que se trata de um gênero tipicamente brasileiro, não encontrando equivalente na produção jornalística de outros países (MELO, 1985, p. 111).

Já em relação ao perfil, conforme as subjetividades dos entrevistados vêm à tona e os seus contextos sociais reforçam sentimentos, o recurso se mostrou indispensável para perfilar características, traços de personalidade ou físicas e suas relações com o próprio corpo. Para além do registro, o trabalho buscou despertar empatia e envolvimento entre os leitores.

Os perfis cumprem um papel importante que é exatamente gerar empatias. Empatia é a preocupação com a experiência do outro, a tendência a tentar sentir o que sentiria se estivesse nas mesmas situações e circunstâncias experimentadas pelo personagem. Significa compartilhar as alegrias e tristezas de seu semelhante, imaginar situações do ponto de vista do interlocutor. Acredito que a empatia também facilita o autoconhecimento (de quem escreve e de quem lê) (VILAS BOAS, 2003, p. 14).

Diante disso, a escolha do livro de perfis, relatos e crônicas partiu do propósito de oferecer protagonismo aos indivíduos entrevistados, ao ceder-lhes espaço dentro da academia. Não apenas como registro, mas como fruto do trabalho de apuração.

6 METODOLOGIA

Para elaborar o livro de perfis, relatos e crônicas, este trabalho adotou três principais procedimentos metodológicos: a) a pesquisa documental; b) as entrevistas semiestruturadas e em profundidade; c) e a observação participante em espaços urbanos e virtuais. A pesquisa documental embasou todos os textos do livro, de um modo geral. Já as entrevistas foram utilizadas especialmente para a elaboração dos dois perfis e dos dois relatos de experiência. Por sua vez, a observação participante foi o procedimento metodológico principal para a elaboração das 20 crônicas.

O compilado de histórias que resultaram em “Obsceno no Paraíso e outros Escritos” nasceu a partir da iniciativa do formando Myke Guilherme, que concebeu a ideia de explorar as negociações sexuais nos redutos de Fortaleza. Ao encontro da paixão pela literatura pornográfica e marginal sentida pelo também formando Vinícius de Oliveira, a dupla colocou em prática a execução do trabalho.

O pontapé inicial contou com a orientação do jornalista e ex-professor da UFC, Marcelo Monteiro, cuja participação foi imprescindível na condição de primeiro orientador deste trabalho. Outro guia excepcional ao longo da conclusão do trabalho foi o professor e orientador Robson Braga, que ajudou a refinar e melhorar a então pedra bruta ao assumir a orientação do trabalho depois que foi encerrado o contrato de Marcelo Monteiro como professor substituto da UFC.

O momento político, o contexto social e as vivências dos autores levaram à empatia e simpatia pela temática. Enquanto exposições de arte LGBTs, educação sexual são vetadas nas escolas ou ideia cerceadas dentro da própria academia, o produto apresentado tornou-se não somente necessário, mas também simbólico.

Seguindo as definições do livro *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação* (DUARTE, 2015), a pesquisa se ergueu a partir de três fundamentos: a) análise documental; b) entrevistas semiestruturadas e em profundidade; c) e observação participante.

A análise documental, muito mais que localizar, identificar, organizar e avaliar textos, som e imagem, funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. Consegue dessa maneira introduzir novas perspectivas em outros ambientes, sem deixar de respeitar a substância original dos documentos (DUARTE; BARROS, 2015, p. 276).

Quanto à pesquisa documental, os autores analisaram depoimentos policiais de vítimas de tentativa de assalto ou roubo em contextos de negociação sexual. Para isso, transcrição de depoimentos e coleta de experiências de vítimas foram consideradas para a elaboração dos textos.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudo conversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística (DUARTE; BARROS, 2015, p. 64).

O segundo procedimento adotado foi o de entrevistas semiestruturadas e em profundidade para aquisição e análise de *corpus* dos relatos. Assim, foi possível desenvolver perfis com base nos relatos trazidos pelos entrevistados.

Na área da Comunicação Social, a pesquisa participante passa a ser uma das metodologias usadas, a partir de duas motivações: (a) Realização de uma pesquisa inovadora de caráter qualitativo que permite atingir elevado grau de profundidade. [...] (b) Preocupação em dar um passo adiante em relação aos estudos críticos — do tipo pesquisa-denúncia — dos meios de comunicação, que já não satisfazem mais a uma ala dos pesquisadores. [...] Junte-se, pois, a intenção, também presente em outras áreas de conhecimento, de não se fazer pesquisa pela pesquisa, mas uma pesquisa que pudesse contribuir para o processo de mudança social (DUARTE; BARROS, 2015, p. 130).

Por fim, a observação participante, definida por Jorge Duarte (2015), aconteceu a partir de visitas de locais de grande efervescência de trocas e sociabilidades masculinas, como saunas e *cinemões* em Fortaleza. Além disso, a imersão em ambientes virtuais onde há trocas e negociações sexuais, como redes sociais ou plataformas que mediam conteúdo adulto/pornográfico.

6.1 PESQUISA DOCUMENTAL

Tabela 1 - Documentos acessados

DOCUMENTOS ACESSADOS		
Documento	Descrição	Textos em que são citados
Vídeo em um cinema pornô	Vídeo com duração de 5 minutos no qual acontece a prática do <i>fisting</i> ⁴ , em um cinemão de Fortaleza.	Ah, se eu fosse lembrar...
Vídeo de orgia	Com duração de 1 minuto, o vídeo é um registro de uma orgia da qual os os autores deste trabalho participaram em Brasília e que embasou uma das crônicas.	Festa do galo
Ocorrência policial	O documento registra uma tentativa real de assalto à mão armada.	Ouro dos tolos
Áudio de WhatsApp	Clipe-áudio de negociante sexual.	Nota 3

Fonte: Dos Autores

⁴ Prática sexual que consiste no ato de inserir ou receber um punho no ânus.

6.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS E EM PROFUNDIDADE

Tabela 2 - Entrevistados

ENTREVISTADOS		
Nome fictício do entrevistado	Perfil básico do entrevistado	Textos em que entrevistado é citado
Apolo	Ator pornô, ex-travesti. Trabalha com sexo virtual. Entrevista realizada em setembro de 2020 e em janeiro de 2022.	Obsceno no Paraíso
Otávio	<i>Designer</i> de moda. Frequentante de casas de prostituição. Entrevista realizada em outubro de 2019. Sete meses depois da entrevista, Otávio faleceu.	Começo, meio, sexo e partida
Lucas	Publicitário. Utiliza aplicativos de relacionamento para encontros. Entrevista realizada em setembro de 2019.	Quem nunca transou por um mimo?
Roberto	Artista plástico. Realiza pagamentos em troca de relações sexuais. Entrevista realizada em outubro de 2019.	O preço do prazer

Fonte: Dos Autores

6.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

Tabela 3 - Ambiente observados

AMBIENTES OBSERVADOS (urbanos e virtuais)		
Ambiente	Descrição	Textos em que são citados
Rommeo Single Hotel (Fortaleza)	Sauna localizada no Centro de Fortaleza.	Toalha azul; O Anfitrião.
Cine Arena (Fortaleza)	Cinema pornô na região central da capital cearense.	O Anfitrião; Ah, se eu for lembrar...
Praça do Ferreira + Duda's Lanches + Motel Stylus (Fortaleza)	Embora os autores deste trabalho conheçam os dois primeiros ambientes, os três espaços listados aqui foram acessados por meio de acesso a um inquérito policial.	Ouro dos tolos.
Apartamento na Asa Sul (Brasília)	Ambiente no qual ocorreu uma festa de orgia, da qual os dois autores deste trabalho participaram como observadores.	Festa do galo.
Apartamento no Meireles (Fortaleza)	Cenário de um encontro que embasou dois textos.	Pequeno grumete; Cabeça cheia.
Apartamento na Praia do Futuro (Fortaleza)	Imóvel localizado em um condomínio na Praia do Futuro que serviu de cenário para a realização de um ato de <i>fisting</i> .	Como alcançar o coração de um homem?
Amsterdam Club (Fortaleza)	<i>Cruising bar</i> ⁵ localizado na Praia de Iracema.	A melhor.
Marco Zero (Recife)	Um bar, na região do Recife Antigo, se torna o cenário de conversas de um grupo de amigos, com teor sexual.	Mesa de bar.
Telecine	Serviço de <i>stream</i> com	Cinelist.

⁵ Bar voltado para o público gay onde é permitida a interação sexual entre seus frequentantes.

	<i>cinelists</i> temáticas.	
Grindr	Aplicativo de relacionamento gay que se utiliza da geolocalização dos usuários para promover encontros.	Carta de um usuário; Quem nunca transou por um mimo?; O preço do prazer;
Câmera Privê + Twitter + OnlyFans	Redes utilizadas para divulgação de vídeos em troca de dinheiro.	Obsceno no Paraíso; Ah, se eu for lembrar...; Cabeça cheia; Toalha azul.

Fonte: Dos Autores

7 ESTRUTURA DO PRODUTO

“Obsceno no Paraíso e Outros Escritos” é dividido em três partes. A primeira dá conta de dois perfis que guiam o leitor na temática, com personagens ricos em subjetividade e vivências. A segunda parte se dá por breves relatos de experiência. Nesta sessão final, a ideia foi mesclar gêneros e, com isso, buscar sustentação nos limites dentro desses próprios gêneros. Assim, os relatos ora apresentam características de perfis, ora de crônicas ao que enriquece a leitura e mostra a liberdade entre os gêneros. As crônicas encerram a leitura. Ao todo são vinte textos que passeiam pelas principais temáticas do livro.

Tabela 4 - Partes do livro

PARTES DO LIVRO “OBSCENO NO PARAÍSO E OUTROS ESCRITOS”	
PARTES	DESCRIÇÃO DO CONTEÚDO
APRESENTAÇÃO	Breve introdução ao livro escrita pelos dois autores.
PREFÁCIO	Escrito pelo cientista social Rômulo do Nascimento Rocha, o texto traz sua análise e contextualização da obra.
PERFIS	
Obsceno no paraíso	Um personagem que transita entre o masculino e o feminino; que é vários e único ao mesmo tempo. O texto mostra um pouco da sua trajetória sexual até chegar ao pornô profissional.
Começo, meio, sexo e partida	Um jovem que, iniciando sua carreira acadêmica, vê-se sendo aliciado e aliciador de encontros sexuais com o dinheiro como moeda de troca.
RELATOS	
O preço do prazer	Um personagem que carrega uma enorme carga de melancolia frente às suas experiências sexuais envoltas em dinheiro como intermediário dos encontros.
Quem nunca transou por um mimo?	Neste texto, o protagonista se utiliza da tecnologia como meio para suas aventuras em busca de prazer sexual e material.
CRÔNICAS	
A melhor	Uma história que se passa em um <i>cruising bar</i> e tem uma apresentação de <i>fisting</i> ao vivo como pano de fundo.
Ah, se eu for lembrar...	Tendo um cinemão como cenário, o texto aborda temas como exibicionismo, tensão sexual, fetiche e sexo casual.

Cabeça cheia	Um encontro casual marcado através de um aplicativo de relacionamento.
Carta de um usuário	O texto traz as angústias e decepções de um usuário do Grindr em relação às suas expectativas quanto à plataforma.
Cinelist	Um personagem faz uma análise sobre uma lista de filmes com a temática LGBTQIA+ em um serviço de <i>stream</i> .
Como alcançar o coração de um homem?	Uma história sobre a experiência de <i>fistar</i> um homem.
De quatro (patas)	A narrativa aborda a temática do fetiche de dominação/submissão.
Ferramenta do pai	Um texto sobre memórias de infância.
Festa do galo	Tendo um encontro casual como pano de fundo, a crônica gira em torno de relatos de um dos personagens quanto a festas de orgia organizadas por ele.
Mesa de Bar	A história percorre os assuntos que recaem nas rodas de conversa entre amigos depois de algumas bebidas sobre a mesa de bar.
Nota 3	Dois personagens analisam a performance obscena contida num áudio recebido por um deles (enviado por um terceiro).
O Anfitrião	Um frequentador constante de um cinemão se dispõe a apresentar o lugar a um novato.
O melhor de três	Um relato sobre uma experiência excêntrica vivida enquanto garoto de programa.
Olheiro	Percorre a dinâmica da abordagem a rapazes universitários com o objetivo de aliciá-los à prática do sexo pago.
Ouro dos tolos	Tendo como base uma ocorrência policial, a história relata um encontro frustrado com uma tentativa de assalto.
Pequeno grumete	Um encontro casual entre dois homens com doses inesperadas de troca de afeto.
Positiva VIVA	Transcrição de uma música-manifesto a respeito do preconceito relacionado às pessoas que vivem com HIV/Aids.
Ribeirão Pedro	Uma aventura que cruza as divisas entre estados na busca por dinheiro, mas que vai além de um simples programa.
Toalha azul	A narrativa descreve a experiência de conhecer uma sauna.
Você curte fetiches?	Um relato sobre o primeiro contato com o mundo dos fetiches.

Fonte: Dos Autores

8 PROJETO GRÁFICO

O projeto gráfico e criativo ficou a cargo do querido Lucas Casemiro, que diagramou e ilustrou todo o material. A partir das ideias apresentadas no texto, a carga imagética buscou extrair dos textos sua essência, bem como recurso de preservação de identidades. Outros elementos gráficos, como guias de leituras, cores e tipografia compuseram o processo criativo.

Dados técnicos:

- Páginas diagramadas: 140 páginas
- Suporte: Impresso
- Tamanho: 150mm x 210 mm
- Tipografia: Bíblia (capa e títulos) / *Old London* (capitulares da apresentação, prefácio e agradecimentos) / *Utopia Std* (texto)
- Capitulares: 3 linhas (*Old London*)
- Livro de Brochura
- *Software* utilizado: InDesign 2020 / Photoshop 2020

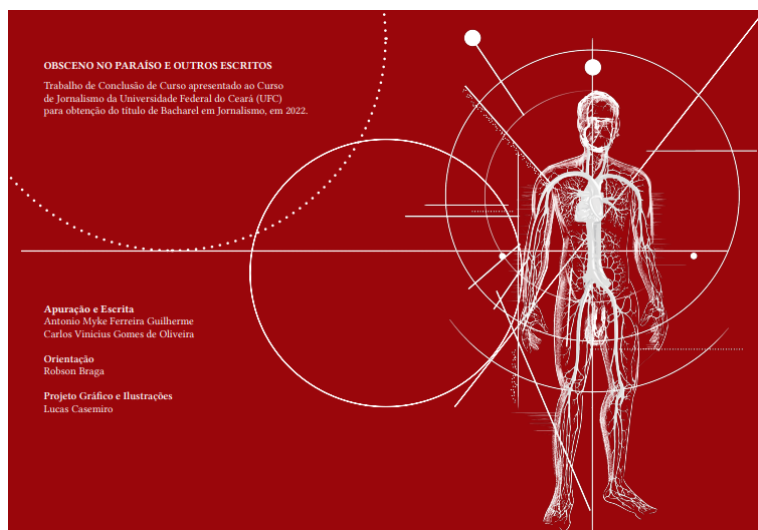
O livro é composto por nove ilustrações principais (uma para a capa, uma para a abertura, três para as sessões, duas para perfis e duas para relatos) mais 20 secundárias (para ornamentação de cada crônica, sendo uma utilizada também na contracapa).

As ilustrações das sessões entregam a ideia de movimento, com muitas linhas e sobreposições. Enquanto estas são mais denotativas, as as ilustrações de perfis e de relatos são mais alegóricas, sendo a linha um elemento importante no processo de criação das imagens, mas com traçados mais rápidos, inspirados em gravuras clássicas de temas religiosos, em especial as do desenhista e pintor francês Gustave Doré.

A arte da capa sugere um ato sexual, em que o homem sente prazer profundo. Seu parceiro, entretanto, é uma serpente, figura mitológica cristã importante para a ideia de pecado. Ele está no paraíso, mas já foi contaminado pelo seu desejo.

Com o mesmo intuito, as ilustrações das sessões Perfil e Relato criam essa atmosfera mística, em que homens e animais representam um ao outro. O homem, porém, nunca tem coragem de encarar o seu observador, enquanto os animais fazem questão de cravar o olhar naquele que o observa, de forma intimidadora.

O projeto também traz como referência a anatomia masculina, que ganha papel importante na ilustração da apresentação, passando a ideia do homem nu, visto por dentro, com todas as suas fragilidades. Já as 20 frutas que ornamentam as crônicas têm coloração vermelha, que serve ao projeto gráfico. Estão ali, belas, delicadas, exalando cheiro convidativo e texturas diversas, prontas para serem comidas. Destaque para a romã, fruta de difícil consumo por conta de todas as suas sementes, o que remete às contradições antes do prazer do sabor agridoce da romã.



Fontes tipográficas:

Bíblia

Utopia Std

Old London

Paleta de Cores:

Cor vermelha #862118 / CMYK 0, 100, 100, 42

Cor cinza: #ELE2DD / CMYK 15, 10, 15, 0

Cor branca: #FFFFFF / CMYK 0, 0, 0, 0

Cor preta: #000000 / CMYK 84, 83, 73, 80

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Richard. **Verbal art as performance**. *American Anthropologist*, n. 77, 1975, p. 290-311.

Bauman, Richard; Sherzer, Joel (Eds.). **Explorations in the ethnography of speaking**. 2ª ed. Cambridge, U.K.: Cambridge University Press, 1989[1974]

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio. **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Os anormais: Curso no Collège de France (1974–1975)**. São Paulo: Martins Fontes, 2001a.

Goffman, Erving. **The presentation of self in everyday life**. New York: Doubleday, 1959.

_____. **Frame analysis**. New York: Harper and Row, 1974.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

MOISES, Massaud. **A análise literária**. São Paulo: Editora Cultrix, 2007.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

ANEXOS



Foto 1: Registro da entrevista com Otávio.



Foto 2: Registro entrevista com Otávio.



Foto 3: Registro da visita à Sauna Rommeo.



Foto 4: Registro da visita à Sauna Rommeo.



Imagem 5: Print de um registro em vídeo de uma festa de orgia.